

Igreja Viva

Copyright © 2025 por Igreja Batista do Morumbi

Todos os direitos reservados.

Proibida a reprodução, no todo ou em partes, através de quaisquer meios, sem autorização expressa da editora.

www.ibmorumbi.com.br

    /ibmorumbi

Dedicamos este livro ao Senhor, o autor e consumidor da nossa fé (Hebreus 12.2), aquele que nos põe de pé e nos sustenta nos dias bons e nos dias maus. Dedicamos também a cada irmão e irmã que, ao longo destes 45 anos, contribuíram para que o Reino de Deus fosse manifesto por meio da igreja local e de sua presença no mundo.

SUMÁRIO

Sumário

8 Apresentação

11 Introdução

PARTE I

Igreja: Chamados pelo nome

18 Por que a Igreja importa?

Gabriel L. Neres

23 Ser Igreja: Chamados a refletir Cristo

Lisânias Moura

26 Ser Igreja: Chamados a acolher e repartir

Lisânias Moura

30 Ser uma igreja viva

Clauber Carrenho

34 Ser Igreja é viver o discipulado de Cristo

Gabriel L. Neres

39 Ser Igreja é viver a Palavra

Joyce Lima

42 Ser Igreja é ser a casa do Espírito Santo

Carolina Veloso

47 Ser igreja é viver a santidade no cotidiano

Rafaella Mascarenhas

52 Ser Igreja e sustentar a unidade em meio às diferenças

Lucas Vieira

PARTE II

Igreja: Edificada em Cristo

60 Ser Igreja é viver na dependência da oração

Noemi Zelma Pontuschka Gonçalves

65 Ser Igreja é exercitar a devoção com disciplina

Lisânias Moura

68 Ser Igreja é cultivar a devoção com perseverança

Lisânias Moura

72 Ser Igreja é Viver Simplicidade

Marcos Cunha

- 77 Ser Igreja é agir com sabedoria nos conflitos
Caroline Pereira
- 80 Ser Igreja é preparar líderes
Clauber Carrenho
- 84 Ser Igreja é discipular novas gerações
Lucas Vieira

PARTE III

*Igreja: Corpo em
Comunhão*

- 88 Ser Igreja e florescer no deserto
Isabella Branco
- 94 Ser Igreja é amar sem excluir, corrigir sem condenar
Thiago Costa
- 99 Ser Igreja é ser família
Gustavo de Souza
- 103 Ser Igreja e gerar famílias saudáveis
Fábio Carrenho
- 107 Ser Igreja é cuidar do outro
Sônia Paes
- 111 Ser Igreja é viver uma parceria divina
Marta Cedra
- 114 Ser Igreja e lidar com feridas emocionais
Helena Quiel
- 117 Ser Igreja e amar os marginalizados
Ilka Nagamine
- 122 Ser Igreja e promover justiça e misericórdia
Sandra Lago Moraes
- 128 Ser Igreja e viver compaixão urbana
Marcelo Fedoruk
- 132 Ser Igreja em tempos de polarização
Fabio Pontuschka

PARTE IV

*Igreja: Luz para
o Mundo*

- 138 Ser Igreja é viver a alegria do Evangelho
Lilian Copertino
- 143 Ser Igreja é levar uma mensagem de esperança
Ely Matos

- 147 Ser Igreja é ser uma agência do Reino
Hugo Ramos
- 153 Ser Igreja e viver em ação missionária
Tiago Alves
- 156 Ser Igreja e sustentar os ministérios
Lilian Copertino
- 160 Ser Igreja e viver o Evangelho no trabalho
Augusto Nellessen
- 166 Ser Igreja e servir com generosidade
Cinda Pereira
- 169 Ser Igreja e discipular na cultura digital
Vinicius Amado
- 174 Ser Igreja e viver a compaixão como estilo de vida
Cristiane Luíza

PARTE V

Igreja: Firme na Esperança

- 182 Ser Igreja e buscar o avivamento
Clauber Carrenho
- 185 Ser Igreja e não andar ansioso
Helena Sarhan
- 189 Ser Igreja e enfrentar o silêncio de Deus
Edite Colaço
- 194 Ser Igreja quando a fé vacila
Rafael Galvão
- 197 Ser Igreja e viver além das distrações digitais
Thatiane Guedes
- 200 Ser Igreja e aguardar o retorno de Cristo
Joyce Lima
- 203 Ser Igreja e perseverar em meio à dor
Tom Santos
- 208 Ser Igreja e manter viva a esperança
Michel Lyra
- 212 Ser Igreja e ser fiel até o fim
Juliana Carrenho
- 219 Posfácio

APRESENTAÇÃO

Apresentação

Histórias são feitas por pessoas. Histórias são feitas por pessoas em lugares. Histórias são feitas por pessoas em lugares fazendo história. Os 45 anos da Igreja Batista do Morumbi foram moldados assim — por gente comum, em lugares diversos, sustentados por uma convicção: proclamar o evangelho de Jesus Cristo de Nazaré.

Como todo organismo vivo, nossa igreja nasceu pequena, mas cheia de potencial. Começou a germinar no lugar mais íntimo de uma casa, a sala de estar do pastor Ary Velloso e de sua esposa Carollyne. Ali, entre conversas barulhentas, perguntas sinceras e o calor da comunhão, Deus soprava vida.

Em 1980, foi preciso expandir. O Novotel tornou-se nosso novo endereço, e com ele veio o reconhecimento público de uma igreja que não queria apenas existir, mas viver, e viver com propósito. Uma igreja que respira evangelho, que se alimenta da Palavra, que pulsa com compaixão, que se move com fé.

O tempo passou. Veio o crescimento, a maturidade, os desafios. Em 1985, essa comunidade pujante desejou uma casa própria. E como todo organismo vivo que cresce, começamos a construir entrelaçando ação e coração. Quem viveu aqueles dias lembra dos cultos sob o céu aberto, do sol atravessando a estrutura inacabada, da poeira que se misturava com o louvor. Era como se cada pedra e cada viga dissessem: aqui vive uma igreja.

Mas igrejas vivas não se medem apenas por paredes levantadas,

mas sim por gente transformada. E assim seguimos, como nos dias da Igreja primitiva: partindo o pão, orando juntos, louvando a Deus com alegria e sinceridade de coração, e vendo o Senhor acrescentar à comunidade aqueles que seriam salvos (Atos 2.46-47).

Em 2025, celebramos 45 anos. E, mais do que um número, esse marco é um chamado à consciência. Todo corpo vivo é formado por sistemas que operam juntos em harmonia. Assim também é a Igreja. Cristo é o Cabeça (Cl 1.18), e nós, membros do seu corpo, nos movemos por meio de ministérios, dons e núcleos que mantêm essa vida fluindo. Na Igreja Batista do Morumbi, isso acontece de forma concreta e visível: o que fazemos (adorar, acolher, servir, conduzir) é expressão de quem somos.

Neste livro, reunimos 45 textos devocionais escritos por membros da nossa comunidade, antigos e novos, líderes e voluntários, jovens e experientes. Cada texto é como uma célula desse corpo, cheia de vida, testemunho e Palavra. Aqui, cada autor compartilha não apenas ideias, mas vivências — histórias que mostram como a vida de Cristo está presente em nosso meio.

Ao final de cada devocional, você encontrará perguntas para reflexão e um versículo para memorização. Use esses recursos com intencionalidade. Leia com calma. Anote. Ore com as perguntas abertas diante de Deus. Medite nos versículos durante a semana. Convide alguém para partilhar a leitura com você. Transforme cada página num altar de escuta e resposta.

Que ao percorrer estas páginas você perceba que ser Igreja é mais do que frequentar um culto: é participar de um organismo vivo, chamado e sustentado por Deus, para a glória de Cristo e para a salvação do mundo.

Nossa oração é que este livro fortaleça sua vida com Deus, desperte novos compromissos e aprofunde sua experiência devocional. Que ele seja, em suas mãos, como um espelho que revela — e uma janela que convida: venha viver como parte de um corpo vivo, chamado pelo nome, edificado em Cristo, em comunhão, em missão, e com os olhos firmes na esperança. Porque estamos vivos. E estamos em missão.

O passado nos ancora. O presente nos desperta. O futuro nos chama. Que venham os próximos capítulos. Estamos vivos. E estamos em missão.

Gabriel L. Neres, EDITOR E CURADOR DO PROJETO

INTRODUÇÃO

Era abril de 1973. Eu estava participando de um workshop liderado pelo pastor Ary Velloso no seminário onde eu estudava. E, no fim do exercício, ele disse aos seus alunos: “Estou orando para começar uma igreja em São Paulo, uma igreja que alcance um povo não alcançado.” Por vários anos, não me encontrei com o pastor Ary, mas certo dia um amigo me disse: “Estou frequentando a casa do Pr. Ary Velloso, e uma nova igreja surgirá com uma cara totalmente diferente das igrejas em São Paulo.”

Lembrei daquele workshop de sete anos atrás. As orações do Pr. Ary Velloso haviam sido respondidas. Estava surgindo a Igreja Batista do Morumbi, fundada para alcançar um bairro não alcançado em São Paulo, como ele dizia. Desde que começou a orar e sonhar com essa igreja, ele repetia: “Evangelho é para todos, não apenas para a periferia, mas para todas as classes sociais no Brasil e no mundo.”

Sete pessoas formaram o grupo que participou da primeira reunião da futura igreja. De uma sala em que mal cabiam vinte pessoas, o grupo se mudou para uma casa um pouco maior na mesma rua — mas o espaço logo ficou pequeno. E daí surgiu uma grande inovação: o grupo passou a reunir-se em um hotel. Isso foi diferente. Igrejas normalmente saíam de uma casa para uma garagem e, então, para um pequeno salão. Com a IBMorumbi foi diferente. Seu fundador pensou com ousadia: “Uma garagem não atrairia pessoas-chave”, como ele dizia. Anos mais tarde, muitas igrejas seguiriam esse mo-

delo e passariam a usar salões de convenções em hotéis para suas reuniões iniciais.

Como no livro de Atos, Deus foi acrescentando ao grupo, a cada semana, aqueles que iam sendo salvos. E não somente os que iam sendo salvos, mas também os machucados, decepcionados, esquecidos e abandonados. Desde seu início, a IBMorumbi exibia um traço de igreja acolhedora para todo tipo de pessoa. Era a graça de Deus.

O espaço do hotel onde aconteciam as reuniões ficou pequeno. Surge outra inovação: dois, três, quatro cultos por domingo. Havia uma alegria inexplicável. Não pelo número de pessoas, mas pelas histórias de transformações, reconexões, famílias reconstruídas. Veio, então, uma nova fase e um novo local. Um colégio — o Mário de Andrade, no bairro do Brooklin — foi alugado aos domingos. Os frequentadores se realizavam a cada domingo ao montar e desmontar o salão de cultos. Agora, as crianças tinham um bom espaço para serem acolhidas, mesmo que fosse um local alugado.

Mas um anseio surgiu — a igreja precisava de um local próprio, algo natural para um grupo ou família que cresce. Um terreno surgiu. A referência era um espaço perto do “Pão Pullman”, próximo à Giovanni Gronchi, no Morumbi. A igreja já se chamava Igreja Batista do Morumbi, mas ainda não estava no Morumbi. Mas orar era também parte do DNA da nova igreja. E assim, como fruto de oração, a igreja comprou aquele terreno perto da Pullman. Uma região quase deserta — mas Deus saberia o que viria, ou o que Ele construiria no futuro. Ali, Deus construiria uma igreja para alcançar “os dois lados do Morumbi”.

Vencedores por Cristo — um grupo que estava revolucionando o

ministério com jovens, treinamento e discipulado de líderes – fez da IBMorumbi seu quartel-general. Outra inovação surgiu na igreja brasileira: um colegiado de pastores. Depois de quatro anos de fundação, a equipe pastoral já contava com os pastores Ary Velloso, Guilherme Kerr, Paulo Moreira, Renato Cobra e Luiz Zitti.

O tempo no colégio do Brooklin foi uma incubadora para orar e buscar em Deus os recursos para o novo prédio. Outro traço surgiu na história da nossa igreja: fé. Vigas caríssimas precisavam ser colocadas – e fé precisava ser exercida. Parecia impossível, mas Deus respondeu. Cada viga foi um milagre que lançou fundamentos de fé para as próximas experiências de construção, missões, evangelismo e discipulado.

No novo prédio, o tempo de amadurecer – apesar da pouca idade – chegou. Os traços de uma igreja inovadora, acolhedora, missionária, cheia de fé e com um púlpito comprometido com as Escrituras foram sendo aprofundados.

Quarenta e cinco anos se passaram desde aquele primeiro de março de 1980. A igreja não mudou em seus fundamentos: foco em Deus e em sua Palavra. Hoje, somos uma igreja sem limites de sexo, etnia, língua, nível social ou nível econômico. Aqui se encontram pessoas diferentes umas das outras, mas com um só coro no coração: resgatados da escravidão do pecado e livres para servir a Jesus.

De apenas uma sala, hoje são mais de 100 salas – salas de estar dos membros da igreja que, semanalmente, recebem outras pessoas nos chamados Pequenos Grupos. De um início com um missionário, hoje temos 16 missionários servindo em quatro continentes. De apenas dois ou três dons espirituais representados, hoje, com mais de

quarenta ministérios, a igreja está servindo uns aos outros. Ao longo destes 45 anos, sete igrejas filhas foram plantadas com o mesmo DNA da igreja mãe.

Mas o que mais me apaixona é perceber um novo momento trazido por Deus. Hoje estamos vivendo um novo despertar: fome pela Palavra. Os nossos olhos começam a ver não apenas os continentes, mas aqueles ao redor da igreja. Uma nova geração está percebendo que, acima da carreira e dos recursos financeiros, o relacionamento com Deus — e suas implicações — vem primeiro.

Contudo, acima destes novos traços, um traço maior está surgindo: ser Igreja. Queremos ser Igreja no que diz respeito a aprofundarmos nosso amor por Jesus. Este aprofundamento é fruto da atuação do Espírito Santo na vida da igreja. Como fruto disso, ser igreja implicará mais amor uns pelos outros — e isso será a marca de Jesus em nossa igreja. Ser igreja implicará ter compaixão uns pelos outros e repartir uns com os outros aquilo que Deus nos dá. Ser igreja implicará sermos proativos amorosamente em direcionar pessoas para Jesus. Ser igreja significará cada um e cada uma oferecer a própria vida, o próprio corpo para Deus e deixar-se dirigir por Ele, sabendo os planos que Ele tem para cada um. Estamos começando a ver este novo SER IGREJA. E, por causa do foco em Deus, os próximos anos serão mais significativos do que os primeiros 45, com o alvo de fazer Deus e seu amor serem vistos ainda mais no mundo no qual vivemos. É aqui aonde queremos chegar.

Como isso será possível? Se cada membro e frequentador desta igreja se engajar no “aonde queremos chegar”, como dito acima. Mas isso somente será possível se nos apegarmos à Palavra — que nos

moldará a este plano divino. Por isso, este devocional em suas mãos.

Não o deixe sobre a sua mesa da sala de TV, mas carregue-o com você. Chame a família para ler junto este material e orar juntos pelo que queremos: queremos SER IGREJA. Esta oração de família Deus terá o maior prazer em responder.

Estou comprometido com este alvo: SER IGREJA. Quero continuar sendo parte da história de Deus conosco — Deus nos fazendo SER IGREJA.

Lisânias Moura

PARTE I

Chamada pelo Nome

IGREJA

DEVOCIONAL 1

POR QUE A IGREJA IMPORTA?

Gabriel L. Neres

Em entrevista concedida ao jornal *The Independent* em meados de 2017, Mark Zuckerberg, CEO do Facebook, sugeriu que as comunidades de sua rede social seriam uma resposta ao esvaziamento das comunidades locais – especialmente, das igrejas. Segundo Zuckerberg: “muitas pessoas agora precisam encontrar um senso de propósito e servir de apoio em outro lugar. [...] Se pudermos fazer isso, não iremos apenas contornar a queda do número de membros nas comunidades que temos visto ao longo de décadas, mas vamos começar a reforçar a nossa fábrica social e aproximar o mundo”.

A afirmação de Zuckerberg não é tão incomum quanto parece. Ela se reflete em convicções como: “a Igreja sou eu, não preciso fazer parte de uma comunidade”; “Jesus não frequentava uma igreja local”; “Deus me basta, não preciso de uma Igreja”, entre tantas outras. O fenômeno tem se consolidado no que se convencionou chamar de “desigrejados”.

No versículo 15 de Mateus 16, Jesus pergunta aos discípulos: “E vocês, quem dizem que eu sou?”. Prontamente, Pedro responde: “Tu és o Cristo, o Filho do Deus vivo!” (v.16). Concordando com a afirmação, Jesus declara: “Feliz é você, Simão, filho de Jonas, porque isto não lhe foi revelado por carne ou sangue, mas por meu Pai que está nos céus. E eu lhe digo que você é Pedro, e sobre esta pedra edificarei a minha igreja, e as portas do Hades não poderão vencê-la” (v.17-18).

Há um jogo de palavras interessante na sentença. O nome Pedro e a palavra “pedra”, em grego, possuem sentidos distintos, embora relacionados. *Petros* (Pedro) significa uma pedra solta, destacada; *petra* (pedra) remete a um conjunto sólido de pedras, uma rocha firme, uma fortaleza.

O fundamento de sustentação da Igreja é a fé em uma pessoa: Jesus Cristo. Embora a declaração tenha sido feita por Pedro, a ênfase de Jesus está no conteúdo da confissão — e não na figura de Pedro em si. A esfera comunitária é condição essencial para a existência da Igreja. Jesus afirma: “sobre esta pedra (confissão de fé) edificarei a minha Igreja”.

O termo *ekklesia* (“igreja”) se refere a um grupo de cristãos reunidos, uma comunidade separada para Deus. Em essência, a palavra diz respeito a uma assembleia. Ser Igreja é estar reunido. Jesus não diz: “Muito bem, Pedro, fique sozinho repetindo essa confissão”; pelo contrário, a declaração individual de Pedro é ecoada por uma comunidade. Todos os que, unidos em uma só fé e em um só Espírito, proclamam “Tu és o Cristo, o Filho do Deus vivo” são a Igreja à qual Cristo se referia.

Em síntese, ser Igreja é pertencer a uma comunidade que professa, em uníssono, a fé no Filho de Deus que encarnou, morreu e ressuscitou. Não há qualquer base bíblica que sustente a ideia do “desigrejar-se”.

Ao longo da história, a comunidade de Cristo foi estigmatizada, perseguida, humilhada e morta, mas jamais desapareceu do mundo — porque ninguém pode destruí-la. Nem mesmo uma rede social.

Mas por que a Igreja é tão resistente? A afirmação de John Stott no livro *A Igreja Autêntica* responde com clareza: “A Igreja está no centro do propósito eterno de Deus. O propósito divino, que foi concebi-

do numa eternidade passada, está sendo cumprido na história e será aperfeiçoado numa eternidade futura. E esse propósito não é apenas salvar indivíduos isolados, perpetuando nossa solidão, mas edificar sua Igreja — convocar do mundo um povo para a sua própria glória”.

A vida comunitária fortalece nossa esperança de que um dia estaremos com o Senhor. É muito bom estar entre concidadãos. Se você já viajou para outro país além do seu, talvez entenda esse sentimento. Encontrar um brasileiro na Rússia, China, Angola ou EUA desperta uma emoção mista: ao mesmo tempo em que ouvimos o eco da nossa pátria, sentimos que aquele lugar não é o nosso lar definitivo.

A Igreja do Senhor provoca esse sentimento nos cristãos: ela nos lembra que somos forasteiros na Terra — e que a nossa pátria está nos céus. Mas não é apenas isso. A Igreja tem o propósito de glorificar ao Senhor com tudo o que é, faz e diz.

É na Igreja que o amor é desenvolvido (Ef 3.10; Jo 13.34-35), que a comunhão é cultivada e a edificação mútua promovida (Hb 10.19-25; Sl 84.4,10; At 2.42). É no ambiente da Igreja que os frutos do Espírito são praticados (Gl 5.22-23), que a oração coletiva ganha força (At 2.46-47), que se expressa o amor mútuo (Fp 1.27), a unidade, o cuidado (Rm 12.15; 1Co 12.26; Gl 6.2), e o socorro comunitário (Mt 25.40; Jo 12.8; At 15.36).

Há quem acredite que é possível viver o cristianismo de forma independente, como a “Mãozinha” da Família Addams — uma parte desconectada do corpo. Essa figura só existe na fantasia. No mundo real, e porque não dizer no mundo espiritual, membros amputados morrem. Não há vida fora do corpo.

O conceito de “desigrejado” é, em essência, antibíblico. O propósito de Deus para a Igreja envolve identidade e atuação. Somos o

corpo de Cristo, seus instrumentos no mundo, a agência responsável por expandir o Reino na Terra.

Mark Dever, também no livro *A Igreja Autêntica*, escreve: “Quando interagimos com outros cristãos, mostramos ao mundo o que é realmente o cristianismo. Denunciamos a falsa noção de que os cristãos são pessoas detestáveis e cheias de justiça própria, que se incomodam com o fato de alguém, em algum lugar, estar se divertindo — e que creem, acima de tudo, em sua própria bondade”.

Por fim, lembremo-nos da exortação expressa em Hebreus: “Entremos com coração sincero e plena confiança, pois nossa consciência culpada foi purificada, e nosso corpo, lavado com água pura. Apeguemo-nos firmemente, sem vacilar, à esperança que professamos, porque Deus é fiel para cumprir sua promessa. Pensemos em como motivar uns aos outros na prática do amor e das boas obras. E não deixemos de nos reunir, como fazem alguns, mas encorajemo-nos mutuamente, sobretudo agora que o Dia se aproxima” (Hb 10.22-25).

Ser Igreja, portanto, significa: (i) estar alicerçado na promessa; (ii) estimular ao amor; (iii) estimular às boas obras; (iv) congregar; (v) admoestar.

Nenhum dos mandamentos listados pelo autor de Hebreus sustenta a possibilidade de uma vida cristã desvinculada da experiência comunitária. Ser Igreja é pertencer ao corpo do qual Cristo é o cabeça.

As Escrituras falam de um corpo orgânico e sadio — não de um corpo como o do Dr. Frankenstein, feito de partes isoladas costuradas. Como ensina o apóstolo Paulo: “Da mesma forma que o nosso corpo tem vários membros, e cada membro uma função específica, assim também é com o corpo de Cristo. Somos membros diferentes

do mesmo corpo, e todos pertencemos uns aos outros” (Rm 12.4-5).

Por que a Igreja importa? Porque ela é o centro nevrálgico do propósito de Deus. É nela que os relacionamentos horizontais (cristãos com cristãos) e verticais (cristãos com Deus) se tornam visíveis e reais.

Perguntas para reflexão

1. Você tem vivido sua fé cristã de maneira comunitária ou tem caído na armadilha do individualismo espiritual? Como sua vida tem refletido o compromisso com a Igreja local?
2. De que forma você pode contribuir, com seus dons e atitudes, para fortalecer sua comunidade de fé como expressão viva do corpo de Cristo?

Texto para memorizar

“Pois há um só corpo e um só Espírito, assim como vocês foram chamados para uma só esperança.”

— Efésios 4.4

DEVOCIONAL 2

SER IGREJA: CHAMADOS A REFLETIR CRISTO

Lisânias Moura

Certa vez, uma pessoa veio à minha sala e pediu perdão pela pergunta que faria, pois, segundo ela, já deveria ter a resposta. Mesmo assim, perguntou:

“Lisânias, por que você está dizendo que precisamos ser Igreja? Nós já somos Igreja, não?”

Agradei pela pergunta e honestamente comentei: “Filha, creio que este é um dos maiores desafios que Deus nos deu — pessoalmente e como comunidade. Eu mesmo continuo lutando para captar, com mais profundidade, o que realmente significa ser Igreja. Por isso, sou grato por sua pergunta. Deixe-me repartir alguns pensamentos.”

“Imagino”, continuei, “que ser Igreja é viver uma vida que imita Jesus.”

Será possível? Antes de responder, precisamos lembrar como Jesus viveu. O pensamento mais básico sobre a possibilidade de ser Igreja começa pela compreensão de que Jesus foi enviado pelo Pai. Nosso Salvador tinha isso muito claro em sua mente: sua missão estava diretamente ligada a um chamado divino.

A razão primária de Jesus ter vindo ao mundo foi glorificar o Pai fazendo a sua vontade. Ainda que Jesus só tenha mencionado a Igreja duas vezes nos Evangelhos, fica claro, pelo livro de Atos, que sua obra redentora resultaria na criação da Igreja.

Essa Igreja mencionada por Jesus deveria refletir a própria pessoa dele. Caso contrário, seríamos apenas um clube de autoajuda — e não uma assembleia de adoradores que vivem pela ajuda que vem do alto. Teremos “cara de Igreja” quando nosso viver for uma imitação de Jesus.

Então, quais aspectos da vida de Jesus podemos imitar para que nossa Igreja realmente seja Igreja?

Pensei por um instante e disse: “Filhinha, certamente não conseguimos listar todos, mas podemos lembrar alguns traços de Jesus que uma igreja comprometida em ser Igreja deve refletir.”

Compartilhei com ela algumas ideias...

Uma igreja que quer ser Igreja terá um olhar divino para com as pessoas. Quando Jesus viu Mateus sentado na coletoria, ele não viu apenas o desonesto cobrador de impostos. Sabia que Mateus podia extorquir além dos 1% exigidos por Roma — e provavelmente o fazia. Mas Jesus não enxergou só o extorquidor. Ele viu alguém que o Pai poderia transformar.

Uma igreja que é Igreja cria um ambiente em que qualquer pessoa — independentemente de sua origem ou passado — se sinta bem-vinda e enxergada como alguém transformável pela graça de Deus.

A jovem permaneceu atenta e perguntou: “E o que mais?”

Disse a ela: “Uma igreja que quer ser Igreja também será uma igreja sem preconceitos.”

Logo após Jesus chamar Mateus, ele participa de uma festa na casa dele (Mateus 9). Quem estava na festa? Um grande número de cobradores de impostos e publicanos. Os publicanos eram pobres que não tinham recursos para sacrificar no templo e, por isso, eram vistos como desprezíveis. Também eram corruptos — prostitutas,

adúlteros, excluídos.

Jesus não teve vergonha de ser visto com essas pessoas. Ele não foi conivente com seus pecados, mas as acolheu.

A jovem reagiu: “Isso é fora de série. Ter pessoas assim na igreja pode gerar insegurança. Pode até fazer alguns irem embora...”

“Sim”, respondi. “Mas se queremos ser Igreja, precisamos correr riscos. Não podemos ser uma igreja apenas para os certinhos que não nos dão trabalho.”

Perguntas para reflexão

1. Sua vida — dentro e fora da igreja — tem refletido os traços de Cristo, especialmente no acolhimento e no olhar gracioso para com os que são considerados “difíceis”?
2. Que passos concretos você pode dar para que sua comunidade local se torne um lugar onde pessoas de todos os contextos possam ser vistas como transformáveis pela graça de Deus?

Texto para memorizar

“Sejam meus imitadores, como eu sou imitador de Cristo.”

— 1 Coríntios 11.1

DEVOCIONAL 3

SER IGREJA: CHAMADOS A ACOLHER E REPARTIR

Lisânias Moura

A avidez daquela jovem com quem eu conversava me motivou ainda mais a continuar partilhando. Eu disse: “Uma igreja que quer ser Igreja precisa dar um passo de acolhimento em direção àquele que é diferente de nós.” Ela logo perguntou: “Quem é o diferente de nós hoje, Lisânias?” Pensei um pouco e, antes de tentar responder, devolvi a pergunta: “Você se lembra de quem era considerado diferente para Jesus em sua época?” Depois de refletir por alguns instantes, ela respondeu: “Creio que os leprosos eram esses diferentes.” Gostei demais da resposta dela, e então relembramos juntos um dos encontros de Jesus com um leproso, narrado em Marcos 1.

Duas verdades saltaram aos nossos olhos. Primeiro, Jesus não teve repulsa. O leproso se aproximou, e Jesus o acolheu. Segundo, Jesus não impôs barreiras de acesso. As pessoas vinham como estavam. Aquele homem certamente tinha o corpo deformado, odor forte, e, ainda assim, Jesus o recebeu. Conversamos sobre como uma igreja que quer ser Igreja precisa criar um ambiente de informalidade onde líderes e membros, servos e pastores, sejam acessíveis, livres de preconceitos, e prontos para acolher. Mas algo ainda mais profundo surgiu: Jesus tocou o leproso. O verbo usado ali em Marcos 1.41 carrega a ideia de um toque firme, talvez até um leve aperto. Isso nos impactou.

Minha interlocutora comentou: “Então uma igreja que quer ser Igreja não apenas evita repulsa, mas também precisa estar disposta a tocar o diferente.” Quase gritei “Aleluia!”

Passamos então a pensar sobre quem são os “diferentes” hoje. Provavelmente os mesmos de antes: o estrangeiro, o de aparência ou cor distinta, o homoafetivo, o tatuado, o pobre, o malcheiroso, o que ninguém cumprimenta. E, como se para confirmar tudo isso, durante um intervalo para um cafezinho, nos encontramos com um homem que parecia deslocado. Tímido, visivelmente constrangido, talvez sem ter tomado banho, ele aceitou nosso café com relutância. “Ele parece ser diferente”, sussurrou minha filhinha. Eu perguntei: “O que faremos?” Ela respondeu: “Vamos perguntar se ele precisa de algo?” Fiquei apreensivo com a possibilidade de ele dizer que sim. Mas, lembrando da conversa que havíamos acabado de ter, perguntei: “Tem algo com que possamos te ajudar hoje?”

O homem tirou uma receita médica do bolso, pediu desculpas e perguntou se poderíamos ajudá-lo. Minha primeira reação foi duvidar — nunca o tinha visto antes. Mas minha interlocutora me lembrou com um sussurro: “Ele é o diferente... Ele é nosso próximo. E somos Igreja.” Fui quebrado por dentro. Pensei em encaminhá-lo à AMIS, mas senti que a resposta certa era outra: se ele é nosso próximo, nós mesmos podemos ajudar. Tirei alguns trocados do bolso. Minha filhinha, com seus 17 anos, disse: “Quero participar. Ele é meu próximo.” Aquilo me constrangeu. Tirei mais — agora da carteira.

Voltamos à sala e refletimos sobre mais um aspecto de ser Igreja: uma igreja que quer ser Igreja precisa ser generosa e aprender a repartir. Jesus repartiu conosco — seus diferentes — aquilo que tinha

de mais precioso: sua vida. Sem hesitar, sem medo da dor da separação com o Pai, Ele entregou tudo. Concluimos que só somos verdadeiramente generosos quando damos além do que nos é confortável, movidos pelo amor de Deus.

Àquela altura, retornamos à pergunta que deu início à conversa: “Por que queremos ser Igreja? Já não somos Igreja?” Relembramos 1 Coríntios II.1: ser Igreja é imitar Jesus. E Jesus não teve preconceito. Ele acolheu o diferente. Repartiu o que tinha. Podemos ter um bom coral, um prédio bonito, um nome conhecido, mas isso não nos faz Igreja. Podemos nos sentar em belos salões, mas nos tornamos Igreja quando olhamos para quem está ao nosso lado — mesmo sem conhecê-lo — e perguntamos com sinceridade: “O que posso fazer por você hoje?”

Seremos Igreja de verdade quando formos Igreja na primeira pessoa do singular. Quando cada um de nós, individualmente, abandonar os preconceitos e adotar uma postura acolhedora e generosa, nossa comunidade será transformada. Mas será que essa mudança é possível?

Minha interlocutora me respondeu com sabedoria: “Sem Jesus, nada podemos fazer.” Acrescentei: “E, muitas vezes, nem queremos imitá-lo.” Ela completou: “Mas, se isso é pecado, devemos confessar nossa insensibilidade.” Então dissemos juntos: se queremos imitar Jesus, precisamos mergulhar na Palavra, conhecê-lo mais profundamente e depender dele para sermos parecidos com Ele.

Pedi que ela orasse. E ela orou assim: “Senhor Jesus, me faz parecer contigo, para que, parecendo contigo, eu possa contribuir para que minha querida IBMorumbi seja uma Igreja de verdade — não apenas algo que parece ser Igreja.”

Perguntas para reflexão

1. Quais pessoas ou perfis você costuma evitar - mesmo inconscientemente - em sua comunidade de fé? Como Jesus te convida a acolhê-las como Ele fez?
2. O quanto da sua generosidade tem sido realmente sacrificial e orientada pelo amor de Cristo? Você costuma repartir apenas o que sobra ou também o que custa?

Texto para memorizar

“Portanto, como filhos amados de Deus, imitem-no em tudo o que fizerem.”

— Efésios 5.1

DEVOCIONAL 4

SER UMA IGREJA VIVA

Clauber Carrenho

Em 2017, convidamos todos os líderes voluntários da nossa igreja para juntos, revisitarmos a declaração de missão da Igreja Batista do Morumbi. Um dos objetivos era alinhar o nosso “jeitão de ser” com aquilo que desejamos comunicar como igreja: como tratamos as pessoas, como ensinamos, como cuidamos e, sobretudo, como refletimos nosso Mestre Jesus. Chegamos à conclusão de que não somos perfeitos, e que todos esses aspectos precisam ser aprimorados continuamente. Após semanas de conversa e oração, com a participação de muitos líderes, afirmamos juntos: queremos ser uma igreja viva, que adora, acolhe, serve e conduz pessoas para um relacionamento com Jesus Cristo. Essa é a nossa missão. É assim que queremos ser reconhecidos: como uma comunidade viva. E, se você prestou atenção, tudo começa por aí — ser uma igreja viva!

Mas o que significa, afinal, ser uma igreja viva? Corremos um risco ao tentar responder isso com pressa. É comum associarmos o conceito de “vida” com movimento. E logo pensamos que uma igreja viva é uma igreja que está sempre em atividade, conectada com a realidade ao seu redor, atenta às necessidades das pessoas, envolvida em projetos. Em certo sentido, isso faz parte da resposta — mas talvez seja uma tentativa superficial, moldada pelos padrões acelerados do século 21.

Para refletir melhor, proponho uma analogia — a mesma que Jesus usou para explicar o que acontece com alguém que crê que Ele

é o Filho de Deus. Ele disse: “Rios de água viva brotarão do interior...” (Jo 7.38). Para mim, uma igreja viva é como um rio de águas vivas. Pense naquele rio de águas claras, limpas, cuja correnteza nos deixa maravilhados — às vezes até extasiados. Um movimento constante, alimentado por uma força invisível que desafia a lógica humana. É impressionante como algo que nasce de maneira tão simples, brotando da terra sem barulho nem pressão, pode se tornar majestoso em seu curso. O Brasil tem bons exemplos assim. Se você já esteve à beira de um rio desses, sabe do que estou falando.

Por onde passa, suas águas deixam marcas — e muitas vezes, marcas permanentes. A diversidade de vida ao redor e dentro dele é imensa. Flora, fauna, tudo floresce à sua volta. Sociedades inteiras se desenvolveram nas margens de grandes rios. Um rio de águas límpidas transforma tudo ao seu redor à medida que segue seu curso. Assim entendo a Igreja viva: formada por pessoas que creem em Jesus Cristo e, à medida que avançam em suas jornadas, transformam o ambiente onde vivem. Relacionamentos tornam-se canais de vida abundante. Mas o poder que sustenta esse movimento não é humano — é o Espírito Santo de Deus.

Existe, porém, uma condição fundamental para que a Igreja seja viva: ela precisa crer em Jesus Cristo. Digo mais: ela precisa viver aquilo em que crê. Saber é uma coisa, viver é outra. Se cremos que Jesus é nosso Senhor e Redentor, que morreu por nossos pecados e nos reconciliou com o Pai por amor incondicional, então nossa vida deve buscar refletir a dele. E como Jesus viveu? Ele obedeceu ao Pai, acolheu os desprezados, amou, perdoou, ensinou, corrigiu, sofreu, chorou, indignou-se, curou, perdeu — e, por onde passou, buscou os perdidos.

É desse jeito que queremos ser Igreja: imitando Jesus. Uma igreja viva é aquela que, movida pelo Espírito Santo, deixa por onde passa o perfume de Cristo — que transforma. É uma igreja que adora ao Pai por meio da leitura da Palavra, da oração, do silêncio diante de Deus, da confissão de pecados e da comunhão com todos — inclusive com aqueles que ainda não creem. E o fruto visível de tudo isso é um só: amor.

Mas é preciso dizer com honestidade: mesmo que façamos tudo isso, se o fizermos sem dependência do Espírito Santo, tudo será em vão. Será desperdício de energia.

Queremos ser uma igreja viva, movida pela dependência do Espírito, e comprometida em viver como viveu Jesus Cristo. Encorajo você a meditar na promessa registrada no Evangelho de João: “Pois as Escrituras declaram: ‘Rios de água viva brotarão do interior de quem crer em mim’” (João 7.38).

Agora, eu pergunto a você, que é parte da Igreja: rios de água viva têm brotado do seu interior? Seu entorno tem sido banhado por essas águas límpidas que transformam? Ou há áreas da sua vida que ainda se parecem mais com pântanos escuros e malcheirosos, onde a esperança não alcança e a vida parece ter se ausentado?

Se você se sente assim, talvez ache que não tem como ser portador de transformação para alguém. Mas há esperança! Jesus é o único capaz de invadir os pântanos da sua vida e transformá-los em rios de águas vivas. Vá até as Escrituras. Leia sobre Ele. Creia nele. Renda-se a Ele. Deixe-se transformar — e, então, transforme!

Se esse é o seu desejo, convido você a orar com sinceridade:

“Senhor Jesus, invada com tua luz os pântanos da minha vida. Espírito Santo de Deus, traga ao teu servo (ou serva) a rendição ao

senhorio de Jesus Cristo, e transforma, com teu poder, os pântanos em rios de águas vivas! Como membro da tua Igreja, para a glória do nosso Deus, confesso que sou pecador e necessito da tua misericórdia e perdão. Uma coisa só te peço: que eu possa ser um instrumento de vida e transformação em tuas mãos! Amém!”

Perguntas para reflexão

1. Existem áreas em sua vida que se parecem mais com pântanos estagnados do que com rios de águas vivas? O que você entende que Jesus deseja transformar nelas?
2. O seu entorno – família, trabalho, amizades – tem sido banhado pelas marcas de uma fé viva em Cristo? Como você pode ser mais intencional em deixar o “perfume de Cristo” por onde passa?

Texto para memorizar

“Pois as Escrituras declaram: ‘Rios de água viva brotarão do interior de quem crer em mim.’”

– João 7.38

DEVOCIONAL 5

SER IGREJA É VIVER O DISCIPULADO DE CRISTO

Gabriel L. Neres

Em 1986, a seleção argentina de futebol sagrou-se campeã mundial pela segunda vez em sua história. Diego Maradona era o principal nome daquela seleção. Na ocasião, o jogador protagonizou um dos lances mais emblemáticos da história das Copas: “*La mano de Dios*”. Aos seis minutos do segundo tempo, no histórico jogo contra a Inglaterra, válido pelas quartas de final, Diego Maradona abriu o placar com um gol irregular: o jogador havia utilizado a mão para colocar a bola na rede. Percebendo que nem todos estavam convencidos acerca da jogada, rapidamente, Maradona disse aos seus companheiros: “Vamos, me abracem, ou o árbitro não vai validar o gol!” A estratégia deu certo: o gol foi validado pelo árbitro da partida, o tunisiano Ali Bin Nasser. Quatro minutos após o gol, Maradona marcou novamente. Os ingleses descontaram apenas aos trinta e seis minutos do segundo tempo, com o gol de Gary Lineker. A Inglaterra foi desclassificada, e “*La mano de Dios*” resultou no avanço dos argentinos para a semifinal do torneio realizado no México.

É impossível saber se o empate com a Inglaterra resultaria em avanço ou queda da seleção argentina na Copa do Mundo do México, mas o desvio de conduta desportiva de Maradona acendeu uma calorosa discussão no mundo futebolístico sobre ética no esporte. O episódio “*La mano de Dios*” fez com que a FIFA (*Fédération Internationale*

de Football Association) promovesse a *Fair Play Campaign*, campanha cuja matriz é promover o jogo justo nas diversas competições ratificadas direta ou indiretamente pela instituição. De 1986 até 2019, a campanha avançou consideravelmente. Com o advento da tecnologia, diversos erros foram revistos por dispositivos que passaram a auxiliar os árbitros. Em 2018, pela primeira vez na história das Copas do Mundo, foi utilizado o VAR (sigla em inglês de *Video Assistant Referee* ou árbitro assistente de vídeo). O dispositivo possibilita a revisão de jogadas para que erros e injustiças não sejam cometidos. O resultado foi extremamente positivo: 17 jogadas ao todo foram revistas, pênaltis marcados, cartões aplicados, entre outras decisões. Embora o VAR — um ato revisionário do erro, por assim dizer — esteja no cenário em modo experimental, está claro que atitudes como, por exemplo, a de Maradona na Copa de 1986 não serão mais toleradas, pois trata-se de uma imoralidade, um profundo ataque à equidade da disputa. A tendência é que o VAR revise, a cada ano que passa, irregularidades cometidas. Essa transformação cultural resultará na mudança de atitude dos atletas, uma disciplina que elevará sua postura enquanto desportistas. A constante revisão dos erros tende a otimizar os acertos, culminando com posturas éticas e morais fluidas e orgânicas por parte dos atletas.

O episódio “*La mano de Dios*” fomenta uma profunda discussão sobre a natureza humana contaminada pelo pecado. Maradona quis autenticar sua ação desonesta colocando o gol na “conta” de Deus. Mas por que tal postura não gerou espanto e desconforto no atleta? Por que o regozijo em lugar do pesar? Para compreender essa atitude, é necessário recorrer às palavras do antigo rei Salomão: “Nada debaixo do sol é realmente novo” (Eclesiastes 1.9b). A isenção de culpa

é algo comum entre os seres humanos: acontece hoje, aconteceu na década de 1980, muito antes, e, sem dúvida, irá acontecer no futuro, pois essa postura é fruto do pecado que atinge a todos.

Uma mudança radical de postura está intimamente ligada à transformação dos padrões que guiam nossas vidas. Quando nos colocamos aos pés do Senhor, após seu ato de graça salvadora, adentramos num caminho de constante revisão de vida, diminuimos para que Cristo cresça em nós (Gálatas 2.20). Passamos a segui-lo como seus discípulos e nos tornamos instrumentos de propagação de seu nome — discipuladores. Quando estamos em Cristo, vivemos a partir de suas ordenanças descritas nas Escrituras. Como afirmou Dietrich Bonhoeffer: “Cristianismo sem Jesus Cristo vivo permanece um cristianismo sem discipulado, e cristianismo sem discipulado é sempre um cristianismo sem Jesus Cristo; é apenas uma ideia, um mito.” Cristo nos eleva ao status de filhos salvos por intermédio de seu sangue; assim, somos reorientados quanto à nossa condição de merecedores da ira de Deus (Romanos 5.9) para a condição de receptores da graça preciosa de Cristo. A esse respeito, Bonhoeffer assevera: “A graça preciosa é o tesouro oculto no campo, pelo qual o ser humano vende feliz tudo o que possui; é a pérola preciosa, pela qual o mercador oferece todos os seus bens; é o domínio do reino de Cristo, pelo qual o ser humano arranca o olho que o faz tropeçar; é o chamado de Jesus Cristo, pelo qual o discípulo deixa suas redes para trás e o segue.”

Uma vez inseridos no caminho, é impossível ficar passivo ao sacrifício da cruz. O versículo 6 do capítulo 14 do evangelho de João chama atenção quanto ao quesito “atividade” da fé cristã. Em primeiro lugar, o verbo “vir”, no trecho “...ninguém pode vir ao Pai...”, está flexionado na

terceira pessoa do singular, ou seja, trata-se de um desafio pessoal — ninguém pode percorrer esse caminho por você, é um chamado exclusivo. Em segundo lugar, o tempo verbal que o evangelista utiliza é propositivo, a saber, presente do indicativo. Na língua grega, o referido tempo verbal sempre “expressa uma ação contínua ou um estado incompleto, chamada ação durativa ou linear. A ação é considerada como progredindo, em andamento, acontecendo.” Viver o discipulado de Jesus deve ser tarefa constante na vida do cristão. Ninguém conseguirá, nesta vida, cumprir completamente o trajeto em que Cristo nos colocou. Por fim, cabe destacar que esse Caminho a ser trilhado não é um caminho convencional — trata-se do próprio Cristo. Ele é digno de confiança, pois é Verdade e Vida. Para autenticar ainda mais a estrutura textual, o versículo é finalizado com a expressão “...senão por mim”. Jesus se apresenta como autor e condutor do trajeto. Mas para onde esse Caminho conduz? Para a casa do Pai — o ápice da elevação que um indivíduo pode alcançar.

O discipulado de Jesus é um processo de santificação constante, não um convite ao moralismo, nem uma relação “pode/não pode” com os dilemas da vida. O discipulado de Jesus é uma resposta de amor, um ato de contrição e devoção que impacta a vida de quem o realiza, assim como das pessoas que estão ao seu redor. O teólogo John Murray descreve bem esse processo. Para ele: “...quanto mais santificada for a pessoa [quanto mais ela viver o discipulado de Jesus], mais conformada ela será à imagem de seu Salvador, e tanto mais rejeitará cada falha para conformar-se à santidade de Deus. Quanto mais profunda for sua percepção da majestade de Deus, tanto maior a intensidade de seu amor por Ele; quanto mais persistente seu anseio pela obtenção do prêmio do supremo chamado de Deus

em Cristo Jesus, tanto mais consciente será da gravidade do pecado que permanece, e tanto mais pungente será sua abominação por ele.”

A missão da Igreja Batista do Morumbi — [ser] uma igreja viva, que adora, acolhe, serve e conduz pessoas para um relacionamento com Jesus Cristo — é um desafio para os membros da comunidade local. O trecho final da frase é um desafio a todos os cristãos: dedicar-se ao discipulado pessoal demanda tempo de preparo, oração e atenção. Não é fácil! Mas é uma responsabilidade para todo aquele que crê no Senhor Jesus Cristo. Conduzir pessoas para um relacionamento com Jesus Cristo tem a ver com viver o discipulado de Jesus de tal forma que Ele transborde. Como afirmou Mark Dever: “Discipular é ajudar outras pessoas a seguir a Jesus. [...] Discipular é exercer uma boa influência espiritual sobre alguém, de modo deliberado, de forma que essa pessoa se torne mais parecida com Cristo. [...] A vida cristã é uma vida discipulada e uma vida que discipula.”

Perguntas para reflexão

1. Você tem vivido o discipulado de Cristo como um caminho contínuo de transformação ou como uma série de práticas religiosas pontuais? O que isso revela sobre sua caminhada com Deus?
2. Em sua rotina, há espaço intencional para conduzir outras pessoas a um relacionamento com Jesus? Como você pode tornar-se um discipulador mais fiel e presente?

Texto para memorizar

“Cada um encoraja seu amigo, dizendo: ‘Seja forte!’”

— Isaías 41.6

DEVOCIONAL 6

SER IGREJA É VIVER A PALAVRA

Joyce Lima

O tema sugerido para o dia de hoje é “como conhecer a Palavra de Deus”. E eu pensei no verbo “conhecer”, que me fez pensar que essa ação requer tempo, pois, para conhecer algo ou alguém, precisamos parar para ver, estudar, falar com alguém, estar perto para poder perceber os detalhes etc.

O Salmo 1 inicia nos declarando uma verdade: que uma pessoa feliz é aquela que tem prazer na lei do Senhor e, nessa lei, medita de dia e de noite.

Destacando a ação dessa pessoa que é feliz, percebemos que ela tem prazer na lei do Senhor, ou seja, sua satisfação vem da Palavra de Deus. Essa pessoa é suprida com a Palavra. E o texto nos mostra outra ação dessa pessoa: ela medita na Palavra de Deus de dia e de noite. Essa pessoa separa tempo diário para refletir nas instruções de Deus. Essa pessoa investe diariamente, com disciplina, um tempo de dia e de noite para estudar a Palavra de Deus. A ideia no verbo “meditar” vai além de ler; é preciso pensar muito sobre o que se está lendo e submeter à análise detalhada o texto lido.

Assim, dessa forma, podemos destacar que um dos meios mais importantes de conhecer a Palavra de Deus é separar, com disciplina, um tempo diário para estudar os ensinamentos do Senhor nela escritos.

Vou sugerir aqui algumas ações práticas que podem nos ajudar a desenvolver um bom tempo para estudar a Palavra de Deus:

Ore. Inicie seu tempo de estudo buscando a direção de Deus,

aquietando-se e reconhecendo que todo aprendizado vem do Senhor. Ele é capaz de nos abrir os olhos espirituais para entender as verdades contidas na Palavra.

Leia o texto bíblico escolhido. Releia o texto, se possível, mais algumas vezes. Uma boa ideia é fazer a leitura do texto em várias versões bíblicas (por exemplo: NVI, NVT, NTLH etc.). Escreva num caderno ou em algum lugar que você possa anotar, procurando responder a esta pergunta: “O que o texto diz?”. Procure, nesse momento, anotar as ideias que o autor escreveu, sem tentar interpretar. Mas procure escrever apenas o que foi relatado. Seria como um resumo do que você leu, atentando apenas ao que o texto fala.

Medite nas palavras ou expressões-chave que você observa no texto estudado. Nesse momento, você pode pesquisar as palavras em dicionários bíblicos, comentários, e procurar entender e interpretar o que realmente o autor quis dizer por meio do que escreveu. Assim, você poderá tirar as lições ou verdades bíblicas corretamente.

Para concluir seu estudo, é importante agora responder à pergunta: “O que preciso aplicar? Como posso praticar o que aprendi hoje?”. Agora é preciso parar para relacionar a lição a alguma situação que você está vivendo: se é uma correção, algo que preciso confessar e mudar de atitude; ou uma promessa de Deus em que preciso confiar e descansar na verdade aprendida; uma instrução de como resolver um problema, etc... A Palavra de Deus é viva! Ela nos dá instrução de modo completo:

“Toda Escritura é inspirada por Deus e útil para nos ensinar o que é verdadeiro e para nos fazer perceber o que não está em ordem em nossa vida. Ela nos corrige quando erramos e nos ensina a fazer o que é certo.” (2 Timóteo 3.16)

Termine seu tempo novamente orando a Deus. Peça a ajuda do seu Santo Espírito para ajudá-lo a praticar o que aprendeu.

Querido irmão, essa é uma disciplina espiritual à qual precisamos estar atentos. O adversário está ao nosso redor e quer tirar esse foco de nós. E a nossa carne também é fraca. Precisamos de diligência e perseverança. Deus está ao nosso lado como sombra para nos proteger das artimanhas do mal e para nos ajudar a vencer nossa fraqueza da indisciplina. Contudo, precisamos fazer a nossa escolha da melhor parte: parar para ficar aos pés de Jesus. Eu e você precisamos dEle!

Deixo aqui um modelo de oração para orarmos juntos a Deus: “Senhor, ajuda-nos nesses dias tão corridos a decidirmos escolher como prioridade estar bem perto de Ti, para aprendermos a Te ouvir, estudando a Tua Palavra e a Te obedecer. Em nome de Jesus! Amém.”

Perguntas para reflexão

1. Você tem separado, com disciplina, um tempo diário para estudar e meditar na Palavra de Deus, ou tem deixado que a correria do dia a dia sufoque esse tempo essencial?
2. Que área específica da sua vida hoje precisa ser moldada pela Palavra que você tem aprendido? Há algo que o Espírito Santo já lhe mostrou e que precisa ser colocado em prática?

Texto para memorizar

“Feliz é aquele que não segue o conselho dos perversos, não se detém no caminho dos pecadores, nem se junta à roda dos zombadores. Pelo contrário, tem prazer na lei do Senhor e nela medita dia e noite.” — Salmo 1.1-2

DEVOCIONAL 7

SER IGREJA É SER A CASA DO ESPÍRITO SANTO

Carolina Veloso

Dizer que a Igreja é a casa do Espírito Santo é um negócio sério. Deus não quer um templo. Ele quer você. O que determina se um prédio é ou não a casa do Espírito Santo são as pessoas que se assentam no interior de suas paredes e janelas. No famoso discurso de Paulo aos gregos, em Atenas (Atos 17), ele diz que o Senhor dos céus e da terra não vive em santuários feitos por mãos humanas. Ainda em 2 Coríntios 6.16, nós somos chamados de santuário do Deus vivente. Imagine uma grande catedral moderna, numa determinada rua de um bairro qualquer, com uma porção de pequenos “templos” sentados lá dentro, cantando, orando e ouvindo um sermão! Se aquelas pessoas conhecessem de fato o Senhor Jesus Cristo como Salvador e Senhor de suas vidas... Ah! Só assim aquela catedral poderia ser considerada como habitação do Espírito Santo.

Primeiramente, pare e pense na poderosa Pessoa a respeito de quem estamos falando e que pode habitar em nós. Eu não sei você, mas eu tenho que me lembrar que é o mesmo Espírito que pairava por sobre as águas antes da criação. É o mesmo Espírito que dividiu as águas do Mar Vermelho, assim o Seu povo pôde escapar dos egípcios. É o mesmo Espírito que possibilitou a Maria gerar o Filho de Deus. É o mesmo Espírito que intercede por nós com gemidos inexprimíveis.

É o mesmo Espírito que ressuscitou a Cristo dentre os mortos. Isto é poder! E pensar que o Espírito Santo quer viver em mim e em você! A Bíblia nos chama de vasos de barro, mas quando nos reunimos, cada um de nós traz em si essa Pessoa poderosa para esse ajuntamento, a fim de celebrar a vida em Cristo!

O curioso a respeito de igrejas é que algumas delas não aparentam estar celebrando coisa alguma. Elas estão mais mortas do que vivas. Vão apenas “empurrando com a barriga”, semana após semana. Outras igrejas parecem estar vivas se as julgarmos pelo volume de suas músicas, ou pelos gritos do pregador, ou ainda pelo entusiasmo de seu dinâmico comunicador, porém isso também pode ser um engano. Fico triste em dizê-lo, mas nós, cristãos, somos especialistas em inventar tudo quanto é novidade, vendendo todos os tipos de ideias e programas para fazermos nossas igrejas crescerem. Convenhamos, mesmo uma igreja crescente pode ser enganosa, e isso não temos como negar. É real! Que tal sermos sensatos, fugindo das aparências e colocando tão somente o foco naquilo que realmente importa?

Você é o mesmo com seu cônjuge e filhos no decorrer da semana como é aos domingos, sentado no seu lugar preferido, cantando no coral, tocando o teclado, pregando no púlpito, ensinando no departamento infantil, servindo no comitê de missões? Como você realmente é atrás das paredes da sua própria casa? Como você é no seu trabalho? Que tipo de chefe você é? Ou empregado? Você é conhecido por ser justo, gentil e autêntico? Ou é conhecido por sua aspereza, mentiras — incluindo aquelas “inofensivas”? Você trabalha da melhor maneira possível ou é um folgado, sempre fazendo o mínimo que poderia? Você encoraja as pessoas com palavras ou as denuncia, pisan-

do nelas para se fazer parecer melhor do que realmente é? Há o beijo da morte ou o beijo da vida em seus relacionamentos — qual deles você escolheu? Quando morrer, como você pensa que será lembrado por seus familiares e amigos?

Essas são perguntas difíceis, mas eu dei um alerta lá no início quando disse que chamar a igreja de casa do Espírito Santo é um negócio sério.

Quando Deus escolhe uma pessoa para pertencer a Ele, isso envolve, geralmente, um grande trabalho de remodelação. Apenas dê uma olhada na Bíblia, nos homens e mulheres que Deus escolheu para exercitar Seus propósitos através dos séculos. Isso é espantoso! É também muito encorajador para aqueles de nós que estão passando por remodelações pessoais neste momento.

Não há melhor citação sobre este assunto do que aquela do livro Cristianismo Puro e Simples, de C.S. Lewis. E Lewis, evidentemente, emprestou do grande pregador escocês George MacDonald:

Imagine-se como uma casa viva. Deus entra para reconstruir esta casa. A princípio, talvez, você possa entender o que Ele está fazendo. Ele está acertando os drenos e parando o vazamento no telhado e assim por diante. Você sabia que esses trabalhos precisavam ser feitos e assim você não está surpreso. Mas, subitamente, Ele começa a bater na casa de uma maneira que dói absurdamente e parece não fazer sentido. Por que cargas d'água Ele está fazendo isso? A explicação é que Ele está construindo uma casa bem diferente daquela que você pensou — acrescentando um novo cômodo aqui, assentando um piso extra ali, subindo torres, fazendo pátios. E você pensou que ia ser apenas transformado em uma casinha decente, mas Ele está construindo, na verdade, um palácio. Ele pretende vir e morar nele.

Isto é exatamente o que Deus nos faz a nível pessoal, à medida que Ele constrói Sua casa em grande escala ao redor do mundo. Se você quer ser parte de uma igreja na qual habita o Espírito Santo, é melhor você estar pronto para submeter-se à sua reforma pessoal. Isto simplesmente não funciona de outra forma. É uma realidade que se enquadra a todos, desde os pastores até aqueles que o ajudam a estacionar seu carro de forma apropriada no estacionamento da igreja. Deus não diferencia. Para Deus, todas as funções na “casa” d’Ele são igualmente importantes. Todas as pessoas que formam a igreja, que é a casa do Espírito Santo, são pessoas que continuamente estão no modo de reformulação!

Vamos focar nestas três palavras: “outro”, “Consolador” e “sempre”, ditas por Jesus em João 14.16-17. Na essência, as três carregam a ideia de que havia um Outro vindo e que seria para eles, por todo o sempre, aquilo que Ele mesmo foi, em carne, por três anos. Que profundidade e beleza existem nestas palavras! Ele entendeu os temores dos seus discípulos e estava dando o consolo e a provisão de que eles necessitavam. E, neste texto, Jesus o chama de Espírito da Verdade. Não há nada de que você e eu precisamos mais no presente momento do que Verdade! O mundo, tanto quanto muitas igrejas, lança uma infinidade de lixo nas nossas faces que, depois de um tempo, fica difícil discernir o que é a Verdade. Mas aqui nós vemos nosso Senhor provendo exatamente aquilo de que tanto necessitávamos: Seu Espírito da Verdade! E, quando nós somos a casa do Espírito Santo de Deus, isto é o que ganhamos: Verdade!

Eu, sinceramente, desejo que você seja e que desfrute ao máximo dessa Pessoa Maravilhosa.

Seja lá onde você estiver em sua vida, neste exato momento, convide o Espírito Santo a levantar uma nova torre, trocar todo o revestimento, fazer um charmoso terraço, construir um novo cômodo... Deixe Deus fazer morada em você e reinar na sua “casa”! Fazendo esta escolha, você se tornará mais e mais parecido com Cristo e, é claro, a sua igreja também!

Perguntas para reflexão

1. Em quais áreas da sua vida você percebe que o Espírito Santo deseja realizar uma reforma, como parte da construção da “casa” onde Ele habita?
2. Sua rotina semanal — em casa, no trabalho ou na igreja — revela a presença viva do Espírito Santo em você? O que precisa mudar para que essa presença seja mais evidente?

Texto para memorizar

“Por meio dele, vocês também estão sendo edificados como parte dessa habitação, onde Deus vive por seu Espírito.” Efésios 2.22

DEVOCIONAL 8

SER IGREJA É VIVER A SANTIDADE NO COTIDIANO

Rafaella Mascarenhas

Certa vez, uma jovem me perguntou se deveria ou não ir para uma festa de carnaval. De bate-pronto, imagino que a maioria de nós seria enfática: “não!” Mas uma das coisas que aprendi é que, em uma pergunta que parece simples demais, por vezes existe a necessidade de ir além de um “sim” ou “não”. Isso porque o “sim” ou “não” fará com que essa jovem volte outras vezes com a mesma pergunta, tornando-a dependente de alguém dizer o que fazer ou não, quando, na verdade, o melhor caminho é ensiná-la a Bíblia, de forma que este ensino fique claro e gravado em seu coração. Foi por isso que, nesse caso, ao invés de responder, perguntei: “Você sabe o que significa santidade?”

Normalmente, a resposta a essa pergunta sempre está associada ao comportamento: “Ser santo significa não beber”, “Ser santo significa não vestir certo tipo de roupa”, “Ser santo significa pagar todos os impostos devidos”. Mas será que a conversa sobre santidade é sobre o que pode e o que não pode? Será que o primeiro passo para viver uma vida santa é lidar com o comportamento?

Para entendermos essa resposta, podemos olhar para o que significa ser santo no Antigo Testamento. Para isso, temos que lembrar um pouco da história.

O povo hebreu estava sendo escravizado no Egito há 430 anos.

Então, enviado por Deus, Moisés surge como seu grande libertador. Os hebreus estavam em um contexto em que havia muitos deuses egípcios e, por isso, quando Moisés diz que Deus vai libertá-los, ele precisou também revelar quem é esse Deus libertador. A partir desse momento, Deus (*Yahweh*) se apresenta como o Deus que é maior do que qualquer outro deus, libertando o povo da escravidão e prometendo uma nova terra que emana leite e mel. Ao saírem do Egito e chegarem aos pés do monte Sinai, Deus declara: “Se me obedecerem fielmente e guardarem a minha aliança, vocês serão o meu tesouro pessoal dentre todas as nações. Embora toda a terra seja minha, vocês serão para mim um reino de sacerdotes e uma nação santa.” (Êx 19.5-6)

Porém, estamos falando de um povo que passou gerações e gerações sendo escravizado, sem estrutura ou organização própria, sem leis e sem referência de identidade coletiva. Eles não sabiam como formar uma nação, tampouco conheciam profundamente o Deus que agora os chamava pelo nome. Eles precisavam aprender sobre quem era Deus, o que Ele esperava deles e como viver como um povo separado — santo — para Ele.

É nesse momento que Deus envia a Lei. A Lei representa uma manifestação do caráter do próprio Deus e, por isso, ser santo é viver de forma condizente ao caráter de Deus — a Lei. A prerrogativa aqui é a seguinte: se Deus é santo e a sua Lei é santa, seguir à risca a Lei de Deus torna uma pessoa santa.

A história segue e, como bem sabemos, Israel não seguiu a Lei de Deus. Muito pelo contrário! Eram idólatras, ignoravam os pobres, praticavam cultos vazios, rejeitavam os profetas etc. E, uma vez que os hebreus não foram capazes de cumprir com a sua parte nessa

aliança que Deus fez com eles, então o Senhor, pelo seu grande amor, mandou seu Filho Jesus para cumprir toda a Lei e ser santo e, assim, ser o justificador daqueles que são incapazes de cumpri-la.

A relação dos hebreus com a Lei é a mesma que a nossa: assim como eles foram incapazes de cumpri-la, nós também somos. No Antigo Testamento, ser santo significava ter um comportamento condizente com a Lei. Como ficou claro, isso não fora feito por Israel e não é possível ser feito também por nós. Quem melhor explicou isso foi o apóstolo Paulo, que tratou da nossa natureza pecaminosa e nos ensinou um novo caminho para a santidade.

Em sua carta aos Romanos, no capítulo 7, Paulo trata justamente disso. Não descumprimos a Lei simplesmente por não querer, mas por não conseguir cumpri-la. Ele diz: “Sei que nada de bom habita em mim, isto é, em minha carne. Porque tenho o desejo de fazer o que é bom, mas não consigo realizá-lo. Pois o que faço não é o bem que desejo, mas o mal que não quero fazer, esse eu continuo fazendo.” (Rm 7.18-19) Como ele havia explicado um pouco antes, isso acontece porque nascemos em uma condição de morte, onde os pecados que cometemos são apenas os sintomas dessa doença maior. Se o que temos é uma condição, precisamos de alguém para nos livrar dela — algo que cure a doença ao invés de apenas tratar os sintomas.

Essa resposta vem logo em seguida, no capítulo 8 de Romanos, apresentando a cura dessa doença: o sacrifício de Cristo. (Rm 8.1-2)

Acreditar, identificar-se e apropriar-se do sacrifício de Cristo é o primeiro passo para uma vida em santidade (Rm 8.1-2), porque, assim como Cristo morreu, o nosso corpo mortal também morreu com Ele e, com a ressurreição de Cristo, o nosso corpo mortal recebeu a

vida dentro de si, ou seja, recebeu o próprio Cristo dentro de si (Rm 8.10). Agora, longe do domínio da morte, longe da condição de morte em que estávamos, somos libertos para ouvir e viver da forma que o Espírito que está em nós deseja (Rm 8.11). Agora, vivendo submetidos ao Espírito, e não ao domínio da carne, podemos amar, perdoar, bendizer, ter paciência, agir com bondade – ou seja, produzir o comportamento de alguém que tem o Espírito de Deus em si!

O ápice da santidade é esse: o Espírito de Deus em mim! Sabendo disso, podemos dizer que resumir a santidade a um padrão de comportamento é apequenar seu real significado; mas, com o Espírito de Deus vivendo em mim, a transformação do comportamento é o verdadeiro fruto da busca por Cristo.

A Igreja é a comunhão dos santos, ou seja, das pessoas habitadas pelo Espírito Santo de Deus. É reconhecer que fomos chamados – assim como o povo no deserto – a sermos representantes de um Deus que é santo, justo e cheio de graça. Mas, diferentemente do povo que tentou alcançar a santidade apenas pelo esforço de obedecer a uma lei externa, nós agora temos o privilégio de carregar o próprio Espírito de Deus dentro de nós.

Isso muda tudo! Não se trata de fazer tudo certo para então ser santo. Trata-se de crer em Cristo, receber o Espírito e, então, viver como quem já foi feito santo. A obediência agora é fruto, não é exigência. É consequência da vida que habita em nós.

Pergunta para reflexão

Sabendo agora que, ao invés de “posso ou não”, a pergunta é “isso reflete Aquele que habita em mim?”, há algo na sua vida em que

você tem dúvida sobre fazer ou não, e que você entende que pode aplicar essa lição?

Texto para memorizar

“E, se o Espírito de Deus que ressuscitou Jesus dos mortos habita em vocês, o Deus que ressuscitou Cristo Jesus dos mortos dará vida a seu corpo mortal, por meio desse mesmo Espírito que habita em vocês.” Romanos 8.11

DEVOCIONAL 9

SER IGREJA E SUSTENTAR A UNIDADE EM MEIO ÀS DIFERENÇAS

Lucas Vieira

A Bíblia Sagrada desconhece o termo “individualidade” ou, como dizem os sociólogos modernos, “hiperindividualidade”; entretanto, nós conhecemos bem. A ideia de que o indivíduo tem importância superior ao coletivo alimenta nosso ímpeto de indiferença quanto aos outros, busca por satisfação, hedonismo, definição do propósito de vida pessoal, convicções definidas como “a minha verdade” e coisas similares. Mas, como dito, a Bíblia desconhece esse conceito, pois desde o início Deus é uma unidade plural: três pessoas, um único ser, e nos chama a ser o mesmo que Ele é.

No livro do Gênesis, ao tratar da criação do ser humano, a narrativa conta que Deus disse: “Façamos o homem à nossa imagem, conforme a nossa semelhança” (Gn 1.26). E assim o ser humano foi feito, conforme o texto segue: “Criou Deus o homem (Adam, singular) à sua imagem, à imagem de Deus o criou (singular); homem e mulher os criou (plural)” (Gn 1.27). Um Deus que é uma unidade plural e cria outro ser à sua imagem e semelhança só poderia criá-lo também como unidade plural. No trecho citado, a definição de singular e plural entre parênteses esclarece justamente isso: o Senhor criou homem e mulher e os chamou por um único nome: Adão. Isso fica ainda mais claro quando, após a saída do jardim, o texto diz: “Deus criou o homem, à

semelhança de Deus o fez; homem e mulher os criou. Quando foram criados, ele os abençoou e os chamou Homem” (Gn 5.1-2). Ou, ainda mais claro, “os chamou Adão”. Isso significa que Adão e Eva eram duas pessoas, mas formavam um único ser, que é a humanidade. A raça humana, desde sua gênese, é formada por muitas pessoas, mas é um só ser.

Como bem sabemos, após a queda humana (narrada em Gênesis 3), essa relação de unidade é quebrada, e uma nova realidade surge: a de disputa entre os seres humanos. Passamos a ser habitados por inveja, competição, disputa e desejo de dissensão e facção. A dura verdade é que a unidade existencial foi quebrada e passamos, então, a disputar uns com os outros. Apesar disso, sempre houve algum senso de pertencimento e de unidade que se mantivesse e, além disso, a convicção de que o coletivo é superior ao indivíduo e, portanto, este deve ser preservado em detrimento daquele.

Desde o início da história até os tempos de Jesus, as relações de unidade que os seres humanos tinham não eram marcadas pela compreensão de que eles são imagem e semelhança de Deus, mas sim por algum senso de pertencimento familiar, étnico, religioso ou, se é que podemos chamar assim, ideológico. Nos tempos de Jesus, existiam diversos grupos distintos dentro do povo judeu: os escribas e doutores da Lei, fariseus, saduceus, comerciantes, publicanos, zelotes, mulheres, pecadores e tantos outros, e eles se identificavam por sua condição social, valores, sistema de crenças e privilégios e, por isso, mantinham certa unidade.

Esses vínculos marcados pela identificação horizontalizada das pessoas umas com as outras são os mais comuns que existem. Ou

seja, são vínculos de pessoas que falam a mesma língua, têm a mesma cultura, são etnicamente iguais ou parecidas, têm a mesma cor de pele, classe social, sexo, trabalham mais ou menos com as mesmas coisas, compartilham o mesmo sistema de crenças e valores etc., e, por causa dessa identidade em comum, permanecem unidas.

Em nosso momento histórico, há um ingrediente adicional nessa constatação: nossos relacionamentos são marcados pela identificação que temos com o outro, mas também, e principalmente, pela “mercadoria” que o outro é. Nos habituamos a ter relações pautadas na lógica de consumo. O sociólogo Zygmunt Bauman afirmou que estamos tão acostumados a consumir que nos relacionamos com as pessoas como fazemos com as mercadorias, ou seja, fazemos constantemente o movimento de nos apropriar e descartar delas à medida que satisfazem nossos interesses individuais ou deixam de fazê-lo.

A proposta de Jesus às relações horizontais marcadas pelas identificações citadas foi absolutamente radical, subversiva e original: e se vocês quebrassem os vínculos naturais, baseados em quem vocês são, e estabelecessem um vínculo divino, baseado em quem eu sou? E se, em vez da unidade de vocês permanecer pautada em suas identificações horizontais, ela fosse transformada e passasse a ser baseada na relação vertical comum que vocês têm comigo?

Nosso Mestre, que evangelizou fariseus, samaritanos, pecadores, judeus, gentios, e chamou publicanos, zelotes e comerciantes para serem seus discípulos, tinha de ter um plano relacional para todos eles. O plano de Jesus não era outro, senão que eles relativizassem suas igualdades e diferenças - fossem elas religiosas, étnicas, posições sociais, sistema de crenças, valores, estilo de vida, linguagem,

localização geográfica ou qualquer outra - para que absolutizassem sua relação e identificação pessoal com Ele.

Diante da identificação pessoal-vertical com Jesus, todas as nossas outras identificações humanas-horizontais tornam-se relativas.

É muito curioso que Jesus tenha chamado para ser seu discípulo um comerciante e um publicano (cobrador de impostos). Se havia entre os judeus dois grupos que se detestavam, eram esses! É ainda mais emblemático que, nessa mistura, Ele tenha chamado também um zelote (Simão); pois os zelotes eram judeus radicais tanto religiosamente quanto nacionalmente, que criam na luta armada contra Roma como forma de resistência dos judeus e, inclusive, viam os publicanos como pessoas vendidas a Roma e, portanto, matá-los era visto como um ato de justiça para com Deus. Essas pessoas relativizaram não apenas a falta de identificação umas com as outras, mas também o ódio e a compreensão religiosa de pureza - tudo isso para absolutizar o amor que todos eles tinham por Jesus.

A Igreja é o corpo místico de Cristo. Sendo corpo, Ele é o cabeça, e nós somos a unidade formadora do corpo. Nós, Igreja Batista do Morumbi, somos uma pequena unidade que forma boa parte do corpo de Cristo. E, como Jesus bem ensinou, o corpo não é formado por pessoas idênticas, mas sim por pessoas unidas. Uniformidade e unidade são coisas muito distintas. Uniformidade é ser igual; unidade é manter-se unido, mesmo sendo diferente. Não importa a etnia, a classe social, cor, gênero, idade, língua, estilo, tradição religiosa — nem nada disso. O que importa é estar em Cristo Jesus!

Um dos textos mais belos de Jesus nos evangelhos é sua oração, na qual Ele pede ao Pai: “Minha oração não é apenas por eles. Rogo

também por aqueles que crerão em mim, por meio da mensagem deles, para que todos sejam um, Pai, como tu estás em mim e eu em ti. Que eles também estejam em nós, para que o mundo creia que tu me enviaste. Dei-lhes a glória que me deste, para que eles sejam um, assim como nós somos um: eu neles e tu em mim. Que eles sejam levados à plena unidade, para que o mundo saiba que tu me enviaste, e os amaste como igualmente me amaste” (Jo 17.20-23).

Se você soubesse que recebeu do Senhor a oportunidade de fazer uma das últimas orações da sua vida, pelo que você oraria? Algo supérfluo ou extremamente valioso? Gosto de pensar que, nesse dia, enquanto orava, Jesus pensou em mim. Pensou em nós. Pensou na Igreja Batista do Morumbi. E, pensando em nós, orou por uma das coisas mais valiosas de todo o seu ministério, obra e pregação: a unidade daqueles que Ele designou para serem o seu povo. Jesus orou para que sejamos aquilo que, no Gênesis, fomos criados para ser: muitas pessoas, um único ser. Uma unidade plural!

O mais desafiador e belo de tudo isso é que podemos evangelizar, pregar, fazer ação social, musicais ou qualquer coisa semelhante, mas o que testemunha ao mundo que Jesus Cristo veio à história e demonstrou seu amor se entregando por eles é justamente a unidade da Igreja com Cristo e consigo mesma.

Perguntas para reflexão

1. Quais são as crenças ou ideologias que você mais tem dificuldade em aceitar em um irmão da fé? Como você pode lidar com isso à luz da unidade que Jesus deseja para sua Igreja?

2. Hoje, seu relacionamento com os irmãos da fé está mais baseado nas semelhanças humanas que compartilham (cultura, valores, estilo) ou na comunhão vertical que ambos têm com Cristo?

Texto para memorizar

“Assim, nós, que somos muitos, somos um só corpo em Cristo, e cada membro está ligado a todos os outros.”

— Romanos 12.5 (NVI)

PARTE II

Edificada em Cristo
IGREJA

DEVOCIONAL 10

SER IGREJA É VIVER NA DEPENDÊNCIA DA ORAÇÃO

Noemi Zelma Pontuschka Gonçalves

Quero começar este devocional contando uma história real, com um personagem real, que vive totalmente dependente da oração. Ou iniciar de uma maneira diferente: pelo fim. Sim, pelo fim.

O fim da história, ou o que poderia ter sido o fim do personagem. Seu nome é Sr. Roberto.

Em 2015, sua linda esposa foi internada e, em apenas uma semana, veio a falecer, sendo que sua ida ao encontro do Senhor ocorreu duas semanas depois de completarem 66 anos de casados, quando ambos tinham 88 anos. Há um ditado da Letônia que diz: “Quando os passarinhos aprendem a cantar em dueto no ninho, é muito difícil voltarem a cantar sozinhos.” Você pode imaginar que foi muito doloroso para o Sr. Roberto lidar com a partida de sua esposa.

Tão difícil que, após um ano da perda, ele também foi hospitalizado. As consequências desse período de 21 dias de hospital o levaram a ter que viver em uma clínica para idosos, pois necessitava de assistência médica 24h. Afinal, além das complicações médicas, o Sr. Roberto decidiu que não queria mais comer, buscando, assim, reencontrar sua amada com Deus. Na clínica, para que sobrevivesse, foi submetido a um procedimento que consistia na implantação de uma sonda para alimentação.

Sr. Roberto caminhava para um fim triste e melancólico.

Você agora pode se perguntar como esse personagem era dependente da oração, sabendo que ele preferiu morrer a viver. Está na hora de irmos para o começo da história. Vamos lá?

Sr. Roberto nasceu em um lar cristão, sendo criado, desde pequeno, num ambiente de oração — afinal, seu pai era um grande homem de oração. Mas a maior experiência de oração que Sr. Roberto vivenciou na infância foi ao lado de sua mãe. Ajoelhados, oravam todas as noites pela volta do pai, que, mesmo sendo grande em oração, caiu em pecado e abandonou o lar. Seu pai voltou para casa, mas a morte de sua mãe, quando ele tinha 10 anos, foi outro duro golpe — que aprofundou ainda mais sua vida de oração.

Conforme crescia, Sr. Roberto continuou se dedicando à oração. Casou-se, teve filhos, e o culto doméstico em família era diário. Mas nunca abriu mão do seu momento a sós com Deus, no qual se dedicava à leitura da Bíblia e à oração. Por onde ia, era reconhecido como alguém que possuía uma vida de oração, de maneira que as pessoas pediam a ele que orasse diante de qualquer luta que viviam.

Diante de todas as batalhas que enfrentou, Sr. Roberto tirava suas forças da oração. Mas, em 2015, a morte da esposa foi o golpe mais duro.

Como já conversamos, a perda de sua esposa lhe causou grandes dificuldades. Mas o que ainda não contei é que, por meio da dependência da oração, o Sr. Roberto também atravessou esse período. Na clínica para idosos, aos poucos, o Sr. Roberto foi retomando a alegria de viver. Ao ser perguntado sobre o que fazia quando ficava sozinho na clínica, ele disse que ficava olhando pela janela, admirando o céu e

vendo os telhados das casas. Quando avistava um telhado que o lembrava uma igreja, começava a orar por tudo que o rodeava.

Esse hábito de oração começou a chamar a atenção dos enfermeiros e pacientes da clínica, de maneira que passaram a pedir ao Sr. Roberto que orasse por eles. O seu quarto, que aparentava ser frio, um deserto, tornou-se um jardim, perfumando a todos ao seu redor com suas orações.

O texto bíblico que o acompanha neste momento é o Salmo 92, em especial os versículos 14 e 15: “Mesmo na velhice produzirão frutos; continuarão verdejantes e cheios de vida. Anunciarão: ‘O Senhor é justo! Ele é minha rocha; nele não há injustiça’” (Sl 92.14-15).

Com um sorriso no rosto, Sr. Roberto diz que este lugar (a clínica) é seu campo missionário.

Podemos ver, por meio da história do Sr. Roberto, o que é ser dependente da oração. Podemos ver, também, o que é viver depositando suas esperanças e buscando suas forças em Deus. Mas o que é depender da oração? Vamos por partes. Segundo o dicionário, *depend* é “estar sujeito ou subordinado, sob o domínio, autoridade ou influência de”. Já *oração* é um diálogo, um relacionamento com Deus: falamos e Ele ouve; Ele fala e nós ouvimos. Não é apenas uma lista de pedidos e agradecimentos que colocamos diante de Deus; é realmente uma conversa. Dessa forma, dependência da oração é estar sujeito a Deus, ou dominado por Deus por meio da oração. É depositar em Deus nossos anseios, nossas dúvidas, nossas lutas — por meio da oração — e encontrar nele a força, a alegria, a resposta, a esperança, a espera, o conforto, para toda e qualquer situação. Assim, depender da oração é tão importante quanto respirar.

Nesse sentido, não há igreja que sobreviva sem dependência de oração. Nós, os que formamos a Igreja, o Corpo de Cristo, precisamos buscar o desenvolvimento de nossa vida de oração.

A história do Sr. Roberto ainda não terminou. Eu, que lhes escrevo, sou sua filha e acompanho diariamente a dependência de meu pai na oração. Digo com alegria que meu pai, aos 93 anos, já come normalmente, sem o auxílio da sonda. Ele continua a ler a Bíblia da mesma maneira que fazia quando eu o observava em casa. Pessoas, mesmo de fora da clínica, pedem orações a ele, e nós as gravamos no meu celular. Meu pai continua orando por nossa igreja, a IBMorumbi, da qual é membro desde 1981. Ora pela vida da igreja, pela liderança e pelos membros em si. Hoje, posso dizer que fui impactada pela vida de oração de meu pai e, agora, são as minhas batalhas que enfrento através da oração.

Eu convido você a viver na dependência da oração também, a passar a enfrentar os seus dias buscando auxílio de Deus na oração. A melhor forma de orar Deus irá lhe revelar. O importante é começar.

Perguntas para reflexão

1. Em quais momentos da sua vida você mais sentiu a necessidade de depender da oração? Como foi sua resposta diante dessas situações?
2. Você tem separado um tempo diário para estar a sós com Deus em oração? O que tem dificultado ou fortalecido esse hábito na sua rotina?

Texto para memorizar

“Mas, quando orarem, cada um vá para seu quarto, feche a porta e ore a seu Pai, em segredo. Então seu Pai, que observa em segredo, os recompensará.” Mateus 6.6

DEVOCIONAL 11

SER IGREJA É EXERCITAR A DEVOÇÃO COM DISCIPLINA

Lisânias Moura

Inácio havia conhecido Jesus há aproximadamente cinco meses quando me encontrou no pátio da igreja e me perguntou:

— Pastor, o que é isso de disciplinas espirituais?

Não me surpreendeu a pergunta daquele jovem, pois havia ele encontrado a Cristo há pouco tempo. Mas, ao mesmo tempo, imaginei que mesmo discípulos de Jesus há muito tempo talvez não entendam o que são as disciplinas espirituais. Será?

Sugeri àquele rapaz que lesse 1 Timóteo. Quando voltamos a conversar, a fome pela Palavra era algo evidente nele. Perguntei:

— O que você entende por exercitar-se na devoção?

Com muita convicção, ele respondeu que entendia como realmente um paralelo aos exercícios que fazia na academia algo para ser praticado.

— Sim — respondi —, é algo a ser praticado. Mas o que deve ser praticado?

— Claro que é a devoção — disse-me ele. Mas... perguntou-me o jovem, o que é devoção?

Expliquei-lhe que devoção tem a ver com prostrar-se diante de quem queremos reverenciar. Relaciona-se com piedade, que é fruto dessa reverência ou adoração. De fato, precisamos olhar para esse imperati-

vo de 1 Timóteo 4.7 realmente como uma ordem. Ele estava ordenando a Timóteo que a vida de devoção e adoração precisava ser exercitada. Podemos dizer que gostamos dos exercícios da academia, mas, se não praticarmos aqueles exercícios, a longo prazo o corpo sentirá falta.

Da mesma forma, na vida cristã, podemos simplesmente dizer que amamos a Deus, que o temos como centro da nossa adoração, mas... como estamos alimentando essa adoração?

Voltando à conversa com meu querido jovem, perguntei-lhe:

– Como você tem alimentado sua adoração a Deus ou sua devoção?

Ele respondeu:

– Pastor, embora eu tenha muita vontade de fazer o que Deus quer, sei que ainda me falta esse exercitar, essa minha vontade que entendo vir de Deus.

– Joiam - respondi - mas então deixe-me repartir algumas coisas sobre as disciplinas espirituais.

Primeiro, como já vimos, a ordem é: “exercite-se”. É um imperativo. E, quando deixamos de fazer ou de exercitar nossa devoção, estamos desobedecendo a Deus. Dentro dessa ideia, o conceito de exercitar-se implica disciplina, mesmo quando não temos vontade. Nem todos os dias saímos entusiasmados das academias, mas, a longo prazo, vemos o fruto. Da mesma forma que na academia existem vários tipos de exercícios para moldar nosso corpo e manter-nos em forma, assim também as disciplinas espirituais são várias.

O jovem comentou:

– Eu ouço falar muito que disciplinas espirituais são como jejuar.

Eu respondi:

– Esta é apenas uma. Existem várias outras.

– Quais?! – disse ele.

– Participar dos cultos na igreja, servir uns aos outros, ler a Bíblia regularmente, orar, manter comunhão com outros irmãos, meditar na Palavra de Deus, cultivar momentos de solitude, praticar a confissão de pecados, etc.

– Tudo isso?! – interagiu o jovem.

– Mas então é muito difícil praticar as disciplinas espirituais, pois não consigo cumprir toda essa lista.

– Então - respondi -, você não precisa praticar tudo isso como uma carga. Sim, as disciplinas espirituais viram cargas se as praticarmos apenas como um ritual. No entanto, vamos voltar ao nosso texto de I Timóteo 4.7. O exercício é na devoção ou na piedade, como o texto nos diz. O exercício é em direção àquele que nos ama. Assim, fazemos não por obrigação, mas basicamente por duas razões. A primeira razão, porque o amamos, amamos aquele que enviou seu Filho para morrer em nosso lugar. A segunda razão é que fazemos ou nos exercitamos para conhecer mais aquele que nos ama.

Perguntas para reflexão

1. De que forma você tem exercitado sua devoção a Deus no seu dia a dia? Quais práticas espirituais têm fortalecido sua fé?
2. Você enxerga as disciplinas espirituais como uma carga ou como um caminho para conhecer melhor aquele que o ama? Por quê?

Texto para memorizar

“Não perca tempo discutindo mitos profanos e credices absurdas. Em vez disso, exercite-se na devoção.” I Timóteo 4.7

DEVOCIONAL 12

SER IGREJA É CULTIVAR A DEVOÇÃO COM PERSEVERANÇA

Lisânias Moura

Amar a Deus é o contexto de toda disciplina espiritual. É um exercício, mas um exercício bem diferente dos que fazemos na academia. Na academia, os exercícios nos moldam à custa de dor. No entanto, as disciplinas espirituais, ao longo do tempo, nos trarão uma satisfação interior, pois descobriremos mais de Deus e do seu amor por nós. Ele mesmo diz que seus mandamentos não são pesados. É porque Deus nos ama que Ele nos diz: exercite-se na piedade ou na devoção (1Jo 5.3).

Haverá horas nas quais, depois de um culto ou mesmo de um tempo de oração, parecerá que estávamos “numa geladeira”. Mas nem por isso desistiremos dos exercícios, pois eles, como no texto que citamos de 1 João, nos foram dados porque Deus nos ama e desfrutaremos mais do amor dEle dentro de nós.

O jovem se despediu e disse: — Como crescer, então, nesses exercícios?

— Ok — disse eu —, falaremos disso no próximo encontro.

Quando ele voltou, repartí alguns pensamentos. Primeiro, precisamos entender que disciplinas espirituais têm a ver com o Espírito Santo. Quem não tem o Espírito não tem como vivenciar a verdadeira espiritualidade. Essa pessoa pode até ler a Bíblia de forma disciplinada, mas a Bíblia vira apenas um livro acadêmico.

Alguns até dizem que yoga é um exercício espiritual, mas nunca do ponto de vista bíblico ou da verdadeira espiritualidade. Pode até ser para aqueles que olham para a espiritualidade como uma busca por se conectar com o divino. Mas, do ponto de vista bíblico, o Divino já nos alcançou, já nos resgatou, já nos comprou. Não precisamos fazer nada para ganharmos mais dEle, pois o amor dEle por nós não pode ser aumentado de acordo com o número de horas que passamos lendo a Bíblia.

— Em segundo lugar — disse ao jovem —, o segredo é praticar, praticar, praticar. Mas lembre-se: não como um ritual para trocas com Deus, mas como um exercício para crescer no relacionamento com Ele. E aqui está o cerne das disciplinas espirituais: é porque temos o Espírito habitando em nós que somos espirituais. Não é a prática das disciplinas espirituais que nos torna espirituais (isso é misticismo e religiosidade). É porque somos habitados pelo Espírito que somos espirituais. E, justamente por isso, podemos tanto pedir a Deus que nos dê essa fome por Ele como fruto do desejo de conhecer mais de Deus.

— Então — o meu querido jovem perguntou —, qual é a prática mais importante e como praticá-la?

Confessei ao jovem: — Não sei se posso lhe dizer qual é a mais importante. Mas posso lhe dizer qual é a mais negligenciada e que, se não a negligenciássemos, talvez praticaríamos os outros exercícios por amor e fome por Deus.

— Qual, qual, qual? — perguntou o jovem.

— A leitura da Palavra junto com a oração — respondi.

O rapaz interagiu, dizendo: — Muitas vezes leio a Palavra de Deus e, às vezes, o sono vem ou, no fim do dia, nem lembro o que li.

Agradei a ele pela honestidade de suas palavras e sugeri o seguinte exercício:

- a. Primeiro, ache um lugar sossegado e silencioso, longe do celular.
- b. É um exercício espiritual, por isso, peça ao Espírito Santo que fale com você por meio da leitura da Palavra.
- c. Escolha um livro para seguir em sua leitura devocional. Não pegue um texto aleatoriamente, mas decida seguir a leitura de um livro por completo.
- d. Não leia textos grandes. Quem sabe, focar em dois a cinco versículos seja o ideal.
- e. Leia várias vezes esses versículos.
- f. Procure resumir esses versículos com suas próprias palavras: “O que significa o que li?”
- g. Em seguida, pergunte-se: “Como esses versículos se relacionam com minha vida hoje?”. Seria ótimo ter um caderninho para anotar essa resposta (isso ajuda a vencer o sono).
- h. Gaste tempo, 5 ou 10 minutos, ou o tempo que for possível, pedindo que Deus lhe mostre realmente como aqueles versículos se aplicam à sua vida.
- i. Depois, ore: palavras de louvor a Deus, gratidão, intercessão etc.
- j. Procure ao longo do dia, em qualquer oportunidade que tiver, reler o que você escreveu e continuar orando para aplicar em sua vida o que leu.

Disse ainda ao jovem: — Tudo isso que lhe falei pode virar apenas um ritual. Mas, quando o fazemos de maneira regular e pedindo a direção do Espírito, crescemos em nossa espiritualidade e devoção a Deus.

O jovem perguntou: — E as outras disciplinas? Respondi: — Comece com a mais esquecida e torne-a a mais praticada por você. Daí, o desejo pelas outras virá.

Perguntas para reflexão

1. Como você tem praticado a leitura da Palavra e a oração em sua rotina diária? Há espaço para tornar esse momento mais intencional e guiado pelo Espírito?
2. Você costuma buscar as disciplinas espirituais como um ritual ou como um meio de aprofundar seu relacionamento com Deus? Como essa diferença tem impactado sua vida cristã?

Texto para memorizar

“O exercício físico tem algum valor, mas exercitar-se na devoção é muito melhor, pois promete benefícios não apenas nesta vida, mas também na vida futura.”

— I Timóteo 4.8

SER IGREJA É VIVER SIMPLICIDADE

Marcos Cunha

Você já pensou no que significa ser Igreja de verdade? Muitas vezes, imaginamos uma igreja com muitos programas, eventos ou uma rotina agitada. No entanto, a Bíblia nos apresenta uma perspectiva diferente: ser Igreja é muito mais do que atividades — é viver em comunidade, com foco no essencial, no básico, no simples, no verdadeiro amor.

Ser Igreja é cultivar um amor simples e real, que se manifesta de forma prática na vida em comunidade, no dia a dia, e não apenas em eventos ou celebrações de fim de semana. Essa simplicidade se expressa no desapego ao supérfluo, na valorização dos relacionamentos, na partilha de vida e no serviço mútuo.

Mas, afinal, o que é uma Igreja simples? E quais são as marcas que identificam uma comunidade cristã que escolhe viver com autenticidade, comunhão e foco no essencial?

A beleza da simplicidade na vida cristã

A palavra *simplicidade* muitas vezes é confundida com pobreza ou falta de ambição. Mas, na verdade, simplicidade é um convite para desapegar do que é supérfluo e focar no que realmente importa. É um estilo de vida que busca o contentamento em Cristo, priorizando relacionamentos, propósito e um coração livre de ansiedade.

No mundo de hoje, somos bombardeados por mensagens que nos empurram para o consumo desenfreado, para a busca incessante

por mais e mais coisas. É como se a felicidade estivesse sempre no próximo lançamento de celular, no carro do ano ou naquela viagem dos sonhos (que a gente nem pode pagar). Mas Jesus nos ensinou um caminho diferente: o caminho da verdadeira riqueza, que não se mede em bens materiais.

A vida simples não significa viver sem nada, mas viver com o suficiente, com o que realmente importa. Na prática, simplicidade é valorizar as coisas que realmente fazem diferença: o relacionamento com Deus, a união com os irmãos, o amor ao próximo.

Imagine uma igreja onde as pessoas se reúnem não por obrigação ou com pressa, mas porque realmente querem estar juntas; compartilhando refeições simples, orando, aprendendo e apoiando uns aos outros. Como a igreja descrita em Atos 2, que viveu com alegria, compartilhando tudo o que tinha, sem complicação, mas com coração generoso e sincero.

E você, valoriza mais as coisas materiais ou a vida comunitária? Como pode simplificar a sua rotina para dar espaço ao que é mais importante?

Viver comunidade: juntos na caminhada

Ser igreja é mais do que frequentar um templo ou uma reunião de domingo. É fazer parte de uma comunidade que compartilha a vida, as alegrias e as dificuldades.

A Bíblia nos ensina que não estamos sozinhos na jornada cristã. Em Atos 2 encontramos um retrato lindo da igreja. Era um pessoal que vivia a simplicidade na prática e com um senso de comunidade impressionante!

Eles não tinham templos luxuosos ou programações mirabolantes. Não estavam preocupados em acumular fortunas, mas sim em viver o evangelho de forma autêntica e amorosa. A simplicidade de vida deles liberava tempo, energia e recursos para o que realmente importava: a comunhão, o partir do pão, as orações e o cuidado mútuo. O que eles tinham de verdade? Uns aos outros!

Essa convivência simples, diária, faz a diferença: ajuda no crescimento espiritual, fortalece os laços de amizade e cria um ambiente onde o amor de Cristo é visível.

Talvez você possa começar convidando alguém para tomar um café, dividir uma refeição ou ajudar alguém que precisa. Essas ações simples fazem uma grande diferença, mostrando que ser igreja é viver em comunhão.

A armadilha da individualidade

Em contraste, a nossa cultura atual prega a individualidade como um superpoder. “Seja você mesmo! Corra atrás dos seus sonhos! Não dependa de ninguém!” Parece legal, certo? Mas essa individualidade extrema pode nos levar a um isolamento perigoso. Acabamos presos na nossa própria bolha, sem nos conectarmos de verdade com as pessoas, sem experimentarmos a riqueza de ter uma comunidade que nos apoia e desafia a crescer.

Nos tempos modernos, muitas vezes tratamos a fé como algo privado e individual. É comum ouvir frases como: “Eu e Deus nos entendemos” ou “Minha fé é entre mim e Ele”. Embora seja essencial cultivar um relacionamento pessoal com Deus, o cristianismo não foi projetado para ser vivido sozinho.

Jesus nos ensinou a amar o próximo, servir uns aos outros e carregar os fardos uns dos outros. Como podemos obedecer a esses ensinamentos se estivermos isolados?

A vida cristã é uma caminhada em conjunto. Quando nos isolamos, nos tornamos mais vulneráveis ao desânimo e ao pecado. A comunhão nos fortalece e nos ajuda a viver com propósito.

Pequenos grupos: onde a simplicidade encontra a comunidade

É aqui que os pequenos grupos entram em cena como um verdadeiro salva-vidas! O que são pequenos grupos? São comunidades de pessoas que se reúnem regularmente para estudar a Bíblia, orar, compartilhar a vida, rir, chorar e crescer juntos. É a igreja em ação, vivendo a simplicidade e a comunidade que a igreja primitiva experimentava, seguindo as instruções de Paulo em Romanos 12.10-18.

Em um pequeno grupo, temos a chance de:

- Sermos conhecidos de verdade: Em uma reunião grande, é difícil ser vulnerável. Em um grupo menor, você se sente mais à vontade para abrir o coração, compartilhar suas lutas e vitórias.
- Recebermos apoio real: A vida é cheia de altos e baixos. Ter um grupo de pessoas que ampara nas dificuldades, que ora por você e encoraja, faz toda a diferença.
- Praticarmos a simplicidade: Ao compartilhar tesouros, tempo e talentos, os pequenos grupos nos ajudam a viver a simplicidade na prática. Menos foco no “eu” e mais foco no “nós”.
- Crescermos espiritualmente: Estudar a Bíblia juntos, discutir e aplicar os ensinamentos à vida real, nos ajuda a aprofundar nossa fé e a viver uma vida mais parecida com a de Cristo.

Um convite à simplicidade

A vida simples não é sobre ter menos, mas sobre ser mais. É sobre ser livre da tirania do consumismo, do status e da cobiça. É sobre encontrar a verdadeira riqueza em Cristo e nas relações.

Ser igreja e viver simplicidade são escolhas que podem transformar nossa rotina, nossas relações e nossa fé. Como Jesus ensinou e exemplificou, o mais importante é o amor, a comunhão e uma vida centrada no que é essencial: Deus e o próximo.

Vamos lembrar do que o Espírito Santo quer nos ensinar. Que nossas vidas sejam uma prova de que uma caminhada cristã pode ser simples, cheia de alegria verdadeira e marcada pela comunidade amorosa que Deus deseja.

Perguntas para reflexão

1. O que na minha vida tem me impedido de viver uma vida mais simples e focada no essencial? (Pode ser algo material, um hábito, uma preocupação, etc.)
2. De que forma a individualidade tem me afastado de uma conexão mais profunda com a minha comunidade de fé?

Texto para memorizar

“Pensemos em como motivar uns aos outros na prática do amor e das boas obras. E não deixemos de nos reunir, como fazem alguns, mas encorajemo-nos mutuamente, sobretudo agora que o dia está próximo.” Hebreus 10.24-25

DEVOCIONAL 14

SER IGREJA É AGIR COM SABEDORIA NOS CONFLITOS

Caroline Pereira

Em sua carta aos Efésios, no capítulo 4, Paulo diz que há um só corpo ligado à cabeça, que é Cristo: “Dele, todo o corpo, ajustado e unido pelo auxílio de todas as juntas, cresce e edifica a si mesmo em amor, à medida que cada parte realiza a sua função.” (Ef 4.16). Ser Igreja é, portanto, viver em unidade por meio das funções e diferenças de cada um.

Ainda assim, não sabemos lidar com as diferenças que surgem dentro do corpo. É desconfortável para nós estar perto de pessoas que vivem, se vestem ou pensam diferente de nós. São vários os motivos: a disputa, o desejo de ter razão, a crença de que carregamos a solução, a inveja, entre outros. E é nesse contexto - o de não saber lidar com a diferença - que surgem os conflitos.

Paulo e Barnabé, durante sua viagem missionária, por exemplo, passaram por um conflito de ideias em relação ao próximo passo que deveriam tomar. Queriam companhias e rumos diferentes, e entenderam que o melhor seria se separar (At 15.36-41). Em outra história da Bíblia, temos o rei Saul, que temia pelo fim de seu reinado. Por um conflito de interesse, lidou de maneira totalmente egoísta e fez de tudo para acabar com Davi (1Sm 18.6-12; 1Sm 19.1-10). Esses são apenas alguns exemplos bíblicos que retratam atritos. Afinal, o conflito - dentro e fora da Igreja - é uma realidade. Enfrentaremos conflitos

geracionais, de interesse, doutrinários, familiares e de todos os tipos enquanto vivermos.

Como, então, lidar com esse tipo de situação e manter a unidade? Buscando a sabedoria que vem do alto! Isso é muito bem retratado e explicado em Tiago 3.13-17: “Quem é sábio e tem entendimento entre vocês? Que o demonstre pelo seu bom procedimento, por meio de obras praticadas com a humildade que provém da sabedoria. Contudo, se vocês abrigam no coração inveja amarga e ambição egoísta, não se gloriem disso nem neguem a verdade. Esse tipo de ‘sabedoria’ não vem do alto, mas é terrena, não é espiritual e é demoníaca. Pois onde há inveja e ambição egoísta, aí há confusão e toda espécie de males. Mas a sabedoria que vem do alto é antes de tudo pura; depois, pacífica, amável, compreensiva, cheia de misericórdia e de bons frutos, imparcial e sincera.” (Tg 3.13-17).

Precisamos entender que o mal não reside nas diferenças ou nos conflitos de ideia, mas sim na maneira como lidamos com eles. Unidade não é uniformidade, mas sim bom convívio em meio às diferenças. Podemos buscar em Deus uma sabedoria que nos ensina a lidar com nossas relações humanas e nos ajuda a substituir a ambição egoísta por pacificidade e amor.

Desde a queda, somos tentados a buscar alguém para culpar, como vemos em Gênesis 3, em que Adão culpa Eva, e Eva culpa a serpente por fazê-los comer do fruto. Mas eles eram responsáveis. Nós somos responsáveis por nossas ações. Nem sempre há um vilão na história, mas sempre haverá a necessidade de resolvermos nossos conflitos.

Em Filipenses 4.2, Paulo suplica que Evódia e Síntique solucionem seus desentendimentos, tendo em vista que estão no Senhor.

Isso era importante para o desenvolvimento daquela igreja. O mesmo é verdadeiro para qualquer comunidade nos dias de hoje: se estamos em Cristo, sejamos como Ele: pacíficos, amáveis, compreensivos e cheios de misericórdia.

Nós fomos chamados para uma vida de unidade em meio à diferença. Uma vida com Cristo, até que a Redenção seja completa em Seu retorno, não é uma vida sem conflitos, mas sim uma vida que busca sabedoria do alto para lidar com eles.

Perguntas para reflexão

1. Qual é a diferença entre a sabedoria do alto e a sabedoria terrena para lidar com as relações humanas?
2. Pense no último conflito que você enfrentou. Como você lidou com ele? E como você mudaria sua forma de agir?

Texto para memorizar

“Visto que Deus os escolheu para ser seu povo santo e amado, revistam-se de compaixão, bondade, humildade, mansidão e paciência. Sejam compreensivos uns com os outros e perdoem quem os ofender. Lembrem-se de que o Senhor os perdoou, de modo que vocês também devem perdoar. Acima de tudo, revistam-se do amor, que une todos nós em perfeita harmonia. Permitam que a paz de Cristo governe o seu coração, pois, como membros do mesmo corpo, vocês são chamados a viver em paz. E sejam sempre agradecidos.”

— Colossenses 3.12-15

DEVOCIONAL 15

SER IGREJA É PREPARAR LÍDERES

Cláuber Carrenho

“Não deixe que ninguém o menospreze porque você é jovem. Seja exemplo para todos os fiéis nas palavras, na conduta, no amor, na fé e na pureza. Até minha chegada, dedique-se à leitura pública das Escrituras, ao encorajamento e ao ensino... dedique total atenção a essas questões. Entregue-se inteiramente a suas tarefas, para que todos vejam seu progresso. Fique atento a seu modo de viver e a seus ensinamentos. Permaneça fiel ao que é certo, e assim salvará a si mesmo e àqueles que o ouvem.” 1 Timóteo 4.12-16 (NVT)

Quando leio o texto acima, uma pequena parte de uma carta de um mestre para seu aprendiz, percebo que esse também é um dos papéis de uma igreja viva. Enquanto a igreja busca crescer em relacionamentos verdadeiros dentro da comunidade, ela também observa e separa aqueles que, um dia, serão a futura geração de líderes da comunidade. Onde e quando eles serão líderes será sempre uma incógnita; o que importa é se a igreja os reconhece e os prepara para esse futuro.

Certa vez, ao começar minha carreira numa empresa multinacional, passei o primeiro ano como estagiário. Lembro de uma ocasião em que, ao visitar um cliente junto ao técnico sênior, chegamos com a peça que traria de volta ao cliente o funcionamento do equipamento, parado havia alguns dias. Um clima de expectativa pairava no ar. Me lembro de ter ouvido o técnico dizer o que precisava ser feito e me dar a oportunidade de realizar a troca. O objetivo era claro: lidar

com a situação de expectativa e, por meio da substituição da peça, restaurar a produtividade do cliente. Esqueci de colocar uma parte da montagem que era muito importante. Ao ligar o equipamento, por falta da peça que deixei de montar, a nova quebrou.

Guardo até hoje a expressão do técnico ao me olhar e perguntar: “Você não esqueceu de colocar aquela peça, né?” Nunca mais esqueci dessa peça nas trocas seguintes. Diante do cliente, o técnico sênior assumiu a responsabilidade, dizendo que a falha foi de uma peça nova que já veio danificada. Saí dali profundamente frustrado, especialmente por ter decepcionado aquele que me confiou a tarefa e por não ter correspondido à expectativa do cliente.

Assim vejo o papel do discípulo. Ele anda com o mestre e aprende com o mestre como fazer as coisas como o mestre faz. Mas ele vai errar, não vai fazer direito, nem de maneira completa nas primeiras vezes. Vai frustrar seu mestre e sair frustrado muitas vezes. Esse é o papel do discípulo: caminhar com o mestre e ter espaço para aprender, exercitar e, por muitas vezes, sair frustrado. Essa frustração, quando bem administrada - e quando digo isso, tenho em mente aquela frustração que é compartilhada com o mestre, na qual o mestre deverá ser firme e compassivo -, é para que essa situação sirva de aprendizado e que impulse o discípulo para mais uma etapa na sua jornada de ser cada dia mais parecido com o mestre.

Assim Jesus fez com os seus discípulos. Assim eles andaram com o Mestre e puderam dividir com Ele as frustrações e as dificuldades enfrentadas na jornada. E foram muitas! Uma das minhas passagens preferidas da Bíblia é exatamente aquela em que Jesus pergunta a Pedro, ainda frustrado por ter negado o Mestre antes da

crucificação, se ele O amava. Ao responder que sim, Jesus então completa o treinamento de Pedro dizendo: “Então, apascenta as minhas ovelhas”. Ademais, Pedro foi um dos apóstolos que levou o Evangelho com coragem e ousadia a muitos judeus e gentios!

Esse é o papel da Igreja: preparar discípulos e promover um campo de vivência para que possam exercitar o chamado de Deus para o seu povo - o chamado de amar ao próximo. Se esses discípulos se tornarem depois líderes em seus trabalhos ou na igreja, isso é papel do Espírito Santo. A Igreja deve promover espaço de aprendizado e cuidado. Com amor, compaixão e misericórdia.

Passado aquele ano de estágio, não havia vaga para ser efetivado. Fui me dedicar a buscar uma universidade. Passados quase três meses, a empresa me chamou para assumir uma vaga de técnico pleno. Uma saída repentina, e meu nome veio à mente do supervisor. E por lá trabalhei mais de 19 anos, por graça de Deus, e ao longo desses anos pude levar comigo alguns estagiários, apenas para dar espaço de aprendizado e cuidado. Havia espaço para o aprendizado técnico, mas também espaço para ouvir o coração daqueles jovens.

Tenho algumas perguntas para você:

1. Você tem se aperfeiçoado como discípulo de Jesus? *(O que você pode fazer sozinho);*
2. Você tem buscado se envolver em sua comunidade de fé através dos seus dons e habilidades? *(O que você depende do Espírito Santo);*
3. Em quais áreas da Igreja você gostaria de encontrar espaço de aprendizado e cuidado? *(O que depende da Igreja).*

Espero que as respostas te ajudem ou te incomodem a dar um passo à frente. E também te convido a fazer a oração abaixo:

Pai nosso, por teu Filho bendito, Jesus, venho a ti para um pedido: permita que eu seja um discípulo do Mestre Jesus! Enche-me do teu Espírito Santo e abra os meus olhos para aquilo que eu possa fazer em nossa igreja com os dons que tens me dado! Assim me entrego a ti, hoje e sempre. Amém!

Texto para memorizar

“Procure apresentar-se a Deus aprovado, como obreiro que não tem do que se envergonhar e que maneja corretamente a palavra da verdade.”

— 2 Timóteo 2.15

DEVOCIONAL 16

SER IGREJA É DISCIPULAR NOVAS GERAÇÕES

Lucas Vieira

Não foram raras as vezes em que recebi pais ou responsáveis de adolescentes e jovens, transtornados e entristecidos, pedindo: “Pastor, ore pelo meu filho, converse com ele, pois ele não quer mais saber de Jesus ou da Igreja”, ou: “Pastor, minha filha não quer saber da Igreja, não sei o que faço, por favor, ore por ela.” Pedidos assim sempre cortam meu coração, por saber que, infelizmente, nesses casos, a conversa pastoral geralmente é infrutífera; pois, assim como alguém não abandona a comunidade de fé do dia para a noite, o retorno também não costuma acontecer de forma tão simples e repentina. Por isso, a oração é nosso principal grito por socorro nessas situações.

Diante dessas questões, é comum levantar as perguntas: o que podemos fazer na Igreja para não perdermos mais jovens como esses? Como lidar melhor com a transição dos adolescentes para os jovens? Como podemos dar educação cristã sólida, discipulado constante, relacionamentos saudáveis em pequenos grupos, boa orientação ética etc.? Como criar um ambiente mais atrativo? Será que o caminho é fazermos mais entretenimento? Será que basta fazê-los passar mais tempo na Igreja? Todas essas perguntas convergem para a maior de todas: como não perder esses jovens?

Uma tentação diante disso é responder com uma agenda cheia de

eventos com alto grau de entretenimento, estética cultural elevada, bandas com ótima performance no palco, pregadores que encantem pequenas multidões e coisas semelhantes. Assim, estaríamos sempre com a “casa cheia” e, diante da perda de um ou dois, poderíamos aliviar a mente com a afirmação: “Ah, mas olha só quantos permanecem.” Talvez um caminho assim mantivesse a Igreja mais cheia de jovens, mas não necessariamente mais próxima de Jesus. É evidente que esse não é o caminho.

Há uma imensa diferença entre manter a nova geração dentro da Igreja e mantê-la amando o Senhor e seguindo os seus caminhos. O convite de Jesus para segui-lo é mais ousado, radical e exigente do que simplesmente encher nossas igrejas. Ele poderia ter nos convidado para participar da sua religião, mas não o fez. Poderia pedir para guardarmos certos dias, usarmos roupas pré-definidas, decorarmos a lei ou algo semelhante; mas Ele também não fez isso. Ele foi muito – muito mesmo! – além disso: nos chamou para sermos seus discípulos.

Ser discípulo é o mesmo que ser um aluno. Nos tempos de Jesus, os discípulos eram um grupo de meninos considerados extraordinários no estudo da Torá, podendo ter a partir de dez anos de idade. Esses meninos eram adotados por um rabino, uma espécie de mestre da teologia, e se dedicavam a decorar toda a Bíblia Hebraica e aprender a interpretá-la. Jesus, por sua vez, chama para serem seus discípulos pessoas que não foram consideradas extraordinárias pelo sistema religioso judaico, e as adota como seus alunos-discípulos, ensinando a elas sobre o Reino de Deus. Mais do que chamados para praticar uma religião, fomos chamados para compor o grupo de pessoas que Jesus quer ensinar intimamente – e não apenas a interpretar os textos sagrados, mas especialmente a viver!

Por isso, nosso papel com a nova geração não é o de mantê-los

na Igreja vivendo “na linha”, com uma boa e aparente moral. Nosso grande desafio, na verdade, é evangelizá-los apaixonadamente, até que o evangelho faça sentido em seus corações; e, a partir daí, ensiná-los sobre a Bíblia, as realidades do Reino de Deus e, mais que isso, dar-lhes um ensino prático sobre como viver isso a partir dos seus dilemas e perguntas do seu próprio tempo. Ainda mais: é ensinar que, a partir de então, eles também fazem parte dos missionários que Deus quer usar para alcançar outros — e chamá-los a participar do serviço a Deus. A pergunta que surge é: “Ok, e quem é que tem que fazer desses meninos e meninas discípulos de Jesus?”

Nesses mais de 12 anos trabalhando com jovens e adolescentes, percebo que a maioria das famílias entrega completamente a formação espiritual dos filhos à Igreja. Uma Igreja que, na maioria dos casos, tem líderes voluntários ou que servem em tempo parcial, e que se encontram com esses meninos e meninas por, em média, umas quatro horas por semana. Igrejas que, por sua vez, devido a uma série de fatores, tendem a negligenciar as novas gerações, reafirmando o estereótipo de “difíceis”, “aborrecentes”, “só querem aprontar” ou coisas semelhantes, diminuindo sua importância na Igreja local e economizando energia para outras áreas que, aparentemente, dão mais resultados.

Não é possível responder quem tem essa responsabilidade sem compreender a quem Jesus a deu. Veja as palavras do Senhor em Mateus 28.18-20: “Então, Jesus aproximou-se deles e disse: ‘Foi-me dada toda a autoridade nos céus e na terra. Portanto, vão e façam discípulos de todas as nações, batizando-os em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo, ensinando-os a obedecer a tudo o que eu lhes ordenei. E eu estarei sempre com vocês, até o fim dos tempos.’”

Todos são chamados para fazer discípulos do Senhor nas novas gerações! A expressão “vão” ou “ide” pode ser melhor traduzida por “indo”, ou seja, enquanto você vive, enquanto caminha, faça discípulos. É com base nesse chamado universal de Jesus que todos são convocados a discipular as novas gerações: os pastores, líderes ministeriais, líderes de pequenos grupos, voluntários, jovens mais experientes, adultos e, principalmente, os pais. A família é o agente prioritário de Deus no discipulado dos filhos, e a Igreja é sua parceira de missão na construção de discípulos de Jesus na vida dos nossos meninos e meninas.

Como disse no início, não é uma única ação ou situação que afasta um jovem dos caminhos de Jesus; portanto, é importante estarmos juntos e vigilantes, exortando e encorajando uns aos outros para assumirmos a responsabilidade de tornar discípulo de Jesus qualquer criança, pré-adolescente, adolescente ou jovem que esteja diante de nós!

Perguntas para Reflexão

1. Tenho transferido para a Igreja, pastores, líderes ou outros irmãos o meu papel de discipular a nova geração (seja com filhos ou jovens próximos em que é possível ter alguma ação)?
2. Há alguma família enfrentando desafios com os filhos e que posso apoiar em oração? Se sim, comprometa-se com o membro mais próximo de orar por seus filhos.

Texto para memorizar

“Ensine-as com persistência a seus filhos. Converse sobre elas quando estiver sentado em casa, quando estiver andando pelo caminho, quando se deitar e quando se levantar.” Deuteronômio 6:7

SER IGREJA E FLORESER NO DESERTO

Isabella Branco

Eu acho que todos nós podemos concordar que a Bíblia possui várias histórias encantadoras, não é? Muitas seguem o seguinte enredo: há um personagem com características bem específicas, problemas aparentemente impossíveis e o agir de Deus.

Pense, por exemplo, em José. Ele nasceu em uma família numerosa, o que não significou, necessariamente, ser rodeado pelo amor dos irmãos. Foi vendido como escravo, comprado e chamado para trabalhar para Potifar, um oficial egípcio. Nesse meio aparentemente terrível (um judeu trabalhando para um oficial egípcio), José frutificou de forma tal que foi nomeado responsável por tudo o que seu senhor possuía. Em seguida, foi tentado, injustamente acusado e levado à prisão. Ainda assim, na prisão, interpretando sonhos de dois presos, frutificou novamente e, por isso, foi mencionado ao faraó. Por fim, ocupando o cargo imediatamente abaixo do faraó, como governador do Egito, José frutificou mais uma vez ao administrar o reino em um período de grande fome.

Outra história marcante é a de Daniel. Jerusalém havia sido conquistada pelo império da Babilônia - povo totalmente idólatra e em oposição a Deus. Chamado para servir ao rei Nabucodonosor, Daniel enfrentou situações extremamente difíceis. Mas, além desse rei, ele ainda serviu sob o reinado de outros três: Belsazar, que utilizou os utensílios sagrados do templo; Dario, que lançou Daniel na cova dos

leões; e Ciro. Todos os contextos nos quais Daniel esteve envolvido eram extremamente complicados, já que estava no exílio, mas ainda assim permaneceu obediente a Deus.

Também temos a trajetória de Moisés, cuja vida se divide entre ser príncipe egípcio e judeu. O povo de Israel vivia em escravidão no Egito e era fortemente oprimido. Muita morte, muita fome, muito medo, o povo já não aguentava mais. Moisés recebeu a missão de libertá-los, sabendo que isso significava ir contra sua antiga boa vida no palácio, contra aqueles que um dia chamou de família e contra o maior governante da época, que nutria ódio em seu coração pelos israelitas.

Percebe como cada um deles, em suas singularidades, viveu situações extremamente desafiadoras e transformou esses “desertos” em ambientes de crescimento espiritual?

É aqui que está o ponto desta devocional: florescer no deserto.

Deus é o único que tem a capacidade de transformar um deserto – qualquer situação, por mais difícil e complicada que seja – em um jardim de bênçãos.

Mas o que isso tem a ver com ser igreja? Onde isso se encaixa?

Bem, é importante lembrar que ser igreja não é apenas frequentar o prédio físico “igreja”. Não é ir a todos os cultos e levantar as mãos no momento de adoração só porque todos fazem isso e parece o certo a se fazer. Ser igreja é ser Corpo de Cristo, de forma viva, ativa e presente. Romanos 12.4-5 nos mostra: “Assim como cada um de nós tem um corpo com muitos membros, e esses membros não exercem todos a mesma função, assim também em Cristo nós, que somos muitos, formamos um corpo, e cada membro está ligado a todos os outros.”

Temos aqui uma explicação bem clara que Paulo nos deixou:

o corpo de Cristo funciona em união. Todos são responsáveis pelo mesmo corpo — nos momentos bons, de prosperidade e saúde, como também nos tempos difíceis.

Onde mais, senão no deserto, seria possível percebermos o quão dependentes de Deus somos? Quando tudo vai bem, temos a falsa sensação de que tudo está sob nosso controle — até a próxima dificuldade. O deserto aqui simboliza provações, situações que parecem improváveis de serem superadas. Mas o que a Bíblia nos ensina é que é justamente nesses lugares improváveis que Deus revela sua graça e seu poder. Isso inclui também a igreja.

Como igreja, temos a responsabilidade de ser fonte de consolo e refrigério para outros, de orar por aqueles que estão frágeis e fracos na fé. Mais uma vez, Paulo nos ensina em 1 Coríntios 12.26-27: “Se um membro sofre, todos os outros sofrem com ele; se um membro é honrado, todos os outros se alegram com ele. Ora, vocês são o corpo de Cristo, e cada um de vocês é membro dele.”

Temos o dever de ser um sinal vivo de Deus em meio ao caos que o mundo vive. A igreja verdadeira floresce — e aqui quero dizer que gera frutos, traz esperança — não porque o ambiente é favorável, já que, pelo contrário, o mundo jaz no maligno. Ela floresce porque está enraizada na Cabeça do Corpo.

Perceba: Jesus nunca prometeu ausência de desertos em nossa vida, mas garantiu sua presença em todos os momentos. Assim, quando a igreja se apoia n’Ele, ela floresce em compaixão, perseverança, amor e fé. Temos a seguinte promessa de Deus: “Não só isso, mas também nos gloriamos nas tribulações, porque sabemos que a tribulação produz perseverança; a perseverança, um caráter aprova-

do; e o caráter aprovado, esperança. E a esperança não nos decepciona, porque Deus derramou seu amor em nossos corações, por meio do Espírito Santo que ele nos concedeu.” (Romanos 5.3-5)

Vamos retomar as histórias que vimos no início deste capítulo? José, Daniel e Moisés tiveram seus momentos de deserto - histórias que, para nós hoje, parecem até absurdas. E realmente são extraordinárias. Mas o que eles tinham em comum - e nós também temos - é um Deus interessado em nosso crescimento espiritual. Não apenas individual, mas, ainda mais hoje, como igreja, como comunidade.

Eu sei que parece fácil falar. É fácil dizer para alguém ou para uma comunidade: “Ei, creia em Deus. Ele fará florescer seu deserto.” Mas é difícil executar.

Perguntas para Reflexão

1. Percebendo que você ou sua igreja está passando por um período de deserto, você tem tentado florescer, mesmo que pareça difícil? Quero dizer: realmente tentado? Tem se disposto a se ajoelhar e orar?
2. Qual tem sido seu alvo: apenas sobreviver a esse deserto ou crescer espiritualmente com sua comunidade a partir dele?

Texto para memorizar

“Não só isso, mas também nos gloriamos nas tribulações, porque sabemos que a tribulação produz perseverança; a perseverança, um caráter aprovado; e o caráter aprovado, esperança. E a esperança não nos decepciona, porque Deus derramou seu amor em nossos corações, por meio do Espírito Santo que ele nos concedeu.”

— Romanos 5.3-5

PARTE III

Corpo em Comunhão
IGREJA

DEVOCIONAL 18

SER IGREJA É AMAR SEM EXCLUIR, CORRIGIR SEM CONDENAR

Thiago Costa

Temos usado muito a palavra “acolhimento” em nossa igreja, mas será que sabemos realmente o que ela significa? O dicionário a define como “maneira de receber ou de ser recebido; recepção, consideração; abrigo gratuito, hospitalidade”. No contexto de serviços de saúde, acolhimento é a humanização dos atendimentos, enquanto “triagem” é uma separação, escolha, seleção, encaminhamento para o profissional responsável.

Entendemos que o sentido de acolhimento é sempre o de receber e considerar a pessoa — portanto, demonstrar amor e carinho com ações práticas, não apenas com palavras. Não apenas saber responder a alguma de suas perguntas ou encaminhar para conversar com um pastor, mas preocupar-se sinceramente, buscando aproximar-se e caminhar junto com outras pessoas, demonstrando o amor de Cristo.

Em um desses encontros, o Mestre estava ensinando o povo no templo quando os mestres da lei e os fariseus trouxeram-lhe uma mulher apanhada em flagrante no ato do adultério (João 8.1-11). O adultério era pecado mortal em Israel, tendo como pena o apedrejamento. Jesus, percebendo que aquela mulher precisava dele e de seu amor, decide acolhê-la em vez de apenas rejeitá-la e condená-la por conta do seu pecado.

O texto diz que Cristo abaixou-se e começou a escrever no chão com o dedo — provavelmente motivos pelos quais eles não poderiam acusar aquela mulher. Depois de escrever um pouco, ele se levantou e mostrou àqueles acusadores que eles não tinham motivo para rejeitá-la, uma vez que todos estavam na mesma situação de pecado que aquela mulher. Não que todos houvessem adulterado, mas todos estavam na mesma condição de pecado e eram tão culpados quanto ela perante Deus. O único que tinha condições de condená-la ali era o próprio Jesus, que não tinha pecado. Porém, ele decide não o fazer.

Em vez de condená-la à morte por apedrejamento, Cristo afirma a ela que não o fará. A história termina com o Salvador deixando que a mulher vá embora — mas não sem antes dar uma instrução: “Vá e não peque mais” (João 8.11). Observando a forma como Jesus acolheu essa mulher, podemos aprender lições valiosas para também sermos uma igreja que acolhe.

A primeira lição que podemos tirar do texto — e que muitas vezes passa despercebida — é que Jesus foi para o monte das Oliveiras enquanto todos foram para casa (o capítulo 7 é encerrado com essa informação). O Mestre tinha o costume de se retirar para lá à noite para orar, passando um tempo na presença do Pai. Então, quando o Filho chegou no templo pela manhã, estava “com as baterias carregadas” e alinhado com a vontade de seu Pai. Isso significa que ele estava sensível àquilo que o Pai queria fazer, e cheio do amor dele.

Nós também devemos levar uma vida de oração e pedir para que sejamos mais acolhedores nas nossas orações, pois isso reflete o nosso Senhor. Não devemos apenas tentar acolher alguém quando encontramos a pessoa; essa atitude deve começar na nossa oração,

para que estejamos sensíveis ao guiar de Deus e com o coração aberto para termos consideração pelas pessoas que ele nos dará para acolher. 1 João 4.19 diz: “Nós amamos porque ele nos amou primeiro”. O amor que dispensaremos aos outros não provém de nós, mas do próprio Deus. Todo o amor que temos veio dele e foi aprendido com ele. Portanto, precisamos estar bem “afinados” nesse amor para repassá-lo a outras pessoas.

A segunda lição que podemos aprender com essa história é que Jesus não procurou motivos para não acolher, ainda que a mulher fosse diferente dele. O pastor Lisânias sempre diz que devemos acolher e amar o diferente de nós — seja de outro sexo ou em termos socioeconômicos, étnicos ou mesmo de orientação sexual. O Mestre decidiu olhar para ela com amor e não com exclusão, apesar de ser mulher (no contexto judaico, Cristo não deveria se aproximar muito dela) e do pecado que ela havia cometido.

Talvez ninguém quisesse acolher alguém nesse perfil: uma pessoa que já não tinha tanto prestígio na sociedade (mulher) e ainda condenada à morte por ter cometido um pecado mortal. “Quem mandou pecar?”, “Agora vai ter que se virar com a consequência, é melhor eu não me envolver.” Mas o nosso Exemplo, que veio para “buscar e salvar os perdidos” (Lc 19.10), cumpre sua missão e não deixa ninguém para trás.

Devemos também olhar para os excluídos, os rejeitados, os abandonados — mesmo que eles tenham errado — e acolhê-los como Jesus faria, mesmo que isso não nos traga status nem nos beneficie. Ser Igreja amando o próximo será pensar e agir em função das necessidades do outro, em vez de pensar primeiro em nossas necessidades (Fp 2.4).

Por último, percebemos que, quando Jesus diz que ela está livre,

faz uma advertência antes que ela vá embora: “Vá e não peque mais”. Ele não apenas a libertou dos que a condenavam e a deixou livre para fazer o que quisesse, mas mostrou qual era o padrão esperado de alguém que é liberto por Cristo e agora o segue.

Na vida pós-conversão, o pecado não deve ser considerado mais como algo normal e corriqueiro, mas combatido com todas as forças. O novo padrão da nossa vida é Cristo. Portanto, devemos ser como ele. Paulo diz aos Gálatas: “Portanto, permaneçam firmes nessa liberdade, pois Cristo verdadeiramente nos libertou. Não se submetam novamente à escravidão da lei” (Gl 5.1).

O Senhor não queria que aquela mulher continuasse levando a vida da mesma forma e, dali a algum tempo, passasse pela mesma situação novamente – mas que não precisasse mais passar por aquilo, por estar vivendo uma vida que agrada a Deus.

Acolher não é simplesmente “passar a mão na cabeça”, receber e considerar a pessoa deixando que ela continue no seu pecado. Jesus nos mostra claramente que a firmeza ao lidar com o pecado faz parte do acolhimento. Devemos tratar a pessoa com amor, mas o pecado deve ser combatido, seja ele qual for. Afinal, o padrão do cristão é o próprio Cristo, em sua santidade e perfeição.

Perguntas para reflexão

1. Você tem buscado amar e acolher as pessoas como Jesus fez com a mulher adúltera, mesmo quando elas erram ou são diferentes de você?
2. De que forma você pode demonstrar amor verdadeiro a alguém sem ignorar ou relativizar o pecado em sua vida?

Texto para memorizar

“Sobretudo, amem-se sinceramente uns aos outros, porque o amor perdoa muitíssimos pecados. Sejam mutuamente hospitaleiros, sem reclamação.” I Pedro 4.8-9

DEVOCIONAL 19

SER IGREJA É SER FAMÍLIA

Gustavo de Souza

“Tu guardarás em perfeita paz todos os que em ti confiam, aqueles cujos propósitos estão firmes em ti. Confiem sempre no Senhor, pois o Senhor Deus é a Rocha eterna.” (Isaías 26.3-4)

Em março de 2001, entrei na Igreja Batista do Morumbi pela primeira vez. (Neste primeiro período, fiquei até 2008, antes de retornar em julho de 2015). Naquele domingo, no boletim da igreja, havia uma frase que me chamou muito a atenção: “Uma igreja só é forte na proporção em que seus lares forem fortes.”

Tenho carregado comigo essa verdade ao longo da minha vida, e a cada dia percebo o quanto essa afirmação é real.

Não há como dissociar Igreja e Família, Família e Igreja. As duas caminham juntas. Se há falsidade em uma, haverá falsidade e mentira nas duas. O contrário também é verdadeiro: se há verdade, pureza e integridade em uma, haverá o mesmo nas duas.

Mas o que é Igreja? O que é Família?

Respondendo de forma simples e direta, Igreja é o Corpo de Cristo. E o Corpo de Cristo é formado por pessoas compradas pelo sangue de Jesus — pessoas que, pela graça de Deus, reconheceram sua condição de pecadoras e aceitaram a Cristo como seu único e suficiente Salvador.

E família? Sabemos bem, pela prática da vida, o que é. À luz das Escrituras, família é a união de um homem e uma mulher, que podem

ou não gerar filhos. É o ambiente onde experimentamos o viver “um”. Esse sentimento é difícil de descrever, mas é a realidade de uma vida em que, querendo ou não, compartilhamos cumplicidades, vivemos comunhão e experimentamos amor.

Quando vivemos o contrário dessa comunhão e desse amor, sentimos uma dor profunda na alma. Por quê? Porque a unidade que experimentamos em Cristo é ferida. A permanência na luta contra essa unidade nos machuca e cria raízes de mágoa e dor. E a consequência disso é a ruptura do que o Criador criou para nós.

Como viver plenamente como Igreja?

Qualquer um pode experimentar isso?

Como deve ser o meu proceder?

Antes de responder, quero destacar algo muito importante: as instituições estão morrendo. Estão se degradando, se rompendo, perdendo valor. O que importa hoje são os ideais modernos. O antigo é taxado de ultrapassado. O absoluto agora é relativo. O “ser” é definido pelo que acredito, pela minha verdade, pelos meus pensamentos. E é aí que mora o perigo.

Como vimos acima, Igreja é o Corpo de Cristo. Família é a união de duas pessoas de sexos opostos que decidem vivenciar o “ser um” até que a morte os separe. Isso é absoluto, não muda, é inegociável. A Palavra de Deus ensina que a união entre homem e mulher reflete o mistério da união da Igreja com seu Noivo: Cristo.

Um mistério vivido com entrega, amor, respeito, sacrifício, esvaziar-se de si mesmo, renovar-se diariamente com Cristo. Grande é esse mistério.

Talvez você, ao ler essa reflexão, tenha se perguntado:

– “Mas o que o texto de Isaías tem a ver com isso?”

– “O que ele pode nos elucidar para compreender melhor tudo o que foi dito?”

Esse texto tem me acompanhado desde o ano de 2019. Tive o privilégio de refletir sobre ele em muitos Pequenos Grupos da nossa igreja. Meu exercício sempre foi explicar o texto de trás para frente. E gostaria de destacar pelo menos três lembranças que esse trecho nos proporciona:

Deus é Rocha Eterna.

Isso significa um lugar seguro e firme, que não se desfaz. Não muda, não se deteriora com o tempo. É o mesmo ontem, hoje e eternamente. Isso é absoluto.

Devo confiar sempre no Senhor.

Nossa confiança não está baseada na sociedade, em palavras humanas ou no nosso próprio potencial. A confiança do texto é relacional – confiar no Senhor perpetuamente significa manter um relacionamento contínuo, que não se extingue. Ele está conosco em todos os momentos, e devemos viver com Ele todos os dias.

Devo dizer “não” com firmeza.

(Essa palavrinha antiga – “titubear” – ainda serve bem aqui.)

O texto diz que a paz de Deus é concedida àqueles que têm propósitos firmes. Ou seja, àqueles que são determinados a fazer o que é certo. E se tenho tal determinação, preciso dizer “não” a tudo que tenta me afastar disso. Digo “não” à minha própria vontade e “sim” à vontade de Deus.

O resultado de viver assim é que Deus dará e conservará sua paz em nós.

Igreja e Família são instituições da Rocha Eterna.

Uma foi comprada pelo sangue do Filho, e a outra foi criada por Ele no início do mundo. Elas não mudam. Ambas devem permanecer Nele, em um relacionamento constante. Esse relacionamento com Deus deve ocorrer em comunidade, em casa e individualmente. É apenas na medida em que crescemos com Ele que passamos a desfrutar de sua paz.

Se o ser família está fraquejando, o ser Igreja também fraquejará. Não há como separar uma da outra. Ser “um” apenas não basta – um depende do outro.

Dito isso, respondo às perguntas lá de cima: sim, é possível viver plenamente como Igreja – mas isso exige dependência do Senhor. Que o nosso Deus nos conduza a viver plenamente n’Ele, e nos dê força para permanecermos firmes em sua vontade. Assim, desfrutaremos de uma comunhão plena no ser Igreja e no ser Família.

Perguntas para reflexão

1. Minha família tem refletido, na prática, a mesma unidade, verdade e integridade que desejo viver como Igreja?
2. Tenho firmado meus propósitos em Deus, permitindo que Ele seja a Rocha que sustenta tanto minha vida familiar quanto minha vida comunitária na fé?

Texto para memorizar

“Tu guardarás em perfeita paz todos os que em ti confiam, aqueles cujos propósitos estão firmes em ti. Confiem sempre no Senhor, pois o Senhor Deus é a Rocha eterna.” Isaías 26.3-4

DEVOCIONAL 20

SER IGREJA E GERAR FAMÍLIAS SAUDÁVEIS

Fábio Carrenho

Uma das lembranças que tenho dos anos em que frequentei a IBMorumbi é uma frase que sempre estampava a parte inferior do boletim semanal: “Uma igreja só é forte à medida que seus lares forem fortes.”

Nunca deixei de acreditar nessa frase. Atualmente, sou o pastor titular de uma igreja no interior de São Paulo. Acompanho a dinâmica das famílias da nossa comunidade e tenho percebido o quanto é fundamental que a igreja seja instrumento de Deus para a geração de famílias saudáveis.

Famílias saudáveis não são famílias perfeitas, mas são aquelas que sabem que a vida cristã que devem viver está centrada em Jesus. A melhor ilustração para entendermos essa espiritualidade saudável é a metáfora da videira e os ramos, compartilhada por Jesus no Evangelho de João, capítulo 15. Já no primeiro versículo, temos uma declaração poderosa: Jesus é a videira verdadeira, e o Pai é o agricultor. Essa afirmação nos lembra que nada pode dar errado com a videira, pois é Deus quem cuida dela. Ou seja, o sucesso está garantido!

Se desejamos de fato experimentar uma vida espiritual saudável, e queremos que essa espiritualidade se reflita em nossas famílias, devemos permanecer na videira. Devemos manter o nosso foco em Jesus.

Nos dias de hoje, há milhares de opções que tentam desviar o

nosso foco de Jesus como fonte primária de sustento. Muitas famílias têm buscado contentamento em fontes frágeis: dinheiro, sucesso profissional, bens materiais, viagens internacionais... Mas nenhuma dessas coisas é capaz de gerar as raízes profundas que somente a videira verdadeira pode oferecer. Só em Jesus — e em seu amor infinito — há sustento verdadeiro. Seu amor nunca acaba.

Se queremos nos alimentar desse amor, precisamos permanecer em Jesus, conectados à videira.

A metáfora da videira e dos ramos nos ensina pelo menos cinco lições para vivermos como famílias saudáveis:

Cada integrante da família deve buscar sua conexão pessoal com Jesus (João 15.2).

Se desejamos que nossos filhos vivam de forma saudável à luz dos propósitos de Deus, precisamos, como pais, viver uma vida de devoção. Antes de nos ouvirem, nossos filhos nos veem. Se não virem em nós exemplos de oração, leitura da Bíblia, piedade e amor, não teremos autoridade nem condições de nutrir seus corações.

Ramos não se alimentam dos frutos, mas da videira (João 15.4).

É comum nos preocuparmos com os resultados da vida espiritual, mas o mais importante é o relacionamento com Jesus. O segredo de uma vida saudável é quem somos n'Ele, não o que conseguimos fazer por Ele. Nunca seremos pais ou filhos perfeitos, mas podemos estar ligados Àquele que é perfeito — e isso basta.

Todo amor verdadeiro só é possível na videira verdadeira (João 15.9).

Permanecer em Jesus é ter acesso a uma fonte de amor que não se esgota. O amor humano, por vezes, enfraquece diante das di-

ficuldades, mas o amor de Deus — o amor ágape — é incondicional. Quando o experimentamos, podemos repartir esse amor com nossos filhos, permitindo que também eles sejam conectados a Jesus.

Famílias saudáveis são famílias contentes em qualquer situação (João 15,11).

Há um grande engano em buscar constantemente a felicidade e ensinar isso aos nossos filhos. A felicidade é passageira, mas o contentamento em Jesus é duradouro. Permanecer n'Ele não é garantia de ausência de dificuldades, mas é certeza de alegria, mesmo nas lutas.

A igreja fortalece as famílias quando oferece estrutura para a vida na videira.

A videira precisa de apoio para crescer — ela é uma planta trepadeira. Do mesmo modo, a igreja pode ser o suporte que famílias precisam para desenvolver uma espiritualidade sólida. A responsabilidade de formar os filhos espiritualmente é da família, mas a igreja é parceira essencial ao proporcionar espaços de crescimento e comunhão com Cristo.

Reescrevendo aquela antiga frase do boletim, poderíamos dizer: “Uma igreja só será saudável à medida que suas famílias forem saudáveis.”

Que a metáfora da videira e dos ramos seja realidade na sua vida, na sua família e na sua igreja. Todos os anos a videira precisa ser podada para que brote novamente e dê ainda mais frutos.

E você?

- O que precisa ser podado hoje em sua vida?

- Quais conexões devem ser cortadas para que sua espiritualidade se torne mais saudável?

Perguntas para reflexão

1. Quais são as fontes em que tenho buscado sustento para minha família — e elas realmente alimentam ou apenas distraem da verdadeira videira?
2. Como a igreja tem sido apoio para minha caminhada espiritual — e como eu tenho contribuído para que ela também seja um suporte para outras famílias?

Texto para memorizar

“Eu sou a videira; vocês são os ramos. Se alguém permanecer em mim e eu nele, esse dá muito fruto; pois sem mim vocês não podem fazer coisa alguma.” João 15.5

DEVOCIONAL 21

SER IGREJA É CUIDAR UM DO OUTRO

Sônia Paes

“Juntos, todos vocês são o corpo de Cristo, e cada um é uma parte dele.”(1 Coríntios 12.27)

Como Igreja, somos corpo. E, quando falamos em corpo, lembramos que ele precisa de cuidados para crescer de maneira saudável – física, emocional e espiritualmente. Assim como o corpo necessita que todos os seus membros estejam em harmonia para um bom desenvolvimento, a Igreja, sendo o corpo de Cristo, precisa que seus membros (você e eu) estejam em comunhão verdadeira para que o Reino de Deus cresça.

Em comunhão, podemos observar, aprender e praticar o que a Palavra do Senhor nos ensina sobre como cuidar uns dos outros e, assim, agradecer ao nosso Pai.

Jesus nos ensinou isso de forma clara: “E o Rei dirá: ‘Eu lhes digo a verdade: quando fizeram isso ao menor destes meus irmãos, foi a mim que o fizeram.’” (Mateus 25.40) E também: “Ame o Senhor, seu Deus, de todo o seu coração, de toda a sua alma, de toda a sua força e de toda a sua mente; e ame o seu próximo como a si mesmo.” (Lucas 10.27)

A Igreja deve ser um lugar de acolhimento, uma comunidade amorosa onde podemos – e devemos – receber e tratar bem todas as pessoas que adentrarem nela. Isso fica evidente em Efésios 4.2: “Se-

jam sempre humildes e amáveis, tolerando pacientemente uns aos outros em amor.”

Foi por amor que o Pai entregou seu único Filho para morrer em nosso lugar: “Porque Deus amou tanto o mundo que deu seu Filho único, para que todo o que nele crer não pereça, mas tenha a vida eterna.” (João 3.16)

Em amor, podemos consolar nossos irmãos em suas aflições: “Irmãos, pedimos que advertam os indisciplinados. Encorajem os desanimados. Ajudem os fracos. Sejam pacientes com todos.” (1 Tessalonicenses 5.14)

Em amor, dediquemos tempo uns aos outros. “Amem-se com amor fraternal e tenham prazer em honrar uns aos outros.” (Romanos 12.10)

Em amor, compartilhemos com generosidade nossos recursos – financeiros ou materiais – sempre que houver necessidade entre os irmãos.

Nestes 41 anos como membro da Igreja Batista do Morumbi, vivi incontáveis momentos de acolhimento, amor e cuidado.

Recordo-me de um dia em que minha família e eu enfrentávamos grandes dificuldades financeiras. Ao final de um culto, um irmão se aproximou e, sem encontrar meu esposo, colocou discretamente um cheque em minhas mãos. O valor supriu todos os compromissos daquele mês. Aquela atitude inesperada e generosa me ensinou a exercitar a generosidade sem esperar nada em troca.

Em amor, irmãos me acolheram com palavras de ânimo nas minhas enfermidades.

Em amor, oraram comigo na perda dos meus pais.

Em amor, celebraram comigo a chegada dos meus netos.

Também em amor, temos servido no Reino em diversas atividades da igreja: nos departamentos de homens, mulheres, jovens, adolescentes, crianças...

“Portanto, meus amados irmãos, sejam fortes e firmes. Trabalhem sempre para o Senhor com entusiasmo, pois vocês sabem que nada do que fazem para o Senhor é inútil.” (1 Coríntios 15.58)

Como corpo, temos uma contribuição poderosa para a comunhão: nossos joelhos. Mesmo que não possamos atuar diretamente em algum ministério, podemos orar – interceder por cada vida e situação na igreja. Orar também é cuidar.

Por isso, faço um convite especial às mulheres da nossa igreja: mulheres de todas as idades, dediquem-se com alegria e seriedade ao tempo de intimidade com o Senhor em oração.

Orem por seus filhos, sobrinhos, vizinhos.

Orem pelos que ainda não aceitaram Jesus como Salvador.

Orem por filhos que enfrentam dependência química ou emocional.

Orem pelas amizades de seus filhos e netos.

Orem por filhos com limitações físicas.

Orem para que nossos filhos tenham um chamado genuíno para levar o Evangelho.

Oremos pelas famílias, seus relacionamentos, e que sejam fortalecidas no servir ao Senhor.

Oremos pela liderança da igreja e suas famílias.

Oremos por todos os departamentos e pelas autoridades constituídas – nacionais e locais.

Oremos para que nossa igreja continue pregando um Evangelho vivo e verdadeiro, resgatando vidas das mãos do inimigo e povoando

os céus com os escolhidos de Deus.

Mesmo com os dias tão corridos, não podemos permitir que a rotina nos roube o relacionamento com nossos irmãos e a dedicação à comunhão na igreja. Precisamos resgatar o tempo do nosso primeiro amor.

“Todos se dedicavam de coração ao ensino dos apóstolos, à comunhão, ao partir do pão e à oração. Havia em todos eles um profundo temor, e os apóstolos realizavam muitos sinais e maravilhas. Os que criam se reuniam num só lugar e compartilhavam tudo o que possuíam. Vendiam propriedades e bens e repartiam o dinheiro com os necessitados. Adoravam juntos no templo diariamente, reuniam-se nos lares com alegria e generosidade, sempre louvando a Deus e desfrutando da simpatia de todo o povo. E a cada dia o Senhor lhes acrescentava aqueles que iam sendo salvos.” (Atos 2.42-47)

Perguntas para reflexão

1. Tenho vivido em comunhão ativa com meus irmãos na fé, demonstrando amor de forma prática?
2. De que maneira posso hoje usar meus dons — ou meus joelhos — para fortalecer e edificar o Corpo de Cristo?

Texto para memorizar

“Como é bom e agradável quando os irmãos vivem em união!”

Salmo 133.1

DEVOCIONAL 22

SER IGREJA É VIVER UMA PARCERIA DIVINA

Marta Cedra

Nestes anos de caminhada e convivência com o ministério de mulheres da Igreja Batista do Morumbi, tenho aprendido, a cada dia, que a Igreja é muito mais do que um templo e nossos cultos de domingo. A Igreja precisa ser um corpo, no qual todos os membros contribuem para um mesmo objetivo.

Mas como é possível termos unidade mesmo com nossas diferenças e imperfeições? Como priorizar relacionamentos em meio a uma agenda tão cheia? Entendo que a única forma de a Igreja cumprir seu propósito é vivendo uma parceria divina.

Parceria significa troca, acordo de colaboração, em que cada parceiro doa algo em direção ao mesmo objetivo. O que Deus nos propõe é um relacionamento com Ele que se reflete no relacionamento com nossos irmãos — a Igreja.

A nossa participação na parceria

Essa parceria começa com a entrega total do nosso eu. Como escreveu o apóstolo Paulo: “Já estou crucificado com Cristo; e vivo, não mais eu, mas Cristo vive em mim.” (Gálatas 2.19b-20a)

Jesus nos ensinou a amar a Deus sobre todas as coisas e ao próximo como a nós mesmos. Não é uma sugestão, mas um mandamen-

to (Lucas 10.27). Deus é amor, e o chamado d’Ele para nós é que aprendamos a amar como Ele ama.

A vida em comunidade exige renúncia. Muitas vezes, será necessário renunciar a nossas vontades por amor a Deus e ao próximo – algo que não faz parte da nossa natureza humana. Para que isso seja possível, Cristo precisa viver em nós e conduzir nossas vidas.

O amor ao próximo é uma resposta ao amor que recebemos de Deus. Ele nos ama, e a forma que Ele escolheu para demonstrarmos gratidão é amando nossos irmãos.

Jesus foi o exemplo perfeito do nosso papel nessa parceria: amar a Deus e responder ao Seu amor, amando também o nosso próximo como a nós mesmos.

A participação de Deus na parceria

Hoje à tarde, eu estava cuidando do meu neto em casa quando recebi uma ligação. Uma amiga, em desespero, estava com pensamentos suicidas. Larguei tudo o que estava fazendo e, ali mesmo, por telefone, pude orar com ela e falar sobre o quanto ela é valiosa para Deus.

Fui um instrumento nas mãos do Senhor, capacitada e usada para que a Palavra chegasse ao coração aflito. Nessa parceria divina, quando nos entregamos como servos e nos colocamos à disposição de Deus para Sua obra, Ele nos capacita e nos usa de forma surpreendente.

É um privilégio que recebemos: abençoar e ser abençoados pelos nossos irmãos em Cristo.

Quando aceitamos entregar nosso caminho ao Senhor e fazer parte dessa parceria divina, Ele nos concede o privilégio e a oportunidade de sermos parte do Seu plano eterno – instrumentos d’Ele na

vida de outras pessoas.

Por isso, creio firmemente: ser Igreja é viver essa parceria divina. Só podemos ser um corpo se formos um com Cristo, que é a cabeça e a razão da nossa adoração e comunhão.

Perguntas para reflexão

1. Tenho vivido de fato essa parceria divina — permitindo que Cristo viva em mim e molde meus relacionamentos na igreja?
2. Como posso ser mais disponível para Deus e mais presente na vida de meus irmãos e irmãs em Cristo?

Texto para memorizar

“Amados, continuemos a amar uns aos outros, pois o amor vem de Deus. Quem ama é nascido de Deus e conhece a Deus.” 1 João 4.7

DEVOCIONAL 23

SER IGREJA E LIDAR COM FERIDAS EMOCIONAIS

Helena Quiel

Deus transforma lamento em louvor. No livro de Rute, lemos: “Nos dias em que os juízes julgavam, houve fome na terra de Israel.” (Rute 1.1)

A história de Rute começa em tempos sombrios no qual havia de fome, desordem social e confusão espiritual. O povo de Israel vivia um ciclo constante de desobediência, sofrimento e arrependimento. É nesse contexto que uma família israelita, liderada por Elimeleque, decide sair da terra prometida e buscar sustento em Moabe, uma terra estrangeira e pagã.

O plano era sobreviver. Mas o que parecia uma solução virou cenário de luto. Elimeleque morre. Depois, seus dois filhos, Malom e Quiliom, também morrem. Noemi, agora viúva e sem filhos, se vê desamparada em uma cultura onde mulheres sozinhas eram marginalizadas. Sua dor é tão profunda que ela muda seu nome: de Noemi, que significa “agradável”, para Mara, “amargura”.

A dor pode nos deformar. Pode nos fazer esquecer quem Deus é e quem somos nele. Quantas vezes, como Noemi, sentimos que Deus virou o rosto para nós? Quantas vezes a perda, a rejeição ou a solidão nos fizeram acreditar que fomos abandonados?

Noemi representa muitos de nós. Gente que um dia confiou, mas depois se frustrou. Que já experimentou a presença de Deus, mas se

feriu no caminho. Que já foi cheia de fé, mas agora só consegue carregar amargura no peito.

E é aqui que o tema central deste devocional emerge: como ser Igreja - comunidade viva do Reino - lidando com feridas emocionais tão profundas?

Deus não se apresenta a Noemi com uma explicação. Ele não desfaz o luto como num passe de mágica. Mas ele age! Primeiro, por meio de Rute, sua nora moabita. Em vez de voltar para a casa do pai, como seria natural, Rute decide permanecer com Noemi. Seu gesto é radical e contracultural. Sua aliança não é apenas com a sogra, mas com o Deus de Israel: “O seu povo será o meu povo, o seu Deus será o meu Deus.” (Rute 1.16)

Rute é Igreja para Noemi. Ela não oferece respostas prontas, mas oferece presença. Ela não diz “vai passar”, mas caminha junto. Quando estamos quebrados, Deus muitas vezes se revela por meio de pessoas assim — gente que decide ficar, mesmo quando tudo em nós grita para fugir.

Na jornada de restauração, a presença do outro importa. Como Igreja, somos chamados a ser como Rute: permanecer ao lado dos que choram, carregar o peso junto, amar sem medidas.

E, como Noemi, precisamos aprender a permitir que o outro nos ame. Às vezes, o caminho da cura começa quando deixamos alguém nos acompanhar na dor.

Feridas emocionais não são curadas em fuga. É preciso voltar. Noemi decide retornar a Belém — lugar que antes ela deixou. Retornar à presença de Deus, ao convívio do povo, ao solo da promessa. Não porque tudo foi resolvido, mas porque agora ela não está mais sozinha.

E nessa volta, Deus começa a reescrever a história. Aos poucos, discretamente, vidas são restauradas. Rute encontra favor aos olhos de

Boaz, um parente resgatador. Casam-se. Têm um filho. E Noemi, aquela que dizia estar vazia, agora carrega nos braços uma nova geração.

O nome do bebê é Obede. Ele será avô de Davi, o rei. E da linhagem de Davi virá Jesus, o Messias.

O que era lamento virou louvor. O que era fim tornou-se começo. A dor de Noemi e Rute foi transformada em redenção — não só para elas, mas para toda a humanidade.

Esse é o Deus a quem servimos. Um Deus que não ignora as lágrimas, mas que entra no vale com a gente. Um Deus que restaura nossa identidade e nos chama de volta. Que usa a dor para nos moldar, e os relacionamentos para nos curar.

Ser Igreja é viver esse tipo de comunhão. É ser espaço seguro para os que sofrem, e permitir ser restaurado quando estamos feridos. É olhar para a dor do outro com empatia, oferecendo companhia, cuidado e esperança. É reconhecer que todos nós carregamos marcas, e que o próprio Cristo, nosso Salvador, também carregou as suas.

Ele nos entende. Ele sabe o que é luto, rejeição, abandono. E, porque ele venceu tudo isso na cruz, nós também podemos encontrar vida onde só havia morte.

Perguntas para reflexão

1. Em que momentos você já se sentiu como Noemi — amargo(a), sozinho(a), sem esperança?
2. Quais áreas da sua vida você precisa levar de volta à presença de Deus?

Texto para memorização

“O seu povo será o meu povo, o seu Deus será o meu Deus.” Rute 1.16b

DEVOCIONAL 24

SER IGREJA E AMAR OS MARGINALIZADOS

Ilka Nagamine

E se não houvessem os marginalizados? Como seria o mundo? E se não houvesse igreja? Como o mundo seria? Espero que a segunda pergunta tenha trazido à sua mente uma imagem devastadora do mundo, pois a igreja (você) exerce um papel fundamental de amor: o reflexo de Cristo. Já a primeira nos remete ao senso de justiça. Então, posso sugerir que há uma conexão entre essas duas indagações.

Ser igreja e amar os marginalizados - seriam essas afirmações de contextos distintos? Para nos aprofundarmos mais neste tema, precisamos entender quem realmente somos para compreender o segundo maior mandamento: amar ao próximo como a si mesmo.

Deus nos enxerga da mesma forma e tem a mesma promessa para todos. Em João 3:16, lemos: “Porque Deus amou o mundo de tal maneira que deu o Seu Filho unigênito, para que todo aquele que Nele crer não pereça, mas tenha a vida eterna.”

O propósito de Deus para nós, pecadores, é que vivamos eternamente. E esta verdade deve ser conhecida por todos.

“Ser” significa: ter identidade, característica ou propriedade intrínseca; apresentar-se em determinada condição ou situação.

“Igreja”, em sua definição mais básica, é: o local da pregação dos ensinamentos e o conjunto de fiéis unidos pela mesma fé, que cele-

bram as mesmas doutrinas religiosas.

Em 1 Coríntios 6:19-20, Paulo nos lembra: “Será que vocês não sabem que o corpo de vocês é o templo do Espírito Santo, que vive em vocês e lhes foi dado por Deus? Vocês não pertencem a vocês mesmos, mas a Deus, pois Ele os comprou e pagou o preço. Portanto, usem o seu corpo para a glória dEle.”

Ser igreja nos traz a responsabilidade de carregar a vida de Cristo, o Espírito Santo em nós. É uma honra fazer parte do corpo de Cristo, exercer nosso chamado por meio dos dons e talentos, estabelecendo o Reino de Deus na Terra. Mas não se engane: saber nossa identidade em Cristo não nos dá o direito de pensarmos de forma ativa ou arrogante que somos melhores do que os outros.

Não somos bons. Jesus nos ensina, ao dialogar com um homem rico sobre bondade: “Por que me chamas bom? Ninguém há bom senão um, que é Deus.” (Mateus 10:18)

Nossa vida deve estar completamente submissa às instruções de Deus. Ter uma vida devocional e de constante oração nos manterá íntimos de Deus, obedientes à Sua Palavra, produzindo assim satisfação e propósito em uma vida abundante.

Mas afinal, quem são os marginalizados?

Geralmente, vivem em bairros periféricos. Mas há muitos localizados também nos grandes centros. Por isso, é mais preciso defini-los como grupos ou pessoas que estão à margem da sociedade, limitados aos acessos básicos de uma vida digna. Vivem em situações de precariedade e vulnerabilidade: risco de violência, drogas, tráfico, abusos (sexuais, morais e psicológicos), locais insalubres, altos índices de analfabetismo, doenças e fome ou privação alimentar.

Muitas famílias são desestruturadas. Quando não há abandono do menor, são geralmente formadas por mães solo, que precisam deixar os filhos aos cuidados de avós, tias ou alguém da comunidade para poderem trabalhar e sustentar o lar. No início da adolescência, essas crianças muitas vezes buscam “bicos” ou subempregos para auxiliar a renda familiar, o que dificulta sua profissionalização e perpetua o ciclo da pobreza.

Para que este devocional seja intencional e ultrapasse os pré-conceitos estruturais entre classes sociais e o ser igreja, precisamos refletir:

Será que a pessoa marginalizada faz parte da igreja?

Se ela se converter a Cristo, se tornará igreja?

E ainda: Ao se tornar igreja, essa pessoa deixará de ser marginalizada?

Em 1 João 4:7-12, aprendemos que: “Amados, amemo-nos uns aos outros, porque o amor é de Deus; e todo o que ama é nascido de Deus e conhece a Deus. Aquele que não ama não conhece a Deus, porque Deus é amor [...] Se Deus assim nos amou, nós também devemos amar-nos uns aos outros.”

Dependemos completamente de Deus para amar. Cristo morreu por nós. Quando reconhecemos essa verdade e aceitamos Jesus como nosso suficiente Senhor e Salvador, nascemos de novo. Nasecemos no Espírito — ou seja, morremos para nossas vontades e passamos a viver a vontade de Deus.

Romanos 12:2 nos exorta: “Não se amoldem ao padrão deste mundo, mas transformem-se pela renovação da sua mente, para que sejam capazes de experimentar e comprovar a boa, agradável e perfeita vontade de Deus.”

Somos miseráveis pecadores, independentemente da classe social em que estamos inseridos. Cristo morreu por todos. Quando compreendermos essa verdade, caminhos serão construídos para uma mudança de mentalidade, não apenas social.

A empatia, a compaixão e o senso de justiça serão vividos, não apenas sentidos. É necessário agir, ter disposição para mudar realidades, oferecer novas chances, oportunidades que deem dignidade aos mais necessitados — independentemente da fé que exerçam num primeiro momento, quanto mais àqueles que professam a mesma fé em Cristo.

O ser humano é formado de uma parte material (corpo) e outra imaterial (alma|espírito). Não adianta alimentar apenas a parte imaterial, pois a parte material tem necessidades básicas: higiene, educação, nutrição, saúde, mobilidade, entre outras. Jesus não dispensou o povo faminto após pregar. Ele sabia que não queria vê-los desfalecer pelo caminho ou ouvir com o semblante abatido pela fome.

Muitas vezes, o necessitado se lembrará do Deus daquela pessoa que o ajudou no momento da dor, da dificuldade, da aflição. Romanos 10:14-15 nos pergunta: “Como, pois, invocarão aquele em quem não creram? E como crerão naquele de quem não ouviram falar? E como ouvirão, se não houver quem pregue? [...] Como são belos os pés dos que anunciam boas novas!”

Importar-se com os marginalizados não é sacrifício. É o amor gerado pelo Espírito Santo, não por obras ou assistencialismo. Cumprir a vontade de Deus trará realização, pois seu propósito será cumprido: que todos creiam e tenham vida eterna. Efésios 2:8-9 declara: “Porque pela graça sois salvos, por meio da fé; e isto não vem de vós, é dom de Deus; não vem das obras, para que ninguém se glorie.”

Deus se agrada daqueles que dependem dEle. Ele se alegra quando reconhecemos nossa pequenez. Não é vergonhoso admitir a dificuldade de amar ou de ajudar quem não é semelhante a nós. Peça ao Espírito Santo que se manifeste em sua vida — para amar como Ele ama — e para viver experiências ainda mais profundas de dedicação aos menos favorecidos.

Fale ao Senhor das necessidades que você observa nos marginalizados. Peça para ser usado, para receber estratégias que tragam dignidade e vida. Junte-se a pessoas e organizações que já atuam com esse propósito. Minha oração é para que você seja envolvido pelo Espírito Santo de forma sobrenatural e testemunhe as transformações que Deus fará.

“O amor é paciente, o amor é bondoso. Não inveja, não se vangloria, não se orgulha. Não maltrata, não procura seus interesses, não se ira facilmente, não guarda rancor. O amor não se alegra com a injustiça, mas se alegra com a verdade. Tudo sofre, tudo crê, tudo espera, tudo suporta.” (1 Coríntios 13:4-7)

Perguntas para reflexão

1. Como tenho respondido, na prática, ao chamado de amar os marginalizados?
2. Minha vida reflete o amor de Cristo de maneira visível aos que mais necessitam?

Texto para memorização

“Pois o Senhor vosso Deus é o Deus dos deuses, e o Senhor dos senhores, o Deus grande, poderoso e temível, que não faz acepção de pessoas, nem aceita recompensas; que faz justiça ao órfão e à viúva, e ama o estrangeiro, dando-lhe pão e roupa.” Deuteronômio 10:17-18

DEVOCIONAL 25

SER IGREJA E PROMOVER JUSTIÇA E MISERICÓRDIA

Sandra Lago Moraes

“Ó povo, o SENHOR já lhe declarou o que é bom e o que ele requer de você: que pratique a justiça, ame a misericórdia e ande humildemente com seu Deus.” (Miquéias 6:8, NVT)

“Então Jesus disse: Vá e faça o mesmo.” (Lucas 10:37b, NVT)

“Quanto mais olhamos para cima, mais conseguimos ver ao nosso redor.” (KELLER, T., 2016)

A identidade de uma igreja é revelada pelo seu testemunho em um mundo marcado por dor, injustiça e indiferença. Esse testemunho vai além das palavras: ele se concretiza quando a igreja se torna uma comunidade onde Deus está presente e onde uma nova qualidade de vida se manifesta por meio da palavra e da ação.

A Igreja é chamada a ser um “corpo que testemunha” enquanto caminha humildemente com Deus. E nesse caminhar, o que o Senhor espera de nós não são sacrifícios espetaculares ou rituais religiosos performáticos, mas uma fé viva, expressa na prática da justiça e no amor à misericórdia (Mq 6.8).

A Igreja que anda humildemente com Deus não se acomoda

a aparências. Ela deseja obedecer, servir, refletir a luz de Cristo em meio às trevas do mundo. À primeira vista, praticar a justiça e amar a misericórdia podem parecer atitudes distintas, mas no contexto bíblico elas se completam.

A palavra hebraica *mishpat* (justiça) enfatiza a ação reta e responsável, enquanto *chesedh* (misericórdia) destaca a motivação compassiva que sustenta essa ação. Ao longo das Escrituras, somos chamados a uma prática de justiça misericordiosa, avaliada, sobretudo, pela forma como tratamos o “quarteto da vulnerabilidade bíblica”: órfãos, viúvas, estrangeiros e pobres (KELLER, T., 2013).

É inspirador lembrar como Jesus iniciou seu ministério, lendo na sinagoga em Nazaré: “Entregaram-lhe o livro do profeta Isaías, e ele o abriu e encontrou o lugar onde estava escrito: O Espírito do Senhor está sobre mim, pois ele me ungiu para trazer as boas novas aos pobres. Ele me enviou para anunciar que os cativos serão soltos, os cegos verão, os oprimidos serão libertos, e que é chegado o tempo do favor do Senhor.” (Lucas 4:17-19, NVT)

Jesus nasceu na periferia, viveu na Galileia e escolheu realizar seu ministério entre os marginalizados de seu tempo. Com ousadia incomum, optou pelos excluídos — os deficientes, leprosos, cegos, aleijados — e por todos os que eram oprimidos por sistemas religiosos, econômicos, sociais e políticos.

A Igreja de Jesus Cristo, hoje, como sal, precisa agir com o mesmo compromisso. Precisa encarnar essa opção, não apenas em discurso, mas como prática clara, radical e determinada a favor dos marginalizados e explorados (FIGUEIREDO, A. T., 1997).

A Bíblia deixa claro que Deus se importa profundamente com

os pobres e os vulneráveis. A preocupação com a pobreza é uma das mais recorrentes em toda a Escritura — mais de duas mil passagens tratam diretamente do tema, seja nas leis, nos mandamentos ou nas ações proféticas, tanto no Antigo quanto no Novo Testamento.

É importante lembrar, porém, que não devemos confundir evangelismo com justiça social. A missão única e mais essencial da Igreja é anunciar o evangelho de Jesus Cristo — por meio do qual homens e mulheres nascem de novo e recebem a esperança da vida eterna. Somente os cristãos têm essa mensagem a oferecer ao mundo. Entretanto, promover justiça misericordiosa não é uma distração dessa missão: é parte integral dela (KELLER, 2013).

A Igreja, como organismo vivo, deve crescer de forma completa e equilibrada — em adoração, comunhão, ensino, evangelismo e prática da misericórdia. Mas por que, mesmo compreendendo a importância que Deus atribui à justiça e à misericórdia, muitas vezes nos omitimos de vivê-las?

Talvez ainda nos faltem motivações suficientemente profundas para formar uma comunidade verdadeiramente atraente ao mundo ao nosso redor — uma comunidade que supre necessidades reais e luta pelos direitos dos que estão próximos.

Três doutrinas bíblicas nos oferecem motivações corretas para isso:

Doutrina da Imago Dei (Imagem de Deus): todo ser humano carrega a imagem de Deus. Valorizar a vida humana é respeitar o próprio Criador.

Doutrina da criação: tudo o que temos pertence a Deus. Somos mordomos da criação. Nosso sucesso, recursos e talentos são dádivas divinas a serviço da comunidade.

Doutrina da graça: quem de fato experimentou a graça de Cristo será inevitavelmente impulsionado a buscar a justiça no mundo, como expressão de gratidão e transformação interior. (KELLER, T., 2013)

Motivados por essas verdades, somos chamados a agir — não com base em ideologias alinhamentos partidários ou alternativas teológicas exóticas, mas unindo o chamado profético à prática do amor compassivo, ao obedecer à ordem simples de Jesus no fim da parábola do bom samaritano: “Vá e faça o mesmo.” (Lc 10:37, NVT)

Ao ser questionado por um perito da Lei sobre como herdar a vida eterna, Jesus devolve a pergunta: “O que está escrito na Lei? Como você a interpreta?” A resposta foi: “Amar a Deus com todo o coração, alma, força e entendimento, e amar o próximo como a si mesmo.” Jesus aprova: “Você respondeu corretamente. Faça isso e viverá.” Insatisfeito, o homem pergunta: “Mas quem é o meu próximo?” — e Jesus então conta uma das parábolas mais impactantes do Evangelho.

Na perigosa estrada entre Jerusalém e Jericó, um judeu é vítima de um crime. Um sacerdote e um levita, representantes da religiosidade formal, passam ao largo — talvez por medo, conveniência ou legalismo. Ambos se afastam, não apenas da vítima, mas de um mandamento claro: o de estender misericórdia até ao estrangeiro necessitado (Lv 19:34). Priorizaram suas agendas em vez de seus propósitos.

Então, passa um samaritano — alguém considerado inimigo pelos judeus — e, movido por compaixão, se aproxima. Ele oferece amizade, socorro médico, transporte, ajuda financeira e até compromisso de retorno. Coloca em risco sua própria segurança, interrompe sua rota, suja-se com sangue e envolve-se totalmente com alguém de outra raça e classe social.

Jesus nos mostra três verdades fundamentais: i) não podemos escolher como amar - devemos amar com ações concretas de justiça misericordiosa; ii) não podemos escolher quem será alvo do nosso amor - todo ser humano em necessidade é o nosso próximo; iii) Praticar justiça misericordiosa exige envolvimento sacrificial — como o samaritano, devemos ir além do que é conveniente.

Ser uma igreja que promove justiça e misericórdia não é apenas uma demonstração viva do evangelho; é também um testemunho visível ao mundo. O evangelista Mateus enfatiza essa verdade: “brilhe a luz de vocês diante dos outros, para que vejam as boas obras de vocês e glorifiquem ao Pai de vocês que está nos céus.” (Mateus 5:16)

Foi isso que deu força à pregação dos apóstolos na igreja primitiva (Atos 4:32-33), e é isso que Jesus afirmou que convenceria o mundo da veracidade da sua mensagem: “Que todos sejam um... para que o mundo creia que tu me enviaste.” (João 17:21)

Jesus não concluiu a parábola dizendo “vá e pense sobre isso” ou “vá e ore sobre isso”. Ele deu uma ordem: “Vá e faça o mesmo.”

Ser igreja é ser o corpo vivo de Cristo no mundo. É continuar o ministério de Jesus com mãos que curam, pés que se aproximam e olhos que enxergam a dor. Não vivemos isolados em bolhas de conforto, mas na mesma estrada perigosa entre Jerusalém e Jericó. E nessa estrada, Jesus nos envia com uma missão: AGIR.

Quando a Igreja pratica a justiça, ama a misericórdia e anda humildemente com Deus, ela se torna um sinal visível do Reino — um espaço de restauração, reconciliação e esperança.

Que assim seja. Vamos e façamos o mesmo.

Perguntas para reflexão

1. À luz das Escrituras, é possível imaginar que a Igreja de Cristo ignore o chamado para cuidar dos vulneráveis – justamente aqueles a quem Jesus dedicou a maior parte de sua vida e ministério?
2. Diante de uma humanidade que se declara fraterna, mas muitas vezes repete a lógica de Caim contra Abel, que caminhos o evangelho propõe para transformar essa realidade marcada pela indiferença e pela violência?

Texto para memorização

“Então Jesus disse: Vá e faça o mesmo.” Lucas 10:37b

DEVOCIONAL 26

SER IGREJA E VIVER COMPAIXÃO URBANA

Marcelo Fedoruk

O desafio de ser Igreja numa cidade como São Paulo, onde a falta de tempo para ouvir, a correria do dia a dia, a desconfiança de tudo e de todos, e o medo muitas vezes não nos deixam olhar e acreditar nas pessoas que cruzam o nosso caminho.

Pensar no urbano é pensar no concreto. Sim, parece que tudo é cinza, duro, sem vida. Mas, na verdade, não é assim. Quando, como Igreja, passamos a focar nas vidas, nas pessoas, vemos e conhecemos uma cidade totalmente diferente.

Estar atentos àqueles que nos servem, nos prestam serviço, cruzam conosco todos os dias deve, como Igreja, nos levar a fazer um exercício de ouvir, de querer saber e conhecer aqueles que estão à nossa volta.

Grande é o desafio de sair das nossas quatro paredes — que arrumamos e equipamos para ficar melhor para os que participam do nosso grupinho — e sair para fora, viver como Igreja essa compaixão que foi marca da vida de Jesus e que Ele nos ensinou a viver.

Imagine eu e você sendo Igreja, vivendo compaixão urbana: falando, ouvindo, convivendo com todos com quem temos contato no dia a dia. Imagine quantas oportunidades deixamos escapar, dia após dia, de viver essa compaixão e de compartilhar o amor de Deus.

Ao olhar para a Palavra e para a vida e exemplo de Jesus, podemos ver que a compaixão sempre foi uma característica clara na vida de Jesus. Os vínculos dos relacionamentos dEle eram desenvolvidos e tinham marcas de misericórdia e compaixão. Suas relações, desde o início, traziam a compaixão pelos que sofrem e vivem à margem da sociedade.

Lembro-me de uma frase usada há tempos como referência da Igreja Batista do Morumbi: “Levar ao Caminho aqueles que estão à margem do caminho.” Para ser verdade, a compaixão deve permear os passos desse caminhar. Essa compaixão vai além dos limites da religião, classe social, nacionalidade, crença, nível intelectual, sexo ou exigências da lei.

“Bem-aventurados os que choram, pois serão consolados.” (Mateus 5.4) Feliz a Igreja que se compadece dos que sofrem — ou seja, que padecem juntos, sentem a dor do outro e se movem em sua direção para estender as mãos e ajudar, vivendo assim a compaixão ensinada pelo Senhor.

Jesus nos deixou exemplo disso e nos ensina como a Igreja deve se portar e ser:

1 - A fome do povo inquietava e sensibilizava Jesus.

As desigualdades e a pobreza nas áreas urbanas crescem numa escala exponencial. Como a Igreja — ou seja, eu e você — se comporta diante dessa realidade? Quando a Igreja, eu e você, se omite nessa prática de compaixão, na verdade participa do aumento da pobreza e da miséria.

2 - Com ações, Jesus expressava compaixão.

Podemos ver que, no dia do julgamento final, o que vai valer é o quanto fizemos pelo nosso próximo como expressão de compaixão e

amor (Mt 25.31-45 / 1Jo 3.18).

3 - É possível que, mesmo com Jesus presente na Igreja, exista muita gente passando fome entre nós ou com outras necessidades.

Precisamos ter, primeiro, compaixão com os que estão próximos, para então olharmos para os que estão fora dessa comunidade de fé que vivemos, chamada Igreja.

4 - Aquele que tem compaixão não encontra motivo para deixar de ajudar um necessitado – em qualquer área –, mesmo em tempos difíceis de escassez.

Geralmente justificamos de forma simples, dizendo que vivemos uma crise. Amanhã sempre haverá outra. Quem tem essa prática de vida da compaixão de verdade não espera tempo bom para fazer o bem (Tg 4.17). O nosso foco deve estar na pessoa. Precisamos, muito mais, de bons samaritanos.

5 - Arrumamos desculpas e deixamos as circunstâncias falarem mais alto do que as ações.

Assim, não vivemos compaixão e nem com paixão aquilo que o Senhor nos ensinou. Os discípulos ficaram olhando para as dificuldades e se esqueceram das necessidades do povo. Mas Jesus, não. Ele ali estava – e teve compaixão.

6 - A compaixão nos move a ajudar com o que temos, e não com o que poderíamos ter.

Ouçó muito essa frase: “Quando eu tiver um bom emprego, aí eu ajudo”; “Deixa as coisas melhorarem que eu vou dar uma força...” E tantas outras desculpas que damos, como Igreja, para não exercitarmos a compaixão. Deus trabalha em nós e através de nós, como Igreja, a partir daquilo que Ele já nos confiou, e não com o que não

somos ou não temos.

No episódio da sarça ardente, Deus pergunta a Moisés: “Moisés, o que é que você tem nas mãos?” E ele responde: “Uma vara.” (Êxodo 4.2) Assim é também para nós: como Igreja, podemos fazer diferente numa cidade como a nossa, a partir daquilo que temos.

7 - Em tempos de crise, é claro que reservas são importantes – mas desde que o objetivo maior delas seja o exercício da compaixão.

Não há razão para acumularmos, se entre nós existem pessoas que de fato necessitam. A melhor reserva é a reserva em conjunto.

Mais do que nunca, a Igreja de Jesus precisa demonstrar compaixão para com os famintos e necessitados – tanto de dentro quanto de fora da Igreja. Viver o evangelho de amor prático é o grande desafio, para que o mundo seja impactado pela verdade, que é Jesus.

“O amor [...] não busca os próprios interesses, não é egoísta.” (1Coríntios 13.5) Cristo é o exemplo maior desse amor. Quanto mais nos ligarmos uns aos outros, mais ações de compaixão e cuidado teremos uns com os outros.

Perguntas para reflexão

1. O que você tem nas mãos hoje que Deus pode usar para exercer compaixão no lugar onde você vive?
2. Quais desculpas você tem dado para adiar o que o Espírito Santo está lhe pedindo para fazer?

Texto para memorização

“Bem-aventurados os que choram, pois serão consolados.” Mateus 5.4

DEVOCIONAL 27

SER IGREJA EM TEMPOS DE POLARIZAÇÃO

Fabio Pontuschka

“Rogo também por aqueles que crerão em mim, por meio da mensagem deles, para que todos sejam um, Pai, como tu estás em mim e eu em ti. Que eles também estejam em nós, para que o mundo creia que tu me enviaste. Dei-lhes a glória que me deste, para que eles sejam um, assim como nós somos um: eu neles e tu em mim. Que eles sejam levados à plena unidade, para que o mundo saiba que tu me enviaste, e os amaste como igualmente me amaste.” (João 17.20b-23)

João 17 é um dos textos mais belos de toda a Bíblia. Jesus, próximo de sua crucificação, ora a Deus, e essa oração é registrada neste capítulo. Jesus inicia orando por si mesmo (vv. 1-5), depois pelos seus discípulos (vv. 6-19) e, a partir do versículo 20, passa a orar por todos aqueles que viriam a crer nele por meio da mensagem dos apóstolos. É precioso termos registrado o coração de Jesus em oração — e ainda mais precioso saber que essa oração foi por nós.

O pedido de Jesus é claro: que sejamos levados à perfeita unidade, a fim de que vejamos como somos amados por Deus e para que o mundo reconheça a Cristo como enviado do Pai. Por meio da unidade da Igreja, manifestamos a Cristo e espalhamos o amor de Deus.

O chamado à unidade é um tema recorrente no Novo Testamento. Lucas fala sobre a beleza da Igreja Primitiva por conta da sua unidade (At 2.42-47; 4.32-35). O apóstolo Paulo repreende a igreja de Corinto pelas divisões que havia entre eles (1Co 1-3), reforça aos efésios que Jesus derrubou o muro de inimizade entre judeus e gentios, tornando-os um só povo em Cristo (Ef 2.11-22) e ainda afirma: “Não há judeu nem grego, escravo nem livre, homem nem mulher; pois todos são um em Cristo Jesus.” (Gálatas 3.28)

Se somos “embaixadores de Cristo” e a missão de todo cristão é fazer discípulos de todas as nações, ensinando o que aprenderam de Jesus (Mt 28.18-20), o chamado à unidade é urgente e vital. Se nossa unidade manifesta aquele que devemos anunciar, como o próprio Jesus afirmou, torna-se imperativo sermos um só corpo, unidos pelo cabeça: Cristo Jesus.

Não é de se surpreender, então, que Satanás ataque a unidade da Igreja de forma tão incisiva. Desde Adão e Eva, o Diabo se esforça para manter os crentes afastados uns dos outros. Afinal, quanto mais desunidos estivermos, menos Cristo será manifestado. E, atualmente, um movimento tem penetrado as igrejas e quebrado essa unidade: a polarização ideológica.

No Brasil, temos visto dois grandes grupos de pessoas: os que votam no candidato A e os que votam no candidato B. Ou, de forma mais ampla, os que se identificam com a direita e os que se identificam com a esquerda. Essa polarização é histórica, mas, nos últimos anos, deixou de ser algo restrito ao período eleitoral. Tornou-se uma paixão, um filtro pelo qual muitos passam a enxergar o mundo. O que se assiste, o que se conversa, o que se compartilha nas redes sociais,

com quem se anda, onde se matriculam os filhos, e até a forma como se lê a Bíblia — tudo passa por uma lente ideológica. As decisões, em cada aspecto da vida, são guiadas pela vertente política que conquistou o coração.

Essa realidade invadiu as igrejas. Não são raros os casos em que pastores e líderes pedem votos para candidatos, abrem púlpitos para propaganda política e, pior ainda, afirmam que determinado político — seja A ou B (e você sabe de quem estamos falando) — é a resposta de Deus para o país.

Um clima de rixa se instalou nas igrejas. Deixamos de olhar uns para os outros como irmãos e irmãs em Cristo, e passamos a nos ver como torcidas rivais. Frases como “crente não pode ser de direita” ou “cristão não vota em candidato de esquerda” se tornaram comuns. É, no mínimo, curioso pensar que, para alguns, a salvação é determinada pelos números digitados na urna — e não mais no sacrifício de Jesus na cruz.

Estamos reconstruindo o muro de inimizade que Jesus derrubou, à medida que destruimos a unidade. E qual o resultado disso? Cristo deixa de ser manifestado pela Igreja. Essa idolatria política, que adentrou pelas portas da igreja, é enviada diretamente pelo mal com o objetivo de destruir a comunhão entre os cristãos — e nós temos permitido que isso aconteça.

O papel da Igreja deveria ser o de aproximar os polos — não colaborar com seu afastamento. Se o mundo adere à polarização, nós, como Igreja, deveríamos ir na contramão, já que a oração de Jesus é para que sejamos um. Será que esse pedido de Jesus ainda é possível hoje? Com toda certeza, é!

Jesus reuniu doze apóstolos. Dois deles, Mateus e Simão, tinham posições políticas completamente antagônicas. Mateus era cobrador de impostos a serviço do Império Romano; Simão Zelote era revolucionário, contrário ao domínio romano. O que os fez caminhar juntos? Aquele que os chamou: o próprio Cristo.

Jesus Cristo é o fundamento da unidade dos cristãos. Ele é o cabeça do corpo. Não há nada superior a Ele. Se Cristo habita em nós — e de fato habita —, todos os cristãos possuem algo em comum: o próprio Cristo. Se desejamos ser uma Igreja unida, precisamos nos voltar a Ele. Assim, passaremos a olhar para nossos irmãos como Ele os vê: filhos de Deus, resgatados e membros importantes do Corpo.

Nossas diferenças não são maiores do que o Cristo que nos fez um só povo. Usar os padrões do mundo para definir quem é irmão ou não é pecado — e precisamos nos arrepender por ferir a unidade da Igreja.

A Igreja de Cristo deve se portar como uma demonstração visível do Reino de Deus, onde todas as tribos, raças e nações adorarão ao Senhor em uma só voz. O mundo polarizado deveria olhar para a unidade da Igreja e enxergar, nela, a esperança de um mundo melhor. Ao verem essa unidade, verão aquele que a gera — e serão atraídos para conhecê-lo. A Igreja unida em Cristo é um farol que guia os perdidos à comunhão com o Senhor.

Devemos abrir mão do orgulho e amar com amor sacrificial, como Jesus nos amou: colocando o outro à nossa frente e servindo uns aos outros. Todos somos carentes do amor do Senhor. Todos fizemos o que Ele reprova. Ainda assim, Ele nos alcançou por amor. E, por amor, precisamos amar nossos irmãos, pois estamos todos no mesmo barco. O alívio é que, se Jesus sustenta a unidade, é Ele também quem

transforma o nosso coração para amarmos corretamente. Entregue-mo-nos e confiemos nele para vivermos a plena unidade.

Talvez você esteja ferindo a unidade da Igreja. Hoje é o dia de se voltar a Cristo — o Cristo que te chamou —, encontrar perdão e recomençar em direção ao mandamento de amar uns aos outros.

Ou talvez você deseje viver em unidade, mas não tem conseguido. Peça ao Senhor oportunidades para se envolver. Participe de um Pequeno Grupo. Sirva em algum ministério. Mas, acima de tudo, comece a olhar para seus irmãos em Cristo como filhos amados de Deus, para que você veja o que os une — e não o que os separa.

Num mundo quebrado em dois, há algo sólido, firme e constante que une todos os cristãos: o Cristo ressurreto, à direita do Pai, que nos resgatou e está conosco até o fim dos tempos.

Busque a Ele. Conheça a Ele. E você verá a beleza da unidade que o Senhor criou.

Perguntas para reflexão

1. Tenho deixado que minhas diferenças com irmãos e irmãs em Cristo sejam maiores do que o mesmo Jesus que nos une?
2. Tenho manifestado a Cristo pela forma como amo meus irmãos?

Texto para memorização

“Não há judeu nem grego, escravo nem livre, homem nem mulher, pois todos são um em Cristo Jesus.” Gálatas 3.28

PARTE IV

Luz para o Mundo
LOREJA

DEVOCIONAL 28

SER IGREJA É VIVER A ALEGRIA DO EVANGELHO

Lilian Copertino

Há vinte e cinco anos, tomamos a decisão familiar de que iríamos morar fora de São Paulo e que nossos filhos, ainda crianças, iriam experimentar a tranquilidade de residir no “mato”, sem alguns confortos e praticidades da cidade, mas com o privilégio de uma vida menos acelerada, aprendendo a valorizar os processos da natureza.

Naquele momento da vida, até que pudéssemos morar definitivamente na casa que sonhávamos, tivemos que ficar, por cinco meses, literalmente acampados em um apartamento gentilmente cedido por um casal amigo. Estávamos com nossos pertences encaixotados, colchões no chão, araras com cabides pendurados, prateleiras improvisadas para acondicionar panelas, louças e alimentos — enfim, tudo funcionalmente improvisado.

Nesse tempo de construção, cada membro da família tentava alinhar seus sonhos e expectativas não somente ao local onde iríamos residir, mas também às condições financeiras e estruturais da obra. Alguns desejos precisaram ser frustrados para adequar-se à realidade econômica da família.

Mudamos para a nova residência e, nesse novo tempo, surgiu ao meu esposo uma imagem que até hoje nos acompanha e ilustra bem para nós o que é estar alegre em Cristo e imersos no contentamento

que só o Seu poder é capaz de produzir em nossas vidas.

Saímos do conforto da residência anterior e fomos para um tempo improvisado, mas investidos de uma alegria inédita, porque estávamos trabalhando (e sendo trabalhados) para o tempo futuro, na casa que ainda seria concluída. Vivíamos felizes porque sabíamos que aquela era uma condição transitória, passageira, e que o importante era usufruir o presente, nos moldes que o Senhor nos oferecia — porque, lá na frente, seria muito melhor!

Quando olho para o Evangelho de Cristo, que é o poder de Deus para todo aquele que crê, compreendo-o dessa forma. É possível viver a promessa de alegria do Evangelho desde o presente como um ensino para a vida, porque o que Ele nos reserva para o tempo futuro será muito melhor.

Enquanto isso, viveremos o presente apenas desfrutando e aguardando? Claro que não! Não é isso que a Palavra nos ensina. O apóstolo Paulo nos escreve que devemos “reter firmemente a palavra da vida”, pois ela nos assegura repousar sobre o poder do Senhor todos os dias. Não importa o que aconteça, a sua cidadania não é deste mundo — por isso, desenvolva a alegria, que é fruto do Espírito, como alguém que recebe uma destacada missão.

Esse é o sentido de tantas vezes Paulo afirmar, em suas cartas, que agora vivemos em Cristo. Nele, somos diferentes. Nele, reside um estado novo para a alma. Nele, a certeza nos acompanha. E só Nele a alegria nasce, e a esperança transborda.

Nossa família vivia esse mesmo pensamento: o de estar na nova moradia em poucos meses. Por isso, cada um foi se esvaziando de suas preferências pessoais — até mesmo os filhos, ainda crianças —,

alinhando nossos sonhos para que todos estivéssemos consoantes a um único modelo, tornando-nos mais semelhantes, mais unidos, pois todos queríamos estar juntos no novo lar o mais rápido possível.

Esvaziar-se de si mesmo é uma atitude não só de obediência, mas de amor — que também é fruto do Espírito Santo em nossas vidas. Jesus Cristo esvaziou-se de si mesmo por amor e obediência ao Pai, e também experimentou o sentimento de alegria e contentamento em seus dias, mesmo sabendo que, antes de ser glorificado com o Pai, deveria passar pelo sofrimento e pela cruz. Em todo o Seu percurso na terra, ainda que esvaziado de sua majestade, o poder de Deus estava sobre Ele.

A Bíblia apresenta o Evangelho como o poder de Deus para a salvação de todo aquele que crê (Romanos 1.16). Dessa forma, o Evangelho é o poder que nos tira da condição de dor temporária neste mundo e nos projeta para a alegria contínua do Reino de Deus. Isso difere de ter a felicidade como projeto de vida — o que não pode ser a realidade daquele que experimenta a alegria do Evangelho no presente.

Ser feliz como um projeto de vida é um conceito da sociedade pós-moderna, voltado para esta vida momentânea, passageira e fugaz — e que não condiz com a realidade do Evangelho, que é para a Eternidade: sem marco inicial, sem tempo final.

No desejo de ser feliz com vistas apenas para esta vida, nos esforçamos em demasia, temos nossos sonhos frustrados, ficamos angustiados com os relacionamentos pessoais, sucumbimos frente à rejeição social e comumente nos deprimimos por não conseguir suportar as rejeições e perdas do presente.

Por conta disso, muitas vezes precisamos ser medicados para que

o desespero diminua, a nossa subjetividade seja modulada, bem como a angústia, diminuída. Contudo, esses recursos medicamentosos — importantes e, em muitos casos, extremamente necessários e até imprescindíveis em nossos dias —, tão capazes de nos auxiliar a lidar com os conflitos pessoais e com as dores da alma por vezes insuportáveis, possuem uma falha estrutural: não são capazes de ensinar nossas mentes e corações a permanecerem estáveis no Senhor e perseverantes no exercício do contentamento e da alegria que só Deus nos proporciona.

Essa condição só é possível quando mudamos o comportamento e aprendemos a depender do poder de Deus, por meio do Espírito Santo em nós. Quando descobrimos esse caminho com o Pai, nosso coração se torna grato, nossa gratidão se converte em contentamento, e nossas expressões de alegria sobem aos céus em forma de oração, despertando o sorriso do Senhor.

É interessante observar que o nosso estado de alegria é importante para que outros não somente temam ao Senhor, mas para que aqueles que já o temem também reencontrem, por meio de nós, um novo regozijo.

O autor do Salmo 119 inicia afirmando que são felizes aqueles que obedecem ao Senhor e de coração o buscam. Mais adiante, no verso 74, afirma a respeito de si mesmo: “Que eu seja motivo de alegria para os que te temem, pois em tua palavra depositei minha esperança.” (Salmo 119.74)

O salmista descobriu que a força geradora de sua alegria e esperança estava na constante busca pelos preceitos do Senhor e no alimentar-se da Palavra de Deus — o sustento da sua alegria.

Observe se, naqueles momentos em que você sente sua vida es-

vaziar-se da alegria e do contentamento que só o nosso Deus gera, o tempo investido para se aprofundar nos preceitos do Senhor — ou seja, ler a Bíblia, meditar e orar — também não foi reduzido, ou simplesmente desapareceu de sua agenda.

É comum nos envolvermos com os tantos afazeres profissionais, domésticos e até mesmo recreativos, e passarmos a dedicar menos tempo ao cuidado de nossa alma.

Lembre-se de quão importante é desenvolver em sua vida o prazer pela companhia do Senhor, deleitando-se em seus preceitos — pois somente neles é possível encontrar vida. Andar com Deus conduz nossos corações a um estado de alegria ímpar e contentamento único, exclusivo daqueles que vivem o privilégio de chamá-Lo de Pai e Senhor de suas vidas.

Perguntas para reflexão

1. Em quais áreas da sua vida você tem buscado a felicidade como projeto pessoal e não como fruto do contentamento em Cristo?
2. O que tem impedido você de desfrutar da alegria que nasce da gratidão e da confiança no cuidado diário do Senhor?

Texto para memorização

“Que Deus, a fonte de esperança, os encha inteiramente de alegria e paz, em vista da fé que vocês depositam nele, de modo que vocês transbordem de esperança, pelo poder do Espírito Santo.”

Romanos 15.13

DEVOCIONAL 29

SER IGREJA É LEVAR UMA MENSAGEM DE ESPERANÇA

Ely Matos

O texto de Atos 13.36 — “Davi fez a vontade de Deus em sua geração, morreu e foi sepultado com seus antepassados, e seu corpo apodreceu” — traz à luz que todo cristão é chamado à missão. Este é nosso estilo de vida: viver o evangelho de Jesus Cristo em um crescente número de lugares, espaços e esferas da sociedade, expressando-o de tal forma que o amor de Deus seja percebido como salvador, restaurador e acolhedor.

E tudo isso pode acontecer de forma muito simples e natural, como em um dos momentos do ministério de Jesus, no qual Ele saía de Cafarnaum juntamente com seus discípulos, e uma grande multidão o seguia. Mas você sabe o que chamou a atenção de Jesus?

Veja a narrativa em Marcos 10.46-52: havia um homem que já fazia parte da paisagem do local. Todos estavam acostumados com aquela figura que ficava “à beira do caminho”. Mas, ao ser informado a respeito de quem estava passando por ali, ele gritou em alta voz: “Jesus, filho de Davi, tenha misericórdia de mim!”

Em meio à euforia, ninguém queria ouvi-lo. Mas ele não se deu por vencido, porque aquele era o momento da sua vida: o Filho do Rei estava passando por ali, e ele passou a gritar ainda mais alto: “Jesus, filho de Davi...”

Esse é o tipo de chamada que trafega muito mais rápido do que

qualquer fibra ótica do universo poderia proporcionar. Ela rompe qualquer ruído e vai direto aos ouvidos do Senhor — que parou para ver o que estava acontecendo. E o mais interessante: não somente Bartimeu, mas todos os que estavam ali puderam presenciar um dos grandes encontros que só Deus pode proporcionar.

Entretanto, antes de oferecer-lhe qualquer coisa, Jesus o chamou e, de maneira muito atenciosa, perguntou o que ele queria. Uma simples pergunta, mas repleta de significado e propósito. Jesus não pensou por Bartimeu, nem mesmo ofereceu um monte de coisas que até poderiam ajudar momentaneamente — e que seriam muito bem-vindas —, mas que não resolveriam a situação.

Bartimeu, naquele momento, recebeu uma oportunidade de reencontro com sua liberdade humana — de ser gente, de novo. De ser como Deus planejou que ele fosse. Foi-lhe permitido se expressar. E antes de receber a cura física, foi acolhido, ouvido, restituído à dignidade, tirado do opróbrio, da zombaria, do desamor. Foi-lhe devolvida a palavra, já que sua única expressão à beira do caminho era estender a mão para receber alguma ajuda para sobreviver ao dia. E essa era a rotina de sua vida.

Há um aspecto muito importante a ser ressaltado neste encontro: nas entrelinhas, há um personagem que não aparece em nenhum momento. Não há qualquer citação dele, e nem sabemos o quanto investiu do seu tempo. Mas alguém teve um papel importantíssimo na vida de Bartimeu.

Você observou que Bartimeu se referiu a Jesus como “Filho de Davi”? Isso é fruto de alguém que esteve ao seu lado e que, pouco importando a condição de um cego, pobre e mendigo, não reteve a

Palavra e contou o que Deus estava fazendo. Alguém falou a Bartimeu sobre esperança. E, sem que alguém pudesse imaginar, chegou o momento de manifestar essa semente de fé — que brotou em forma de grito, do fundo do seu coração.

Nesse clamor, Bartimeu faz menção direta ao texto do Salmo 72: “Ajuda-o a defender os pobres dentre o povo, a salvar os filhos dos necessitados e a esmagar seus opressores. [...] Ele livrará o pobre que clamar por socorro e ajudará o oprimido indefeso. Ele tem compaixão do fraco e do necessitado, e os salvará. Ele os resgatará da opressão e da violência, pois considera preciosa a vida deles.” (Salmo 72.4, 12-14)

Que diferença faz a mensagem da esperança quando ela é vivida e percebida em todos os espaços e esferas da sociedade, para que possamos ver pessoas curadas, restauradas, acolhidas e, principalmente, seguindo a Jesus.

Há ainda um segundo aspecto muito desafiador nesse encontro entre Cristo e Bartimeu: ele teve a oportunidade de ouvir de forma clara sobre Deus e, de modo muito especial, teve um real encontro com Cristo. É triste que essa não seja a realidade de muitas pessoas ao redor do mundo. Milhões nunca tiveram sequer uma única oportunidade de ouvir, de forma clara, a mensagem do Evangelho durante toda a vida. Nunca conheceram ou conviveram com um discípulo de Jesus. Nunca perceberam o amor de Deus e sua graça transformadora.

E o que isso tem a ver conosco?

Nosso Deus está em missão. E a Bíblia revela: “No devido tempo, Ele reunirá sob a autoridade de Cristo tudo que existe nos céus e na terra.” (Efésios 1.10)

E chegará o dia em que tudo o que não estiver aos pés da cruz

de Cristo será destinado ao fogo, encerrando-se o tempo de todas as gerações.

Glória a Deus pelo Evangelho que chegou até nós! Por meio dele, como peregrinos nesta terra, somos chamados à ação: para discernir o contexto em que estamos inseridos pelas lentes do Senhor, e assim ver o que Deus está fazendo — e sermos, pela força e direção do Espírito Santo, parte desse grande mosaico, para, como Davi, “fazer a vontade de Deus em nossa geração.”

Perguntas para reflexão

1. De que maneira você tem expressado o Evangelho de forma visível nas esferas onde Deus o colocou?
2. Há pessoas ao seu redor que ainda não ouviram claramente sobre Jesus? O que você pode fazer a respeito?

Texto para memorização

“E o plano é este: no devido tempo, ele reunirá sob a autoridade de Cristo tudo que existe nos céus e na terra.” Efésios 1.10

DEVOCIONAL 30

SER IGREJA É SER UMA AGÊNCIA DO REINO

Hugo Ramos

Ser Igreja é ser uma agência do Reino que retira a solidão das pessoas, indo ao encontro de suas necessidades e ensinando-as a amar a Deus e ao próximo.

Ao pensar em uma agência, vêm à mente exemplos como uma agência de empregos, uma agência missionária ou uma agência de talentos. Em geral, trata-se de algo que recruta pessoas para um fim específico ou que promove transações entre duas partes.

Mas como a nossa igreja pode ser uma agência do Reino de Deus? Como você e eu podemos ser essa agência?

A Igreja pode — e deve — ser uma agência do Reino à medida que toda a sociedade seja beneficiada com a presença das igrejas locais em cada bairro.

Você já parou para pensar que, quando Jesus disse: “Eu sou a luz do mundo” (João 9.5), Ele também disse aos seus discípulos: “Vocês são a luz do mundo” (Mateus 5.14)? Talvez, se estivéssemos entre os Doze e perguntássemos a Jesus: “Senhor, é o Senhor ou somos nós a luz do mundo?”, Ele responderia: “Ambos!”

Nossa devoção a Deus não é mera religiosidade, mas um chamado à nossa natureza original. Ao amá-lo com todo o nosso coração, alma e mente, não apenas obedecemos a Deus — retornamos ao

nosso design original.

Como uma pedra que cai em um lago e gera ondas, estabelecemos a primeira onda que nos torna uma agência do Reino.

Mas qual seria a segunda onda? Jesus estabelece que devemos amar o próximo como a nós mesmos. E quem seria o nosso próximo? (Lucas 10.29)

Seu cônjuge é o seu próximo! É a pessoa com quem você tem mais intimidade e que você encontra todos os dias. Ele ou ela conhece suas qualidades e defeitos. Você precisa entender como essa pessoa gosta de ser amada.

Talvez ela goste de atenção. Então, invista tempo ouvindo o que ela tem a dizer, sem celular ou TV ligados. Talvez ele valorize respeito. Então, envolva-o nas decisões da casa.

Estude seu cônjuge. Ame-o(a). Honre-o(a). É de extrema importância que o amor ao cônjuge não seja negligenciado em nome de coisas que valorizamos — como trabalho, hobbies ou até ministério. Sim, o ministério não pode ocupar o tempo que é da sua metade. A Igreja não pode ser “a outra”. O ministério não pode ocupar o lugar dele ou dela.

Não é à toa que a Bíblia dedica um livro inteiro — o Cântico dos Cânticos — para tratar das delícias do casamento e dos benefícios de um relacionamento saudável entre homem e mulher.

Dentro de um relacionamento íntimo, todos temos necessidades a serem atendidas. A primeira necessidade mencionada na Bíblia é a de um homem que estava só. Deus viu que aquilo não era bom e removeu a solidão de Adão dando-lhe Eva como presente (Gênesis 2.18). Quando necessidades são atendidas, coisas boas acontecem! Adão viu Eva e, com alegria, disse: “Esta, sim!” (Gênesis 2.23)

A próxima onda, nesse lago que imaginamos, é o nosso olhar para aqueles que têm o mesmo sobrenome que nós dentro de casa: nossos filhos.

Muitas vezes, com a boa intenção de oferecer às crianças o que não tivemos, nosso trabalho toma mais tempo do que deveria. Não é incomum ver pais substituindo a atenção à mesa por tablets ou celulares. Mas, em poucos anos, esses filhos podem substituir os pais por qualquer coisa ou pessoa que lhes dê atenção.

Ao escrever este parágrafo, lembro-me claramente do quanto eu desejava uma família perfeita e pensava que o caminho para isso era deixar que minha esposa cuidasse das filhas. Eu só entrava em ação quando havia algum problema que ela não conseguia resolver. Você pode imaginar o tipo de problema que estava criando na minha casa – e a distância que isso estava gerando entre mim e minhas filhas.

Demorei a entender que os presentes que Deus me deu (Salmo 127.3) eram responsabilidade minha – para que eu cuidasse e ninguém mais. Seus filhos, sejam naturais ou adotivos, são a próxima onda para sermos uma agência do Reino.

Como você tem removido a solidão dos seus filhos, evitando que entrem em ciclos de vícios, drogas, álcool, suicídio, pornografia? Quais são as necessidades deles além das viagens, eletrônicos, brinquedos e outras coisas que você não teve na infância?

Sirva seus filhos como herança do Senhor.

A próxima onda se forma em direção aos nossos familiares e amigos próximos. Em primeiro lugar, é importante lembrar que é possível construir um ministério entre aqueles que estão próximos de nós – nossos pais, avós, colegas de trabalho, vizinhos. Todos têm

necessidades a serem atendidas, e solidão, em algum grau, a ser removida. E, como já dissemos, quando necessidades são atendidas, coisas boas acontecem.

Em maio de 2015, nossa família teve a oportunidade de visitar uma pequena empresa no Tajiquistão. Tratava-se de uma instituição de microcrédito que concedia empréstimos de aproximadamente R\$1.000,00 a cidadãos locais para a compra de sementes, bodes, pedras etc. Essa era uma necessidade do país. Mas havia outra ainda maior: a pobreza espiritual, por se tratar de uma nação muçulmana.

Em 30 anos de atuação, a empresa viu não apenas cinco funcionários entregarem suas vidas a al-Masih (Jesus, no Alcorão), mas também suas esposas, filhos, noras e netos.

Depois, vemos essa onda alcançando nossa comunidade de fé e nossos amigos.

Nossa querida Igreja Batista do Morumbi tem grandes oportunidades de serviço dentro e fora das suas dependências. Você já deve ter ouvido o Pr. Lisânias repetir: “Devemos amar os dois lados do Morumbi.”

Sim, devemos ter a cara da nossa comunidade. Atender às necessidades dos nossos vizinhos. Compreender quantas famílias estão desempregadas. Quantas sofrem com vícios, tráfico humano, fome, abandono. E tantas outras mazelas da alma.

Somente um movimento de homens e mulheres que amam a Deus, amam os próximos e ensinam outros a fazer o mesmo pode interromper esse ciclo vicioso.

E somente a Igreja é capaz de continuar esse movimento imparável da Missão de Cristo – um movimento de oração, de amor surpreendente, de proclamação ousada e de discípulos que fazem discí-

pulos que fazem discípulos...

Por fim, vemos a última onda em movimento: aqueles que ainda não foram transformados pelo sangue de Jesus.

Você pode imaginar o impacto que nossa igreja teria em São Paulo se pudéssemos amar as pessoas diferentes de nós? Aquelas que ainda não têm o “cartão de membro”?

Infelizmente, quando convidamos alguém para a igreja, geralmente queremos, em primeiro lugar, mudar o comportamento dela. Depois, quem sabe, integrá-la a um discipulado. E, por fim, incluir no “convívio dos santos”. Mas esse processo não faz sentido quando estamos tratando com pessoas reais, num mundo quebrado.

Quero convidar você a imaginar um grupo de pessoas que vê além das aparências: um marido que vê além dos atrasos da esposa; um jovem que enxerga além do grupo social; uma moça que vê além da cor da pele.

Pessoas assim começam a remover a solidão. Começam a atender às necessidades de seus próximos. Porque aprenderam a amar a Deus e ao próximo como a si mesmas. Quando necessidades são atendidas, coisas extraordinárias acontecem. Essas são pessoas agenciadas pelo Reino para ser Igreja.

Perguntas para reflexão

1. Você tem vivido como uma agência do Reino, removendo a solidão e atendendo às necessidades de quem está ao seu redor?
2. Quais ondas do “lago do Reino” Deus está te chamando a iniciar ou fortalecer hoje – no lar, no trabalho ou na comunidade?

Texto para memorização

“Jesus respondeu: ‘Ame o Senhor, seu Deus, de todo o seu coração, de toda a sua alma e de toda a sua mente’. Este é o primeiro e o maior mandamento.” Mateus 22.37

DEVOCIONAL 31

SER IGREJA E VIVER EM AÇÃO MISSIONÁRIA

Tiago Alves

Algumas passagens bíblicas muitas vezes passam despercebidas quando estudamos a Palavra de Deus. O texto de Mateus 26.32 — “Mas, depois de ressuscitar, irei adiante de vocês à Galileia” —, que norteia a nossa reflexão, foi dito logo após a celebração da Festa dos Pães Asmos, também conhecida como Páscoa.

Os discípulos estavam felizes. Haviam acabado de desfrutar um banquete com o Mestre. Logo mais, a festa começaria. A Páscoa judaica era um memorial da saída do povo hebreu do Egito, um marco do livramento que o Senhor Deus trouxe ao Seu povo. Todos estavam eufóricos — seriam sete dias de comemoração, com fartura de comida e renovação de votos. Muitos animais seriam sacrificados e o perdão dos pecados traria ao povo uma nova oportunidade. A esperança se renovava, pois o Deus vivo Se agradava dessa celebração.

No coração dos discípulos, tudo caminhava muito bem. Eles participariam da Páscoa celebrada pelo próprio Jesus. Podemos imaginar que, para eles, andar com Jesus produzia um sentimento constante de bem-estar: todos falavam d’Ele, e, conseqüentemente, falavam também sobre os que andavam com Ele.

Mas, em meio a esse clima de entusiasmo, Jesus introduz um tema difícil aos ouvidos dos discípulos. Mais uma vez, o Mestre fala

sobre Sua dor, Seu sofrimento e Sua morte (Mateus 26.31). Pedro, com coragem e zelo, se antecipa e tenta confortar o Mestre, afirmando que iria com Ele até a morte. Mas é surpreendido pela resposta de Jesus: “Eu lhe digo a verdade: esta mesma noite, antes que o galo cante, você me negará três vezes.” (Mateus 26.34)

Perceba: Jesus não estava desprezando a intenção de Pedro, mas ensinando sobre o perigo de uma vida inconsequente. Ele não pediu que ninguém fosse com Ele. Apenas informou o que aconteceria: Sua morte e ressurreição.

Segundo o movimento de Lausanne, um dos maiores avanços da obra missionária foi a compreensão de que este é o tempo de toda a Igreja levar o evangelho a todo o mundo.

Quando Jesus diz, no versículo que guia essa reflexão, “Depois de ressuscitar, irei adiante de vocês à Galileia”, Ele está mostrando aos Seus discípulos — e a nós — uma verdade muitas vezes difícil de compreender: o Senhor vai adiante de nós.

Jesus nos ensina que haverá dias de alegria e dias de luta. No entanto, a comunhão com Deus, por meio do Espírito Santo, é o elo que nos mantém ligados a Cristo. É essa comunhão que nos nutre de esperança e sustenta uma vida plena com Deus — hoje e por toda a eternidade.

Por isso, precisamos avaliar constantemente nosso estilo de vida, nossos recursos e habilidades, colocando-nos a serviço do Reino, disponíveis para o que o Senhor deseja fazer através de nós, onde quer que Ele nos tenha plantado.

Somos missionários. Testemunhas da vida com Deus. Servimos para Sua glória e para a expansão do Seu Reino. Dedique, agora, um tem-

po de oração ao Senhor. Peça a Ele que mostre onde deseja usar você. E não se esqueça: Você tem um chamado para ser bênção entre as nações.

Perguntas para reflexão

1. Em quais áreas da sua vida você ainda hesita em seguir Jesus mesmo quando Ele vai adiante, apontando o caminho?
2. Que ajustes você pode fazer hoje para viver de forma mais intencional sua missão como testemunha do Evangelho no lugar onde Deus te plantou?

Texto para memorização

“Mas, depois de ressuscitar, irei adiante de vocês à Galileia.” Mateus 26.32

DEVOCIONAL 32

SER IGREJA E SUSTENTAR OS MINISTÉRIOS

Lilian Copertino

Refletir sobre ser Igreja e sustento ministerial está intimamente relacionado à presença dos dons no corpo de Cristo. A Palavra de Deus nos oferece diversos versículos que retratam a importância dos dons dentro da Igreja, a diversidade de ministérios e as funções nas quais estes dons encontram lugar para serem colocados em ação.

A riqueza do corpo de Cristo reside na diversidade com que fomos dotados para n'Ele sermos edificados juntos e nos tornarmos morada de Deus por Seu Espírito (Efésios 2.22).

Sou a quarta geração batista em minha família e costumo dizer que “desde que me entendo por gente” (creio que me entendo por gente desde os 8 anos de idade), aprendi a servir ministerialmente. Entretanto, passaram-se anos até que me vi fortemente desafiada a enxergar qual estava sendo, de fato, a qualidade do meu serviço a Deus e, conseqüentemente, à Sua Igreja.

Num período de férias, visitando uma outra igreja local na cidade em que estava, fui abordada na Escola Bíblica por uma literatura cristã que não correspondia ao meu estilo literário, mas compreendi plenamente que aquele foi o modo pelo qual o Senhor usou para confrontar o meu viver e a minha espiritualidade.

A literatura apresentada se propunha não somente a descobrir

o potencial que Deus nos deu como filhos e herdeiros, como também a reconhecer as áreas de crescimento e aplicá-las junto à Igreja. Num dado momento da aula, foi proposto um teste com várias perguntas a serem respondidas pelo aluno, onde os conceitos de engajamento comunitário, sabedoria e espiritualidade no uso dos dons na vida ministerial eram avaliados individualmente.

Qual não foi a minha surpresa (e decepção) quando, ao concluir o teste, verifiquei que os escores correspondentes ao meu engajamento comunitário e uso de sabedoria/discernimento no serviço ministerial eram altíssimos — em oposição a um escore medíocre e vergonhoso no item espiritualidade. Em meu íntimo, me envergonhei diante de Deus.

No contexto do livro, a espiritualidade foi apresentada como algo que vai além da fé, do amor, da oração e da meditação nas Escrituras, enfatizando a experiência do poder do Espírito Santo em nossas vidas. Essa experiência, a partir desses elementos e da disciplina da vida cristã, precisa ser evidenciada no exercício ministerial.

Fui envolvida por um sentimento de serva inútil diante do Senhor. Como poderia ser?

Eu estudava a Bíblia, orava com dedicação, ensinava a Palavra, atuava ministerialmente (já no Ministério de Mulheres) — e ainda assim não havia grandes evidências do poder do Espírito Santo em minha vida?

O resultado desse confronto do Senhor com o meu coração, no primeiro mês daquele ano, foi a decisão de buscar a construção de uma nova jornada de vida, em que o exercício ministerial refletisse cada vez mais o meu “crescimento para baixo”, como escreveu

J. I. Packer em *A dinâmica do Espírito*, lembrando o apóstolo Paulo, que se autodescreve como o pior dos pecadores: “Parece que o próprio Paulo, à medida que avançava em anos — e presumivelmente em santidade/espiritualidade — crescia cada vez mais para baixo, para um sentimento vívido e humilhante de sua falta de mérito.”

A verdadeira espiritualidade começa com o reconhecimento profundo da própria insignificância, do próprio pecado, da negação de si mesmo em favor do flagelo de Cristo, e da convicção de que, sem a presença do Espírito, nada do que fizermos terá valor para o Reino de Deus.

Ser Igreja e sustentar os ministérios é mais do que estar envolvido em eventos, no planejamento, na logística ou até mesmo no púlpito. Ser Igreja e ser usado ministerialmente vai além de palavras sábias em momentos que exigem discernimento. Vai além das ofertas, doações e até mesmo da oração intercessora pelos líderes e ministérios.

Sim, a fé, a piedade, o amor, a adoração e o serviço são componentes genuínos da vida cristã — mas serão de pouco alcance se o poder do Espírito Santo não estiver sobre nossas vidas, pois somente Ele é a fonte que vivifica a Igreja de Cristo.

No Salmo 139, o salmista afirma a presença constante de um Deus que sonda a tudo e a todos, e a impossibilidade de escapar do Seu Espírito. Jesus revela que o resultado na vida daqueles que n’Ele creem é: “um interior de onde rios de água viva fluem” — numa referência clara ao Espírito que mais tarde receberiam (João 7.38-39).

Podemos ainda lembrar de Davi, no Salmo 87,7, exaltando ao Senhor com segurança: “Todas as minhas fontes estão em Ti.”

Uma vida ativa no sustento ministerial será aquela movida, prioritariamente, pela presença do Espírito Santo. Somente por Ele

somos capazes de estabelecer raízes profundas com Deus, tendo como disciplina o estudo da Palavra, a intimidade cultivada na oração e o conhecimento de si e do Senhor, alcançado pela meditação.

Uma vida que serve ministerialmente só será útil à medida que a intimidade com o Criador for investida do poder do Espírito, que ilumina o coração, revela as realidades espirituais e nos torna transbordantes e abençoadores no ajuntamento.

Quando nos reunimos para servir, trazemos a glória de Deus em nós. A partir dessa experiência de abençoados, nos tornamos abençoadores – verdadeiros servos, ministrados por Deus e usados para a boa obra. Assim seremos, como escreve o apóstolo Paulo, reconhecidos como: “cooperadores de Deus.” (1 Coríntios 3.9)

Perguntas para reflexão

1. Reserve com Deus um tempo de oração e ouse perguntar ao Pai: quanto da sua vida expressa um espírito quebrantado e humilde no serviço ministerial? Ore com o Salmo 51.17.
2. Você é capaz de perceber equilíbrio, em sua caminhada, entre engajamento comunitário, sabedoria diária e espiritualidade genuína? Leia 1 Coríntios 2.4 e medite como um cooperador que recebeu a mente de Cristo.

Texto para memorização

“Porque o nosso evangelho não chegou a vocês somente em palavra, mas também em poder, no Espírito Santo e em plena convicção.”

1 Tessalonicenses 1.5

DEVOCIONAL 33

SER IGREJA E VIVER O EVANGELHO NO TRABALHO

Augusto Nellesen

Nossa vida cristã não deve se limitar ao templo, nem ao domingo. Ser Igreja é mais do que frequentar os cultos ou ajudar nos ministérios. É viver, dia após dia, fazendo a vontade do Pai como testemunha viva de Jesus Cristo, revestidos pelo Espírito Santo e rompendo em fé, onde quer que estivermos. E, sem dúvida, um dos maiores desafios que enfrentamos é fazer isso em nosso trabalho.

Eu não tenho um relato bombástico de conversão, como os irmãos que saíram de uma vida mergulhada em vícios e destruição. Minha conversão foi mais suave, marcada por uma transformação progressiva, onde deixei a apatia espiritual para uma atitude de confissão ativa de fé. Essa mudança, embora menos espetacular aos olhos humanos, foi profundamente real — especialmente no contexto da minha vida profissional.

Sempre fui daquele tipo de cristão que acreditava que deveríamos comunicar o evangelho por meio do exemplo e da conduta, sem usar muitas palavras. Mesmo sem pregar no sentido literal, colhi alguns frutos ao semear o evangelho entre colegas. No entanto, tudo mudou após uma experiência radical de evangelismo, quando o Espírito Santo falou de forma inequívoca ao meu coração. Fui compelido a confessar publicamente minha fé, a romper com o status quo e a

testemunhar as grandes coisas que só o Espírito pode fazer.

A partir disso, passei a responder de forma direta a perguntas como: “Por que você é diferente?” ou “Qual é a sua religião?”. Minha resposta passou a ser clara: “Eu sou crente.”

Para que essa confissão fosse verdadeira, passei por grandes mudanças de comportamento. Renunciei práticas que me afastavam de Deus — inclusive pecados ocultos — e comecei a cuidar melhor do meu testemunho público, para que ele não afastasse pessoas do verdadeiro evangelho.

Sou profundamente grato à minha amada esposa, a Cris. Ela esteve ao meu lado em cada passo dessa jornada, me viu amadurecer e me encorajou a abandonar a imaturidade e assumir, com responsabilidade, o chamado de ser um cristão confessante diante de Deus e dos homens. Casamos jovens — eu tinha apenas 22 anos — e juntos enfrentamos conversas difíceis, momentos de tensão e desentendimentos que hoje entendo como parte essencial do nosso crescimento e lapidação mútua.

Durante meu processo de amadurecimento, percebo o quanto foi valioso ter bons referenciais ao meu redor. Um presente precioso que herdei do meu pai foi o amor pelos livros. Comecei pelas biografias e, ali, encontrei verdadeiros companheiros de jornada. Cada história me ensinava algo, me empurrava para frente. Uma que guardo com carinho é a do ex-presidente Jimmy Carter. Seu hábito de começar o dia recitando o Salmo 19.14 — “Que as palavras dos meus lábios e o meditar do meu coração sejam agradáveis a ti, Senhor” — me marcou profundamente. Aquilo não era só uma oração: era uma entrega diária. Inspirei-me a buscar a mesma postura diante do meu trabalho.

Além de caminhar com os meus “amigos” dos livros, tive o privilégio de caminhar com homens de Deus incríveis, que me inspiraram a viver acima da mediocridade. Como disse o apóstolo Paulo: “Sede meus imitadores, como também eu sou de Cristo” (1 Coríntios 11.1). Talvez Paulo soubesse que somos a média das cinco pessoas com quem mais convivemos. Ter bons referenciais — sejam personagens dos livros ou pessoas reais — me foi de especial ajuda. E sei que hoje vivemos uma escassez de profissionais cristãos que sejam excelentes em suas áreas. Essa ausência tem gerado um vácuo enorme em nossa geração.

Importante dizer que, além de sermos comissionados para ser sal e luz no trabalho, somos também chamados para exercer esse papel em nossos lares. Ser sacerdote do lar é de suma importância — mas esse é assunto para outro estudo.

O fato é que cristãos precisam caminhar com outros cristãos mais maduros e sábios, para ajudar nas decisões e conflitos que certamente enfrentaremos em nosso trabalho. E, quando digo que temos que ter bons referenciais, não falo de gente perfeita, mas de pessoas que correm a carreira numa jornada sincera com Cristo. É poderoso ter conselheiros espirituais a quem confessar medos, faltas e de quem pedir ajuda. Isso é difícil de encontrar fora da Igreja. No corpo de Cristo, encontramos quem diga: “Olhe para mim, pois eu olho para Cristo.”

Lutero disse que “para Deus não há diferença entre o sagrado e o secular, e que todos os trabalhos são sagrados”. Para muitos, vida pessoal é uma coisa e trabalho é outra totalmente diferente, onde a fé parece deslocada ou até inconveniente. No entanto, a Palavra de Deus nos chama a uma fé que permeia todas as áreas da vida: “Quer

comais, quer bebais ou façais qualquer outra coisa, fazei tudo para a glória de Deus.” (1 Coríntios 10.31) Isso inclui a forma como lidamos com colegas, com nossas responsabilidades, com o tempo, com as pressões e até mesmo com as injustiças.

Ser Igreja no trabalho é fazer com excelência cada tarefa. É tratar bem as pessoas, lidar com dinheiro com integridade e exercer o “poder” que uma posição de liderança pode conceder como se fizéssemos para o próprio Deus.

O cristão verdadeiro entende a diferença entre o “ser” e o “estar”. Não somos gerentes ou diretores – estamos nessas posições por um propósito maior. Assim como estamos hoje, podemos não estar amanhã. Compreender a transitoriedade dessa condição revela que somos embaixadores de Cristo (2 Coríntios 5.20), enviados ao mundo não apenas para falar, mas para ser sal e luz, refletindo o caráter de Jesus. Não podemos deixar que esse ídolo chamado “poder” nos domine. E devemos exercer liderança – sim –, mas com o modelo de serviço que Cristo nos deixou.

O trabalho é, muitas vezes, o verdadeiro campo missionário. Como dizia Spurgeon: “Todo cristão ou é um missionário, ou é um impostor.” Em nosso trabalho, convivemos com pessoas que talvez jamais pisariam numa igreja. Ali temos a chance de viver uma vida que provoque perguntas, que desperte sede, que reflita integridade – não com discursos artificiais, mas com uma fé que se traduz em excelência, honestidade, gentileza e serviço.

Mas como viver esse chamado num ambiente, muitas vezes, hostil à fé? Primeiramente, lembre-se: nossa identidade está em Cristo. Antes de sermos analistas de TI, professores, médicos ou admi-

nistradores, somos discípulos. E nossa missão é sermos leais onde o Senhor nos plantou. A fidelidade no pouco prepara o caminho para fidelidade no muito — especialmente quando lidamos com grandes somas de dinheiro ou responsabilidade.

Além disso, viver o Evangelho no trabalho exige discernimento espiritual. Nem sempre será possível falar abertamente de Cristo — e nem sempre será necessário. Em muitos casos, um coração humilde, uma palavra de encorajamento ou um espírito servo falarão mais alto que qualquer sermão. Como disse A. W. Tozer: “Somos enviados para abençoar o mundo, mas nunca somos instruídos a nos envolver nele.”

Por fim, ser Igreja não é tarefa solitária. É vital cultivar comunhão com outros crentes — mesmo fora do ambiente profissional — para sustento mútuo em oração, partilha e aconselhamento. E, se houver outros cristãos onde você trabalha, aproxime-se deles com sabedoria e propósito.

O trabalho, sob a perspectiva do Reino, se torna altar de adoração. A mesa de escritório pode ser um púlpito invisível. O cuidado com os detalhes, a paciência com os difíceis, a resistência à corrupção, tudo isso é culto agradável ao Senhor.

Que nossa oração seja: “Pai amado, faz de mim sal e luz no meu trabalho. Que a Tua presença em mim testifique Jesus Cristo para eles e que, através da minha vida, o Espírito Santo convença-os do pecado e da justiça.”

Perguntas para Reflexão

1. De que maneira sua vida profissional tem refletido o caráter de Cristo para os que convivem com você diariamente?

2. Quais práticas ou atitudes você precisa renunciar para que seu testemunho no trabalho seja mais autêntico e coerente com o Evangelho?

Texto para Memorização

“Em tudo quanto fizerdes, fazei-o de todo o coração, como ao Senhor, e não aos homens.” Colossenses 3.23

DEVOCIONAL 34

SER IGREJA E SERVIR COM GENEROSIDADE

Cinda Pereira

“Agora, irmãos, queremos que vocês tomem conhecimento da graça que Deus concedeu às igrejas da Macedônia. No meio da mais severa tribulação, a grande alegria e a extrema pobreza deles transbordaram em rica generosidade. Pois dou testemunho de que eles deram tudo quanto podiam e até além do que podiam. Por iniciativa própria, eles nos suplicaram insistentemente o privilégio de participar da assistência aos santos. Não somente fizeram o que esperávamos, mas entregaram-se primeiramente ao Senhor e, depois, a nós, pela vontade de Deus.” (2 Coríntios 8:1-5)

No dicionário Aurélio, a palavra generosidade é definida como a qualidade de quem é generoso, ou seja, a virtude de compartilhar e doar desinteressadamente, sem esperar retorno.

O texto bíblico acima nos mostra um enorme contraste com os dias em que vivemos, onde o individualismo e o egoísmo são tão gritantes. Os irmãos da Macedônia passavam por grandes aflições e, mesmo tendo todos os motivos para não ofertar, entenderam o que é o Evangelho. Foram realmente alcançados pela graça de Deus. A questão não é ter recurso sobrando — é uma questão espiritual.

Quando temos um encontro com o Amor Redentor de Jesus

Cristo, nos deparamos com um Deus generoso: “Mas entregaram-se primeiramente ao Senhor e, depois, a nós, pela vontade de Deus.” Quando agimos com generosidade, entregamos a nós mesmos, fruto de uma vida consagrada a Deus.

Passei minha infância e juventude inserida em uma igreja de condições socioeconômicas simples, onde era vivida a generosidade. Abriam suas casas e dividiam o que tinham com grande alegria. Era algo tão natural para mim, mas hoje percebo que eles carregavam a identidade de discípulos de Jesus Cristo, assim como na Igreja da Macedônia.

Generosidade vem do que temos. É compartilharmos os recursos e dons que recebemos. Vai além do dinheiro — inclui nosso tempo, serviço e talento. Um ouvido atento, uma ligação para saber como o outro está, abrir nossa casa etc. Tais gestos, mesmo que pareçam pequenos, revelam a graça de Deus para alguém que precisa. Generosidade é ação.

Paulo, em suas cartas, nos instrui com alguns outros pontos a respeito dessa prática. Contribuir não é uma obrigação — é um privilégio, movido pela graça de Deus: “Não digo isto na forma de mandamento, mas para provar se o amor de vocês é sincero, comparando-o com a dedicação de outros.” (2 Coríntios 8:8)

E, se movidos pela graça, devemos também contribuir com alegria: “Cada um contribua segundo tiver proposto no coração, não com tristeza ou por necessidade, porque Deus ama quem dá com alegria.” (2 Coríntios 9:7)

Ao fazermos tudo isso, quando cuidamos do outro, devemos entender que, na verdade, estamos servindo ao Senhor: “Tudo o que fizerem, façam de todo o coração, como para o Senhor e não para as

pessoas.” (Colossenses 3:23)

Que tenhamos o cuidado de não olhar para o outro como aquele que deve ser o agente generoso em nosso lugar. Olhemos para nós mesmos. Que Deus nos torne mais sensíveis e cheios de compaixão pelo próximo, nos desperte para agirmos e nos conceda a graça de sermos uma Igreja generosa — a começar em mim!

Perguntas para reflexão

1. Você já parou para meditar na verdade de que Deus é o dono de 100% do que temos? Que somos apenas mordomos?
2. Qual foi a última vez que você foi instrumento de bênção na vida de alguém, exercendo a generosidade?

Texto para memorizar

“Cada um contribua segundo tiver proposto no coração, não com tristeza ou por necessidade, porque Deus ama quem dá com alegria.” 2 Coríntios 9:7

DEVOCIONAL 35

SER IGREJA E DISCIPULAR NA CULTURA DIGITAL

Vinicius Amado

Pare um segundo. Respire. E diga a verdade: seu celular está a menos de um metro de distância agora, não está? Ou talvez você esteja lendo este devocional por meio de um smartphone. Mais do que um acessório, a tela se tornou um portal para um universo paralelo que, paradoxalmente, molda nossa realidade.

Em um mundo viciado em likes, bombardeado por manchetes polarizadas e marcado pela eterna curadoria da vida alheia, surge a pergunta que nenhum filtro do Instagram pode responder: como um discípulo de Cristo pode realmente ser Igreja e discipular nessa realidade de loucura digital?

É tempo de confrontar essa realidade com a sabedoria que vem do alto. O apóstolo Paulo, em sua carta aos Romanos, nos traz uma exortação que ecoa com uma urgência impressionante para os nossos dias: “Não se conformem com o padrão deste mundo, mas transformem-se pela renovação da sua mente, para que sejam capazes de experimentar e comprovar a boa, agradável e perfeita vontade de Deus.” (Romanos 12:2)

Este versículo não é uma sugestão para tempos mais calmos; é um imperativo — um grito de guerra para o cristão na era digital. Ser

“não conformado”, em nosso contexto, significa resistir à pressão do feed perfeito, à validação superficial dos likes, à polarização que nos cega para o diálogo e à ânsia de sempre estar conectado.

A cultura digital, com sua velocidade e incessante busca por atenção, tenta nos moldar. Ela nos empurra para a superficialidade, para a performance, para uma busca incessante por validação externa. Mas o nosso chamado é para sermos transformados pela renovação da nossa mente.

Isso significa que não podemos ser meros consumidores passivos desse padrão, aceitando como verdade o que é apenas distorção, ou como valor o que é puro efêmero. A renovação da mente nos capacita a discernir, a ser críticos e a buscar aquilo que está além da tela: os corações que pulsam atrás delas — assim como o nosso próprio.

É essa renovação que nos impede de apenas sermos influenciados pelo fluxo incessante de informações e opiniões alheias, despertando em nós a necessidade e o propósito de impactar ativamente aqueles que nos cercam com a vida e a verdade de Cristo.

Nascemos para sermos mais do que meros consumidores de feeds infinitos ou gladiadores nos comentários de um *post* sobre política. A Bíblia nos lembra que somos “cartas de Cristo, escritas... com o Espírito do Deus vivo” (2 Coríntios 3:3).

Se somos cartas vivas, lidas por todos, não existe um “você *online*” e um “você *offline*”. Não temos um avatar que desliga quando a tela apaga ou uma vida paralela onde a graça de Deus faz *upload* e *download* conforme a conveniência. Somos uma só pessoa, integralmente chamados a refletir Cristo em cada byte de nossa existência.

Sua presença digital não é uma performance, mas a extensão da

sua vida — para o bem ou para o mal. Que tipo de mensagem estamos transmitindo? Que a nossa “carta digital”, escrita pela renovação da nossa mente, seja clara e inconfundível: um reflexo fiel do Autor da Vida.

E então, o grande dilema: quando a vida digital consome a vida real. Quantas vezes a luz azul da tela rouba o brilho do sol, o riso de uma criança, o abraço de um amigo? A conectividade constante se tornou, para muitos, uma forma sutil de desconexão. Estamos mais informados e, talvez, mais solitários.

É vital lembrar que a vida não acontece apenas em pixels. Ela acontece em carne e osso, em encontros reais, em silêncios preenchidos pela presença. Precisamos — e com certa urgência — aprender a desligar. A fechar o celular. A abaixar a tampa do computador. A se recolher.

E, nesse silêncio proposital, nos lembrar do Criador que não é uma conexão wi-fi, mas o elo essencial de nossa existência. Ele nos dirige, nos rege, nos sustenta — e o faz em momentos de quietude, não em meio ao barulho ensurdecido das notificações.

No entanto, a renovação da nossa mente em Cristo (Romanos 12:2) nos convida a ir além do mero “desligar”. Ela nos desafia a enxergar a tecnologia não como um inimigo a ser combatido, mas como uma poderosa ferramenta nas mãos de Deus.

Pensemos: para aquele que está debilitado em casa, a “igreja *online*” não é um luxo, mas uma plataforma de comunhão. Para o missionário em campo, o digital é a ponte que encurta distâncias. E para você, que é uma “carta de Cristo” (2 Coríntios 3:3) e tem seu perfil pessoal recheado de colegas de trabalho, faculdade ou escola que talvez nunca entrem em uma igreja, esse perfil se torna um campo missionário autêntico.

Se os algoritmos, por vezes, limitam o alcance de uma mensagem institucional, a sua vida — sua “carta viva” genuína e renovada — pode furar essas bolhas e impactar corações de forma real e profunda.

Um *post* seu sobre fé e esperança, um *stories* que reflita a paz de Cristo em meio ao caos, um comentário que transborde graça: tudo isso pode ser o toque do Espírito Santo na vida de alguém que você não alcançaria de outra forma. Discipular no digital, portanto, não é apenas sobre a mensagem da igreja, mas sobre a mensagem em você. É sobre usar a ferramenta para ser o farol. Ser Igreja na cultura digital não é sobre otimizar seu perfil ou ganhar seguidores; é sobre ser um farol de Cristo em cada interação — *online* e *offline*.

É sobre viver Romanos 12:2 plenamente, permitindo que a renovação da sua mente o capacite a ser essa carta viva de Cristo, lida por todos, impactando vidas com o amor e a verdade que vêm do Autor de tudo — e não apenas sendo mais um influenciado pelo barulho do mundo, mas um agente de transformação, tanto no real quanto no digital.

Perguntas para reflexão

1. Conforme Romanos 12:2, de que maneira a “renovação da sua mente” pode te ajudar a resistir aos padrões da cultura digital (como a busca por likes ou a polarização) e, ao mesmo tempo, enxergar a tecnologia como uma ferramenta para o Reino?
2. Que passos práticos você pode dar esta semana para equilibrar sua vida *online* e *offline*, priorizando a conexão com o Criador e as relações reais, sem deixar de usar a tecnologia como um canal de impacto para o Evangelho?

Texto para memorização

“Não se conformem com o padrão deste mundo, mas transformem-se pela renovação da sua mente, para que sejam capazes de experimentar e comprovar a boa, agradável e perfeita vontade de Deus.” (Romanos 12:2)

SER IGREJA E VIVER A COMPAIXÃO COMO ESTILO DE VIDA

Cristiane Luiza

Portanto, como eleitos de Deus, santos e amados, revistam-se de profunda compaixão, de bondade, de humildade, de mansidão, de paciência. (Colossenses 3.12 - NAA)

À luz da Psicologia, a compaixão é uma emoção complexa que envolve a capacidade única de se conectar com a dor do outro. Mais do que isso, é um movimento voluntário que busca compreender e aliviar a dor, seja ela pessoal (autocompaixão), seja a dor do próximo.

O objetivo central da compaixão (e da autocompaixão) é apaziguar todo e qualquer sentimento que possa interferir em nossa vida diária, assim como no convívio em comunidade e sociedade — tudo à luz de Cristo.

Bem sabemos que uma das marcas mais proeminentes de Jesus é a sua habilidade em expressar compaixão. A compaixão é uma ferramenta poderosa para o exercício de uma fé madura e, principalmente, para a convivência amorosa em meio às diferenças.

Compaixão envolve, no mínimo, seis grandes habilidades:

- Consciência do sofrimento;
- Empatia emocional;
- Escuta ativa;

- Suspensão de julgamentos e valores pessoais;
- Comunicação assertiva;
- Desejo intencional de agir com clareza e propósito.

Se compaixão é a linguagem do Reino, como temos expressado isso enquanto Corpo de Cristo?

O conceito de humanidade compartilhada, descrito por Kristin Neff¹ em sua abordagem sobre autocompaixão, encaixa-se perfeitamente nessa reflexão sobre ser Igreja e viver, na prática, o exercício da compaixão. Ela nos lembra de uma verdade muitas vezes esquecida, mas absoluta: todos nós sofremos! Não existe vida sem dor, perda, fragilidade ou vulnerabilidade.

Quando nos deparamos com essa máxima — de que o sofrimento é parte da experiência humana —, somos inevitavelmente confrontados pela fé a dar respostas. E qual resposta seria melhor ou maior que a própria vida de Cristo?

Um princípio belo e profundo que Cristo instaura em sua vida é a habilidade de acolher, de se sensibilizar, de amar apesar de nossas falhas, de perdoar, de ser compassivo; de abraçar e compreender o próximo assim como a si mesmo, mesmo em meio a sentimentos diversos, confusos e medos exagerados.

Ou seja, a compaixão evoca uma vida plural e, principalmente, nos chama não apenas a professar nossa fé, mas a vivê-la de forma íntegra, saudável e pura — visando tudo aquilo que enaltece a Deus e ao Seu Reino único, belo e perpétuo.

Viver assim é valorizar a beleza de uma vida em comunidade, onde a solidariedade, a empatia e a compaixão se tornam expressões do Reino. Uma solidariedade que não é frágil nem superficial, mas

¹ Cf. NEFF, Kristin. Autocompaixão: Pare de se torturar e deixe
175segurançapelaalma São Paulo: Editora Cultrix, 2014.

íntima, firme e incomparável — porque nasce da cruz, onde Cristo decidiu se identificar com nossa dor para que ninguém mais precisasse sofrer em silêncio.

Nunca devemos nos esquecer de que a vida com Cristo é alívio, é jugo suave, é fardo leve, é salvação. E a vida sem Ele é cansaço, fome, sede, angústia e opressão. Viver com Cristo é estar sempre prontos para ouvir, tardios para falar e tardios para se irar (cf. Tiago 1.19). É aprender a dominar, com zelo, os instintos pessoais em prol do todo. É ter domínio próprio para nos relacionarmos de forma íntegra e genuína, experimentando uma vida em comunidade que traga, em nossa identidade como Igreja, a expressão das marcas de Cristo.

Expandir o nosso olhar para uma fé madura exige atenção, reflexão e aceitação. Se não exercitarmos uma vida que transcenda nossas próprias opiniões e valores, corremos o sério risco de reduzir a fé a meras impressões e julgamentos alheios. E, se esse for o caso, falharemos terrivelmente, pois o nosso senso de justiça é limitado.

Mas, quando governados por Cristo, o Corpo manifesta as habilidades do Reino: acolher, amar, valorizar, compreender, nutrir, consolar — e tantas outras expressões que se tornam impossíveis de enumerar ou mensurar.

Falo sobre isso porque já testemunhei — e experimentei — a alegria da compaixão. Foram muitas as ocasiões em que tive a chance e a oportunidade de ajudar e encorajar irmãos e irmãs a expandir a fé e aprender a lidar com suas dores emocionais.

Mesmo que alguém tenha ferido você, creia: por mais difícil que seja esse exercício, essa pessoa talvez ainda não tenha se dado conta de suas próprias limitações.

E é justamente nessas horas que podemos nos valer das habilidades que a compaixão enfatiza, como ferramentas para um exercício pessoal diário de convívio saudável. Valendo-se do benefício da dúvida, do pensar antes de agir, do refletir antes de julgar — e do uso da tolerância e da prática do perdão como expressões ativas da compaixão em defesa do Reino de Cristo.

São nos momentos de conflito e dor que precisamos entender que temos, em nossas mãos, ferramentas que, se bem utilizadas, trarão vida; mas, se usadas de forma incorreta, trarão dor.

A forma como Cristo nos inspira a ampliar nossa ação em benefício do próximo é brilhante. Ele nos confronta diretamente: viver com Ele não é possível sem graça. Muito menos é possível viver isoladamente.

Cristo não caminhou só. Pelo contrário: formou discípulos, corrigiu quando necessário, estimulou quando faltou fé e, acima de tudo, tolerou e amou — mesmo diante da nossa incapacidade de praticar o bem. Assim como fez com a mulher pega em adultério (João 8.1-11). Se Cristo não caminhou sozinho, muito menos nós! É impossível ser Igreja e desejar caminhar só, pois o Reino é feito por pessoas e conta com pessoas. Afinal, quem anda sozinho pode até ir mais rápido, mas nem sempre vai tão longe (provérbio popular).

Aprender a conviver com as diferenças pessoais é, sim, um desafio. Mas também é uma bênção que nos molda segundo o caráter de Cristo. Em Cristo, somos confrontados a amar — e, principalmente, a lidar com nossos desconfortos pessoais. Como bem afirmou o evangelista João: “Se alguém disser: ‘Amo a Deus’, mas odiar seu irmão, é mentiroso; pois quem não ama seu irmão, a quem vê, não pode amar a Deus, a quem não vê.” (1 João 4.20)

O Reino de Cristo é uma convocação a entregarmos, diante da cruz, todo sentimento conflituoso. Assentar-se à mesa, caminhar com o outro, encorajar e consolar os que choram é fruto de um amor imerecido. Por isso, é necessário refrear nossas emoções adversas em prol do propósito de Cristo.

Ser Igreja viva é nunca esquecer que você tem um propósito maior do que a si mesmo: enaltecer a Deus acima de todas as coisas e disseminar o Seu Reino eterno. Nós falharemos miseravelmente se nos restringirmos aos nossos sentimentos pessoais. Mas, se formos nutridos pelo caráter de Cristo... seremos uma Igreja propulsora do Seu Reino eterno. Uma Igreja que ora: “Senhor, governa as nossas emoções e lidera o nosso ser.”

Para que Cristo lidere nossas emoções e decisões, temos também um dever: sermos agentes de transformação. Não existe liderança de Cristo sem submissão. Não existe acolhimento sem escuta ativa. Não existe valorização sem suspensão de julgamentos. Não existe obra sem a prática intencional do bem.

A fé genuína convoca à reflexão consciente sobre nossos comportamentos e intenções. Ela exige autorresponsabilidade: assumir o que se sente, o que se pensa, o que se faz. Será que estamos prontos para viver e expressar o Reino de Deus como agentes de transformação?

Que a nossa fé seja sobre isso: permitir que a vontade dEle se cumpra em nós. Compreender que Ele tem um plano maior e melhor. Exercitar a convivência em unidade como caminho de promoção do Reino. E manter, ativamente, a escolha de pensar em tudo o que é bom, justo, amável, tudo o que promove a paz (cf. Filipenses 4.8). Se assim praticarmos, o Reino certamente se aproximará de nós. Afinal, à medida que nos

aproximamos de Deus, Ele também se aproxima de nós (cf. Tiago 4.8).

Que você viva, todos os dias, a escolha intencional de ser Igreja – aquela que não apenas crê, mas que ama, ouve, acolhe e transforma. Uma Igreja que carrega em si a marca viva de que a compaixão não é apenas um sentimento, mas o verdadeiro estilo de vida do Reino.

Perguntas para reflexão

1. Tenho vivido como parte do Corpo de Cristo ou agido como se minha fé fosse um projeto individual?
2. Busco governar minhas emoções com sabedoria e responsabilidade, ou deixo que elas determinem como trato os outros?

Texto para memorização

“Sejam bondosos e compassivos uns para com os outros, perdendo-se mutuamente, assim como Deus os perdoou em Cristo.” Efésios 4.32

PARTE V

Firme na Esperança
IGREJA

SER IGREJA E BUSCAR O AVIVAMENTO

Clauber Carrenho

Há alguns anos estive com alguns jovens da nossa igreja falando sobre o dia de Pentecostes, evento relatado no livro de Atos, capítulo 2. Eles queriam saber o que, de fato, havia acontecido ali. Seria possível aquilo acontecer de novo em nossos dias?

Inevitavelmente, no meio da conversa, surgiu a palavra “avivamento”. E, para cada pessoa ali, havia um significado diferente para essa palavra. Para alguns, ela denota poder espiritual para realizar milagres. Para outros, é experimentar o Espírito Santo a ponto de falar em línguas. Para outros ainda, é “ver” a Deus — e por aí vai.

Curioso, parti em busca de uma definição do que seria o verdadeiro avivamento. Encontrei, em um artigo de Alderi Souza de Matos, um relato sobre a vida de Jonathan Edwards — pastor que viveu no século XVIII, nos Estados Unidos, e é considerado um dos maiores estudiosos e intérpretes do fenômeno do avivamento. Segundo Edwards, há um critério principal para se buscar o avivamento: quem deve estar no centro das atenções é Deus — e não o ser humano.

E para que Deus esteja no centro, é necessário que haja em nossos corações um profundo senso de incapacidade, de dependência de Deus, e de convicção da nossa pecaminosidade — isto é, o reconhecimento de que, em nossa natureza, desejamos diariamente tomar o controle da nossa própria vida.

Isso me fez lembrar de Neemias, quando ora dizendo: “Então

disse: ‘Ó Senhor, Deus dos céus, Deus grande e temível, que guardas tua aliança de amor leal para com os que te amam e obedecem a teus mandamentos [...] Confesso que temos pecado contra ti. Sim, minha própria família e eu temos pecado! [...] Peço que me concedas êxito hoje e que o rei me seja favorável.’” (Neemias 1.5-11)

Concluo que não há uma fórmula para buscar o avivamento. É Deus quem busca os sinceros de coração: “Mas está chegando a hora, e de fato já chegou, em que os verdadeiros adoradores adorarão o Pai em espírito e em verdade. O Pai procura pessoas que o adorem desse modo.” (João 4.23)

Deus busca os sinceros de coração — os que fazem parte da Igreja de Jesus Cristo — para que sejam capazes de colocar o verdadeiro avivamento em ação: convicção do pecado, seriedade com as disciplinas espirituais, preocupação com que Deus seja glorificado em cada ação, apego profundo à leitura da Bíblia, mudanças no comportamento ético, relacionamentos pessoais transformados e influência transformadora na comunidade.

Vale lembrar: somos incapazes de fazer isso sozinhos. Somente através do Espírito Santo somos capazes de refletir o amor de Jesus Cristo por onde andarmos. Foi assim com Neemias. Foi assim com Jonathan Edwards. E é assim que Deus deseja que seja com a minha e a sua vida.

Perguntas para reflexão

1. Tenho desejado avivamento pelos motivos certos — para que Deus seja o centro — ou por expectativas voltadas apenas para minhas experiências pessoais?

2. Minha vida demonstra sinais visíveis de transformação espiritual, como arrependimento, obediência e impacto nos relacionamentos?

Texto para memorização

“Mas está chegando a hora, e de fato já chegou, em que os verdadeiros adoradores adorarão o Pai em espírito e em verdade. O Pai procura pessoas que o adorem desse modo.” João 4.23

DEVOCIONAL 38

SER IGREJA E NÃO ANDAR ANSIOSO

Helena Sarhan

A ansiedade é considerada o mal do século. Com a vida corrida que levamos, muitas vezes não prestamos atenção aos sinais que nosso corpo dá, e assim mergulhamos num mar de ansiedade.

Vamos começar refletindo sobre os sinais que nosso organismo nos dá quando algo não vai bem. Muitos deles, mesmo indicando que a pessoa está entrando numa crise de ansiedade, podem passar despercebidos: enjoos ou vômitos, tontura e sensação de desmaio, falta de ar, dor no peito com palpitações, dores de barriga, dores musculares, entre outros.

Outros sinais incluem: irritabilidade, pressa constante, insônia, cansaço excessivo, baixa produtividade no trabalho e o sentimento de que algo ruim está para acontecer.

Geralmente podemos vencer a ansiedade exercitando os ensinamentos da Bíblia em nossa vida. Porém, é essencial estarmos atentos a esses avisos que o nosso corpo nos envia, pois, se necessário, devemos procurar ajuda profissional. A ansiedade patológica deve ser tratada por especialistas em saúde mental.

Para aprofundar nossa reflexão, vejamos a definição do termo “ansiedade” segundo o dicionário Michaelis: Sofrimento físico e psíquico; aflição, agonia, angústia, ânsia, nervosismo. PSICOL. Estado

emocional frente a um futuro incerto e perigoso, no qual um indivíduo se sente impotente e indefeso. FIG. Desejo ardente ou veemente; anelo. Sentimento e sensação de intranquilidade, medo ou receio.

Creio que todos nós, ao lermos essa definição, nos identificamos com alguma parte dela — ou talvez com todas. Somos, por natureza, pessoas ansiosas, e precisamos aprender a lidar diariamente com as situações que trazem à tona esse sentimento.

Não devemos imaginar que, por sermos cristãos, estamos imunes à ansiedade. Na verdade, somos chamados a lidar com ela com base na Palavra.

Qual de nós não se sente ansioso e com medo diante de uma enfermidade, do desemprego, de uma crise familiar, da violência ao nosso redor, dos desafios que temos que enfrentar — ou até das lutas pelas quais a nossa igreja passa?

O terapeuta cristão Gary R. Collins faz uma distinção importante: existe a ansiedade normal, que é uma reação natural diante de perigos e ameaças e costuma ser controlada quando as circunstâncias melhoram; e existe a ansiedade aguda ou neurótica, que gera sentimentos desproporcionais de desespero e medo, mesmo quando o perigo é inexistente. Para ambas, Deus providenciou recursos para nos ajudar.

Na maior parte das vezes, a ansiedade surge quando tiramos os olhos de Deus e nos esquecemos daquilo que Ele já fez — e continua sendo capaz de fazer. Não há segredo: devemos ler e estudar a Bíblia, orar, compartilhar nossas aflições com irmãos em Cristo, com nosso pequeno grupo, com pastores e líderes.

Vejamos agora um texto essencial para lidar com a ansiedade do dia a dia e experimentarmos a paz e a tranquilidade que só Deus

pode dar: “Não vivam preocupados com coisa alguma; em vez disso, orem a Deus pedindo aquilo de que precisam e agradecendo-lhe por tudo que ele já fez. Então vocês experimentarão a paz de Deus, que excede todo entendimento e que guardará seu coração e sua mente em Cristo Jesus.” (Filipenses 4.6-7)

Segundo a Bíblia de Estudo NVI, podemos destacar: “Ansiosos”: a preocupação egocêntrica é contraproducente. A ansiedade e a oração são forças opostas na vida cristã. Ação de graças é o antídoto para a preocupação.

“A paz de Deus”: não se trata apenas de um estado mental, mas de uma tranquilidade profunda baseada na reconciliação com Deus — um estado de paz real para os que foram perdoados.

“Excede todo entendimento”: o cuidado de Deus ultrapassa nossa compreensão. O amor de Cristo excede todo conhecimento humano (cf. Ef 3.18-20).

“Guardará o coração e a mente”: a ideia é a de uma sentinela em vigília. Deus protege o âmago do nosso ser com Sua presença e cuidado.

Resumindo: para não sermos consumidos pela ansiedade, devemos entregar a Deus cada ação da nossa vida — e então a paz dEle nos guardará.

Parece simples quando lemos. Mas, quando estamos no meio de uma situação que desequilibra nossas emoções, é preciso exercitar o que aprendemos, com clareza, fé e perseverança, para seguirmos em frente conforme a vontade de Deus.

Sou formada em Psicologia e ansiosa por natureza. Desde muito jovem, nos momentos em que a ansiedade tenta me dominar, lembro de 1 Pedro 5.7: “Entreguem-lhe todas as suas ansiedades,

pois Ele cuida de vocês.”

Essa entrega tem sido um exercício diário na minha vida — e espero que também seja na sua.

Perguntas para reflexão

1. Tenho reagido à ansiedade com oração e entrega, ou deixado que ela me controle?
2. Costumo buscar apoio espiritual e comunitário quando estou ansioso(a), ou tento resolver tudo sozinho(a)?

Texto para memorização

“Entreguem-lhe todas as suas ansiedades, pois Ele cuida de vocês.”

1 Pedro 5.7

DEVOCIONAL 39

SER IGREJA E ENFRENTAR O SILÊNCIO DE DEUS

Edite Colaco

Em um tempo de respostas rápidas, de vida em velocidade máxima e prazos sempre se esgotando, como enfrentar a pausa?

Respire profundamente agora.

Você é capaz de parar neste instante e respirar com profundidade?

Na música, o tempo da pausa é tão importante quanto o tempo da nota. Na pintura, são as sombras que dão o contorno ao quadro. Assim também é na vida: a beleza está em como agimos no contra-tempo – na pausa, nesse respirar profundo.

O capítulo 57 do livro do profeta Isaías começa dizendo que “os justos são tirados (morrem) para serem poupados do mal.” Porém, os que ficam – pecadores como todos nós – continuam a buscar, de forma desenfreada, soluções e respostas para suas dores e razões de viver. Correm atrás de resoluções rápidas, de respostas superficiais. Afinal, quem é vivo tem pressa – pois a morte bate à porta. Vivem como em um pacote turístico do tipo: “Conheça sete capitais europeias em quatorze dias.” Que conhecimento é esse? Vida de foto postada com filtro e sem profundidade.

Na religião, essa mesma sociedade apressada – líquida, como diria Bauman² – busca deuses de ritos rápidos, práticos e caros. Não era diferente nos dias de Isaías. Sem tempo para ouvir a Deus, o povo

² Cf. BAUMAN, Zygmunt. Vida líquida.

190 de Janeiro de 2021.

oferecia sacrifícios a qualquer ídolo. E, à medida que o capítulo avança, vemos sobre atrocidades inimagináveis feitas em busca de respostas, chegando a oferecer seus próprios filhos como sacrifício a Moloque.

Hoje, em tempos de espera, enfrentamos o mesmo desafio: a falsa ideia de que obteremos resposta se simplesmente fizermos mais.

- Faça a campanha das sete semanas e será abençoado.
- Suba ao monte e Deus responderá ao seu pedido.
- Vá de joelhos por toda uma escadaria e ofereça seu sacrifício.

Quantas vezes ouvimos tais coisas? Sacrifícios a um deus severo – que supostamente se curva diante do esforço humano, disfarçado de devoção.

Você já se viu tentando “negociar” com Deus por causa da sua disciplina devocional? Já quis apresentar seu currículo de fidelidade?

– Trouxe meu filho a todos os cultos, lemos a Bíblia toda noite, agora exijo que ele seja perfeito.

- Dei meus dízimos e ofertas, então espero a promoção.
- Sou fiel, oro todos os dias – por que estou doente?

Que deus é esse que não me responde quando eu chamo? “Você ficou exausta com todos os seus caminhos, mas não quis dizer: ‘Não há esperança’. Você recuperou as forças e, por isso, não esmoreceu. De quem você teve tanto medo e temor, a ponto de ser falsa comigo, de não se lembrar de mim e não ponderar isso em seu coração? Não será porque há muito estou calado que você não me teme?” (Isaías 57:10-11)

Até quando vamos confiar na força do nosso próprio braço, sem paciência para ouvir Deus falar no tempo dEle? Confiando na nossa inteligência, achando que já sabemos tudo?

PARE. Respire.

Deus não se impressiona com currículos de “crente do ano”. “Pois assim diz o Alto e Sublime, que vive para sempre, e cujo nome é Santo: ‘Habito num lugar alto e santo, mas habito também com o contrito e humilde de espírito, para dar novo ânimo ao espírito do humilde e novo alento ao coração do contrito.’” (Isaías 57.15)

Enquanto acreditarmos que a solução virá do nosso esforço, não conseguiremos ouvir Deus. Mas Ele nos espera — com elegância — até que falemos tudo e percamos as forças. Como um pai bondoso diante da birra da criança, que aguarda com paciência até que ela se canse e se acalme.

O autor de Jó registra, após os longos discursos do protagonista e seus amigos: “Aqui terminam as palavras de Jó.” (Jó 31.40b) Quando não há mais o que dizer, quando não tenho mais o que fazer — então, enfim, encontro descanso.

Será que precisamos ir ao limite para experimentar o descanso do silêncio?

O espírito contrito e humilde é habitado por Deus. Que promessa! A presença de Deus é tudo o que precisamos.

Ele nos deixou Sua Palavra — quanta sabedoria há nela! Ele fala pelos abraços, pelos irmãos, pela família. Mas você já sabe disso. Quantos versículos poderíamos recitar sobre o cuidado de Deus? Sobre não temer? Sobre aquietar-se?

Se você está na igreja há tanto tempo quanto eu, talvez pense prontamente no Salmos 46.10: “Aquietai-vos...” Ou em Isaías 41.10: “Não temas...” Se sabemos recitar com tanta facilidade a Palavra de Deus, como então podemos dizer que Ele está em silêncio?

No dia mais desafiador da minha vida, assisti pela televisão à

notícia de que meu marido — piloto de helicóptero — havia sido sequestrado em uma tentativa de resgate de presos. Diziam que ele estava ferido gravemente na cabeça e iria morrer. Eu não podia fazer absolutamente nada.

A única coisa que consegui dizer foi: “Salva ele, Senhor.” Sem mais palavras. E, no meu silêncio, pela primeira vez, ouvi a voz de Deus:

— “Não se preocupe. Isso não é para o mal. É para que a minha glória se manifeste.”

Eu me calei. E em silêncio vi o grande milagre que Deus fez.

Encerro com o verso que mais tem falado ao meu coração desde então. Depois de conversar com Deus com honestidade até o limite, Habacuque escreve: “O Senhor, porém, está no seu santo templo; cale-se diante dele toda a terra.” (Habacuque 2.20)

Quando todas as vozes dentro de nós se calam, quando o silêncio nos envolve com paz e se torna nosso descanso — o Senhor fala. Ele renova a nossa força e fé.

E então, com confiança, podemos dizer: “Ainda que a figueira não floresça, nem haja fruto na vide; ainda que decepcione o produto da oliveira [...], Todavia, eu me alegrarei no Senhor, exultarei no Deus da minha salvação.” (Habacuque 3.17a,18)

Agradeça o silêncio. Pois ele fala muito mais do que mil palavras.

Perguntas para reflexão

1. Tenho confiado mais nos meus sacrifícios e disciplinas do que na graça e no tempo de Deus?
2. Tenho buscado ouvir a voz de Deus mesmo quando Ele parece em silêncio?

Texto para memorização

“O Senhor, porém, está no seu santo templo; cale-se diante dele toda a terra.” Habacuque 2.20

DEVOCIONAL 40

SER IGREJA QUANDO A FÉ VACILA

Rafael Galvão

“Nós, que somos fortes, devemos suportar as fraquezas dos fracos, em vez de agradar a nós mesmos.” (Romanos 15:1)

Uma das marcas da geração em que vivemos é o individualismo. Vivemos em tempos de egocentrismo — e isso não afeta apenas nossa vida familiar, profissional ou social. Afeta, principalmente, nossa relação com Deus e com a Igreja. Tornamos nossa caminhada com o Senhor algo centrado apenas em nós mesmos.

Gastamos horas orando por nossos sonhos, planos e desejos. Mas dedicamos apenas segundos, ou alguns poucos minutos, para olhar ao nosso redor. Como Igreja do Senhor, não podemos viver dessa maneira.

Por que refletir sobre isso? Porque, enquanto vivermos focados apenas em nós, não conseguiremos ser Igreja para o próximo quando a fé dele vacilar. Simplesmente porque nossos olhos estarão voltados apenas para dentro. Precisamos parar de olhar apenas para nós e começar a enxergar quem está ao nosso lado.

Você já enfrentou alguma crise de fé? Já precisou de direção? Já lidou com seu próprio pecado, teve que pedir perdão ou perdoar alguém? Já se afastou de Deus e contou com a ajuda de alguém para voltar?

Todas essas experiências fazem parte da nossa jornada — afinal, somos pecadores. Mas, agora, pense: como você se sentiu ao ser aco-

lhido? Ao encontrar o caminho de volta? Ao receber perdão?

Talvez você se lembre de gratidão, lágrimas, alívio, restauração. Agora pergunto: você já parou para pensar que Deus não quer que isso pare em você? Já pensou que há pessoas ao seu redor que precisam exatamente do que um dia você também precisou?

Diante disso, temos duas opções: sermos indiferentes a elas ou, com um coração grato por tudo o que o Senhor fez por nós, sermos instrumentos para que outros também sejam restaurados.

Essa é a beleza da Igreja de Cristo: guiada por Deus, ela se ajuda. Incentiva, suporta, chora com os que choram, se alegra com os que se alegram. Mas também caminha com os que estão fracos, e diz: “vamos juntos — você, eu e Cristo. Isso vai passar.”

Se você está firme na fé, ajude quem precisa ser fortalecido! É sobre isso que o apóstolo Paulo está falando em Romanos 15.1: parem de olhar para si mesmos — olhem para os que precisam de ajuda.

E por que fazemos isso? Porque é isso que Deus faz conosco — e sempre fez. Moisés, ao ser chamado, hesitou. Tomé exigiu provas. Pedro negou Jesus. Homens de Deus que vacilaram — assim como nós. Mas o nosso Deus não é um Deus que nos rejeita quando vacilamos. Ele é cheio de graça e misericórdia.

Tomé não foi rejeitado por Jesus. Pelo contrário: Cristo mostrou as feridas e o convidou à fé. Moisés foi pacientemente convencido por Deus de que não estaria sozinho. Pedro foi restaurado por Jesus com amor, e encarregado: “Apascenta as minhas ovelhas.”

Mas o maior exemplo é o próprio Cristo, que morreu justamente por aqueles que o negaram. No Gólgota, Jesus foi abandonado por todos — e mesmo assim se entregou por amor ao Pai e por amor a nós.

Cristo morreu por aqueles que vacilam na fé.

As Escrituras são claras: Deus quer que vivamos do mesmo modo. A missão da Igreja é fortalecer os fracos, suportar os que estão vacilando. Porque foi isso que Deus fez conosco.

Se um dia fomos perdoados e restaurados, não devemos fazer o mesmo pelos nossos irmãos? Ajudar a suportar as dificuldades, confrontar com amor, caminhar ao lado de quem está vacilando — isso é ser Igreja Viva.

Que, quando nossa fé ou a de alguém próximo vacilar, sejamos invadidos pela graça de Deus — e sejamos Igreja de verdade. Uma Igreja que revela Jesus, que carrega os fardos uns dos outros, que fortalece os fracos, que caminha unida em direção à eternidade com Cristo.

A Igreja do Senhor é chamada para levar ao mundo a glória, o amor, a graça e a misericórdia de Deus. E isso começa quando deixamos de viver apenas para nós mesmos — e passamos a viver como Corpo de Cristo, fortalecendo aqueles que fraquejam na fé e sendo uma Igreja viva para o mundo.

Perguntas para reflexão

Tenho vivido uma fé centrada apenas em mim mesmo ou tenho estendido a mão aos irmãos que vacilam?

De que forma, de maneira prática, posso ajudar alguém ao meu redor que esteja fraco na fé ou passando por uma crise espiritual?

Texto para memorização

“Tenham compaixão daqueles que vacilam na fé.” Judas 1:22

DEVOCIONAL 41

SER IGREJA E VIVER ALÉM DAS DISTRAÇÕES DIGITAIS

Thatiane Guedes

Você já percebeu como, sem nem notar, podemos passar horas no celular? Uma notificação aqui, um vídeo ali, uma mensagem que leva a outra... e, quando vemos, o tempo voou. Isso faz parte da nossa realidade hoje. O digital está em tudo e, de certa forma, é uma bênção. Afinal, quantas vidas têm sido alcançadas pelas redes? Quantas mensagens de esperança cruzam o mundo com apenas um clique?

Sim, Deus pode (e tem!) usado as redes sociais, os cultos *online* e as plataformas digitais para espalhar o evangelho e conectar pessoas que talvez nunca se encontrassem de outra forma. O problema não está na tecnologia. O desafio é como usamos tudo isso — e onde colocamos o nosso coração no meio de tanta informação.

Esse turbilhão digital muitas vezes nos abençoa, mas também pode levar nosso coração a lugares como inveja, comparação, dúvida sobre quem somos, egocentrismo e afastamento da comunhão. Pode nos fazer sentir incapazes de ajudar os outros, de sermos usados por Deus ou de termos algo de bom a oferecer, diante de tantas vidas aparentemente perfeitas nas *timelines* infinitas — e muitas vezes vazias.

Quando me percebo nesse lugar, o versículo de 2 Coríntios 4:7 vem e acalma meu coração: “Temos, porém, esse tesouro em vasos de barro, para mostrar que o poder que a tudo excede provém de

Deus, e não de nós.”

Em essência, somos todos vasos de barro. E isso é maravilhoso, porque o valor não está no vaso, mas no tesouro que ele carrega. O tesouro é Cristo. É o evangelho. É a mesma mensagem que atravessa gerações e continua transformando vidas.

Ser igreja no mundo digital é maravilhoso — mas não pode parar por aí.

Ser igreja é mais do que acompanhar um culto *online* ou curtir *posts* cristãos no Instagram. Ser igreja é ter uma vida de devoção. É estar junto. É partilhar a vida. É sentar-se à mesa, caminhar lado a lado, ouvir com atenção, chorar e celebrar com os irmãos. É ser vaso de barro — alguns rachados, outros remendados, alguns aparentemente intactos e outros tão marcados pelo tempo. É a partir dessas marcas que a mesma mensagem se torna única e real. E podemos tirar de nós o peso da comparação, porque é Deus quem atua em nós.

Mesmo carregando um tesouro, ainda somos imperfeitos e, às vezes, colocamos nosso coração em lugares de vazio. Mas o apóstolo Paulo nos lembra: “Estou convencido de que aquele que começou boa obra em vocês vai completá-la até o dia de Cristo Jesus.” (Filipenses 1:6)

Deus começou algo precioso em nós — e Ele não parou. Ele está trabalhando, nos moldando, nos amadurecendo. Mas sabe como Ele faz isso? Através da nossa busca por Ele, da convivência, das conversas sinceras, das orações em grupo, dos abraços na igreja, dos vasos de barro imperfeitos com quem Ele nos chama a caminhar.

Talvez você já tenha sentido isso: estamos tão conectados no *online* que, às vezes, estamos completamente desconectados no presencial. A mente voa, o coração se dispersa — e, quando percebemos,

estamos vivendo uma fé apressada, interrompida por notificações.

Deus nos convida a algo mais profundo. Ele quer nos ensinar a viver além das distrações. A focar no que realmente importa. A cultivar relacionamentos intencionais. A buscar tempo de qualidade com Ele e com a nossa comunidade de fé.

Se seu coração tem estado preso em comparações ou fragilidades, quero te encorajar a buscar conexão real. Valorize os encontros presenciais, os momentos de conversa sem pressa, os pequenos grupos, os cultos em comunidade. Vamos usar bem as redes — mas vamos também desligar as notificações para ouvir a voz de Deus no silêncio e no encontro real com os irmãos.

Deus não nos chamou para uma jornada solitária. Ele nos inseriu numa família: a igreja. Uma família onde crescemos juntos, onde Ele continua a boa obra que começou em cada vaso de barro — ou seja, em cada um de nós.

Perguntas para reflexão

1. Quais são as distrações digitais que mais têm roubado o meu tempo e minha atenção para Deus?
2. Como posso cultivar relacionamentos mais profundos e intencionais na minha comunidade de fé?

Texto para memorização

“Estou convencido de que aquele que começou boa obra em vocês vai completá-la até o dia de Cristo Jesus.” Filipenses 1:6

DEVOCIONAL 42

SER IGREJA E AGUARDAR O RETORNO DE CRISTO

Joyce Lima

| *Texto bíblico para leitura: 1 Tessalonicenses 5.1-11*

Nossa igreja está completando 45 anos de existência, e estamos celebrando o nome do Senhor Jesus, reconhecendo que esta comunidade nasceu pela vontade de Deus e que, ao longo dessas décadas, inúmeras vidas têm sido tocadas e transformadas por Sua graça.

Pertencemos a essa comunidade cujo propósito primeiro é adorar ao Senhor, o Criador de todas as coisas. A Ele, que nos amou e nos comprou com o sangue do Seu Filho amado, Jesus Cristo, toda honra e glória para sempre!

Pertencer a essa igreja, contudo, envolve estarmos comprometidos fielmente com a missão de revelar o amor e a esperança que temos em Cristo a todos os que estão perdidos, enganados e sem luz no meio de densas trevas. Mas há também uma esperança que aquece o nosso coração: a certeza de que o nosso Salvador, Jesus Cristo, voltará. É promessa do Senhor: “E quando eu for, e vos preparar lugar, virei outra vez, e vos levarei para mim mesmo, para que onde eu estiver estejais vós também.” (João 14.3)

E como aguardamos esse grande momento? O apóstolo Paulo escreveu aos cristãos de Tessalônica que eles “sabem perfeitamente

que o dia do Senhor virá como ladrão à noite” (1 Tessalonicenses 5.2). E eu me pergunto: será que todos nós, aqui em nossa comunidade, temos consciência disso? Pensamos nessa verdade? Estamos, de fato, preparados para esse dia?

Paulo afirma que esse dia não surpreenderá aqueles que não estão mais em trevas, pois são filhos da luz, filhos do dia. A Igreja de Tessalônica sabia da volta de Jesus — e nós também sabemos!

Cientes disso, precisamos reconhecer que pertencemos ao Reino de Deus. Somos chamados de “geração eleita, sacerdócio real, nação santa, povo exclusivo de Deus” (1 Pedro 2.9). Portanto, nosso reino não é deste mundo. Fomos separados e comprados por um alto preço, e devemos viver de acordo com os valores do Reino do nosso Rei Eterno — aquele que prometeu que voltará (Atos 1.11).

Estamos realmente entendendo o que isso significa? Quais as implicações dessa promessa para a nossa vida?

Quando aguardamos algo, expressamos expectativa e interesse por meio de pensamentos, sentimentos e ações. A pergunta que nos confronta é: estamos, de fato, envolvidos de coração com esse grande dia?

A forma como um cristão aguarda a volta de Cristo deve ser refletida em sua maneira de viver. A Palavra afirma que os cidadãos do Reino são como “estrangeiros e peregrinos no mundo”, e que devem se abster “dos desejos carnis que guerreiam contra a alma” (1 Pedro 2.11). Por isso, não devemos viver segundo os padrões deste mundo. Jesus nos alertou: “Ajuntai tesouros no céu, e não na terra”. Onde estiver o nosso tesouro, ali também estará o nosso coração.

Em que temos investido mais tempo? Onde temos depositado nossas energias?

Outro alerta de Paulo é: “não durmamos como os demais, mas estejamos atentos e sejamos sóbrios”. Isso implica viver com intencionalidade, atentos ao nosso chamado e ao nosso destino. Nossos valores devem refletir o evangelho — graça, bondade, amor, esperança, domínio próprio — os frutos do Espírito.

É necessário dedicação, perseverança e foco na Palavra. Só ela é capaz de nos despertar da sonolência espiritual que nos afasta do propósito de Deus.

Vamos, como Igreja, nos preparar. Vamos exortar e edificar uns aos outros, até o dia em que o nosso Rei voltar.

Perguntas para reflexão

1. Você e eu estamos envolvidos de coração com esse grande dia?
2. Onde temos investido mais tempo? Onde gastamos mais energia?

Texto para memorização

“Nós, porém, que somos do dia, sejamos sóbrios, vestindo a couraça da fé e do amor, e o capacete da esperança da salvação.”

1 Tessalonicenses 5.8

DEVOCIONAL 43

SER IGREJA E PERSEVERAR EM MEIO À DOR

Tom Santos

A comunidade que se forma através da igreja sempre foi muito marcante em minha vida: o encontro e as relações com famílias, pessoas, grupos, amigos e irmãos. Pessoas que chegam, pessoas que vão, povo que Deus traz e leva, povo que sempre carrega a marca de uma experiência transformadora.

A igreja é essa referência da presença de Deus no mundo. Entretanto, ela não apresenta sentido se não for compreendida como um organismo vivo e pulsante. Não se resume a paredes e salões — que têm, sem dúvida, sua importância. Mas ela, a igreja, é a expressão da rica herança da Palavra viva, que é o Senhor Jesus, e que se reflete nas vidas que são impactadas e transformadas ao longo das gerações.

Ser igreja e viver igreja é a esperança que o Senhor Jesus nos proporcionou — esperança transformada em realidade quando as portas estão escancaradas para vivermos o evangelho em comunidade e experimentarmos desta igreja que é viva.

A igreja viva produz vida! A igreja viva promove transformações e é transformada por meio da Palavra. Através do Espírito, torna-se habilitada a interpretar as necessidades e desafios de cada tempo e busca oferecer respostas bíblicas a eles.

Não são poucas as histórias que narram como a igreja de Cristo

impactou e transformou vidas através dos tempos. Para mim, uma das mais fascinantes é a jornada de fé e o legado deixado por Nicolas Zinzendorf e a igreja a que pertencia — a Igreja dos Irmãos Morávios. Igreja que compreendeu os sofrimentos das comunidades excluídas e refugiadas de sua época e as acolheu e abençoou com seu trabalho missionário. Tratou dos necessitados não apenas com pão e ações sociais, mas também lhes apresentou o evangelho da transformação e da vida plena em Cristo. Enviou centenas de missionários por toda a Europa do século XVI e mudou a história de milhares de pessoas. Zinzendorf certamente está entre aqueles que ouviram o chamado e entenderam o papel da igreja viva, sem se deixarem deter pelos caminhos difíceis que certamente percorreram até o fim da missão.

Os desafios que igrejas como a dos Irmãos Morávios enfrentaram continuam sendo os mesmos de hoje. Deparamo-nos diariamente com um mundo afundado na decadência de valores éticos, reduzido aos espólios da ganância e do egocentrismo, refém de guerras, devastações, da crueldade humana e da influência do diabo, que controla mentes e corações. O antídoto para essa cruel realidade é compreender e cumprir a missão central da igreja: ser a voz dissonante às agruras deste mundo. Tornemo-nos, pois, servos dispostos a atender ao propósito de Deus, a despeito dos sofrimentos e desafios que recaem sobre nós.

A missão da igreja do Senhor Jesus é promover esperança e acolher os oprimidos — pela dor física, pelas angústias existenciais, pelas dores da alma causadas pela experiência do pecado e pelo afastamento da presença de Deus. É nossa missão, como igreja, conduzi-los ao arrependimento, mostrando que, mesmo atravessando a experiên-

cia do sofrimento, é possível alcançar amadurecimento espiritual e emocional, além de uma vida de intimidade com o Senhor.

A igreja viva persevera no sofrimento e sofre com os que sofrem.

Temos um testemunho vivo em nossos corações e em nossa fé: a própria experiência vicária do Senhor Jesus, que levou sobre si as dores e os aguilhões do pecado em nosso lugar. Bendito seja o nome do Senhor! Ele nos concedeu paz com Deus por meio de seu infinito amor, levando sobre si toda a culpa pelo nosso pecado.

É a partir dessa verdade que a vida pode ser vivida sob uma nova perspectiva — aquela que se refere à paz encontrada em Cristo em meio às turbulências. A paz que excede todo o entendimento!

É missão da igreja viva irrigar as artérias de uma sociedade combatida pela dor, pelo sofrimento, pelo pecado e pela distância da presença do Senhor Jesus. Irrigá-las com essa esperança viva, fruto da Palavra aplicada à vida do crente, promovendo mudanças reais e refletindo em sua conduta diária, em testemunho e perseverança.

O maior exemplo de perseverança em meio à dor é apresentado na vida e no ministério do próprio Senhor Jesus. Ele suportou dores e perseguições, mas não desprezou o seu chamado. Em sua infinita bondade, cuidou de todos os que procuravam cura para suas feridas e dores. Alguns enfrentaram até a morte, e foram trazidos de volta à vida pelo poder daquele que tudo pode.

Jesus curava os doentes, alimentava os famintos, libertava os cativos e, ainda assim, apresentava um caminho de cura para almas dilaceradas. O alimento mais precioso que oferecia não era o pão, mas sua Palavra.

O propósito da igreja viva, que se compadece do sofrimento hu-

mano, está intimamente ligado à missão para a qual foi designada: funcionar com a mesma mente de Cristo. Amar sua missão, preservar o principal ministério — o de anunciar as Boas-Novas —, e oferecer a esperança que o evangelho proclama: o Reino de Deus como resposta àqueles que buscam cura para suas feridas, especialmente as da alma, que só são saradas pela redenção no sacrifício de Cristo. Aleluia!

Deus nos chama à reflexão e nos convoca para a missão de apresentar cura e esperança a um mundo assolado por crises, guerras, fome, miséria, violência e relativização do pecado. Um mundo sem reparação, sem justiça, sem prática do perdão. A igreja viva persevera nesse cenário desafiador, pois tem na Palavra de Deus a fonte inesgotável para se manter em missão.

O Senhor Jesus é quem assume o controle dessa missão. Ele vai à frente e conhece o sofrimento humano. Ele nos ensina o propósito real: servir. Adorar a Deus em plenitude. Pois Deus busca verdadeiros adoradores...

Sofredores, traumatizados, enlutados — todos podem ser verdadeiros adoradores! Todos que buscam ao Senhor em meio à dor podem se tornar verdadeiros adoradores. Pois é nesse contexto de incertezas que o Senhor nos conduz, nos anima e nos ensina a lidar com o desespero. Ele nos traz a luz da esperança e nos mostra que o caminho pode ser trilhado em paz, por meio do consolo que só Cristo oferece.

Assim como o Senhor Jesus, que se apresentou como servo e se compadeceu do sofrimento humano, a igreja viva precisa cumprir o mesmo papel.

Precisa ter em seu DNA a prática do olhar atento às dores pre-

sentes em tantas histórias de perdas. Muitas vezes as dores são persistentes: casamentos se desfazem, filhos tomam rumos diferentes, a demissão chega, a doença insiste. São tantas as mazelas da jornada, que nem centenas de páginas bastariam para descrevê-las.

Todavia, a igreja viva é desafiada a oferecer respostas bíblicas aos que sofrem, conduzindo-os a um encontro com Cristo e sua Palavra. Apoiando-os no discipulado. Promovendo escuta ativa. Compreendendo emoções, experiências de fé, organizando pensamentos e atitudes que impedem a plenitude com Deus e com o próximo.

Perguntas para reflexão

1. Como o Senhor tem usado a igreja para ministrar ao seu coração em momentos de dor?
2. De que maneira você pode ser canal de consolo e esperança na vida de alguém que sofre?

Texto para memorização

“Pois os nossos sofrimentos leves e momentâneos produzem para nós uma glória eterna que pesa mais do que todos eles.”

2 Coríntios 4:17-18

DEVOCIONAL 44

SER IGREJA E MANTER VIVA A ESPERANÇA

Michel Lyra

“Que o Deus da esperança os encha de toda alegria e paz, por sua confiança nele, para que vocês transbordem de esperança, pelo poder do Espírito Santo.” Romanos 15:13

Já que você parou para ler este texto, reflita com sinceridade: qual tem sido a sua fonte de esperança? Onde você tem depositado sua confiança? Qual tem sido sua prioridade? Será que está em adquirir riquezas, buscar reconhecimento, exercer poder ou gerar admiração nas redes sociais? O que realmente tem ocupado o centro do seu coração? Essas buscas têm trazido alegria, paz e motivação duradouras?

O apóstolo Paulo nos alerta: “Se a nossa esperança em Cristo se limita apenas a esta vida, somos os mais infelizes de todos os homens” (1Co 15:19). Diante disso, vale a pergunta: onde temos investido nossa esperança? Que retorno temos recebido? Estamos transbordando das riquezas da Sua glória? Temos nos alegrado no Espírito?

Esperar nEle é depender dEle.

Diferente do imediatismo de nossos tempos, a Bíblia nos ensina a esperar — e a esperar com paciência. Esperar é confiar no invisível. Não esperamos por aquilo que já temos ou vemos, mas pela fé. “Pois foi na

esperança que fomos salvos. Ora, esperança que se vê não é esperança. Quem espera por aquilo que está vindo? Mas, se esperamos o que ainda não vemos, aguardamo-lo pacientemente.” (Rm 8:24-25). Assim também declarou Davi: “Esperei com paciência pelo Senhor; ele se inclinou para mim e ouviu o meu clamor.” (Sl 40:1)

Esperar unicamente em Deus é crer somente nEle.

Nossa fé não se firma em deuses, sistemas, alianças humanas ou forças terrenas. Esperamos no Senhor, e é dEle que vem nossa força. O profeta Isaías reforça esse princípio ao afirmar que aqueles que “esperam no Senhor renovam as suas forças; sobem com asas como águias, correm e não se cansam, caminham e não se fatigam” (Is 40:31). Quando tentamos agir por conta própria, precipitando-nos sem buscar a direção de Deus, caímos em ciladas de vergonha e escravidão. “Ai dos filhos rebeldes, diz o Senhor, que fazem planos que não são meus” (Is 30:1). Você tem feito planos sem consultar o Senhor? É tempo de arrependimento. “Na tranquilidade e na confiança está a vossa força” (Is 30:15).

Esperar, mesmo contra a esperança.

Abraão creu contra toda esperança (Rm 4:18). Ele esperou, confiou e foi justificado. Mesmo em idade avançada e com promessas que pareciam impossíveis, ele confiou no Deus que cumpre sua Palavra. Por isso foi chamado amigo de Deus e pai de muitas nações. A fé de Abraão nos ensina que não há circunstância que impeça a fidelidade divina.

Esperar pela direção que vem da Palavra.

É pela Palavra que conhecemos a vontade de Deus. Por ela somos

transformados e capacitados a discernir tempos, propósitos e ações. A Escritura é:

Fiel e digna de toda aceitação (1Tm 1:15); útil para ensinar, corrigir, educar na justiça (2Tm 3:16); fogo que purifica, martelo que quebra rochas (Jr 23:29); viva, eficaz e penetrante como espada de dois gumes (Hb 4:12). Quanto mais a aguardamos, mais sensíveis nos tornamos à voz do Pai. Enquanto esperamos, somos transformados “de glória em glória, conforme a imagem do Senhor” (2Co 3:18).

Esperar no tempo dEle e agir do modo dEle.

Há tempo para todo propósito. Esperar em Deus nos ajuda a discernir tempos e formas de agir. Não podemos usar estratégias do mundo para cumprir os propósitos do Reino. As armas da carne não vencem batalhas espirituais. Usamos as armas da fé, da oração, da Palavra, da justiça e do amor (Ef 6:12-18). Agimos para que a glória do Senhor seja revelada em nós.

Esperar unicamente nEle...

Depender dEle...

Esperar contra a esperança...

Esperar pela Palavra...

Esperar pelo tempo e pelo modo certo...

Esse é o chamado da Igreja viva: viver e testemunhar a esperança que transforma vidas — e transbordar em alegria, fé e paz, no poder do Espírito Santo.

Perguntas para reflexão

1. Onde você tem depositado sua esperança e como isso tem

moldado suas decisões?

2. Quais áreas da sua vida precisam ser realinhadas à direção da Palavra de Deus?

Texto para memorização

“Que o Deus da esperança os encha de toda alegria e paz, por sua confiança nele, para que vocês transbordem de esperança, pelo poder do Espírito Santo.” Romanos 15:13

DEVOCIONAL 45

SER IGREJA E SER FIEL ATÉ O FIM

Juliana Carrenho

Em tempos de incertezas, desafios e adversidades, é natural que nos perguntemos o que realmente significa ser Igreja. Muitas vezes, o conceito de Igreja é reduzido a um lugar físico, um prédio onde nos reunimos aos domingos para cultuar a Deus, ouvir a Palavra e conviver com os irmãos. Mas ser Igreja vai muito além de paredes, cadeiras ou programações. Ser Igreja é ser parte do corpo vivo de Cristo, chamado a viver em comunhão, amor e serviço, testemunhando o evangelho em palavras e ações. Ser Igreja é ser uma família espiritual, um povo separado, uma comunidade que caminha junta, mesmo em meio às dificuldades da vida.

Ao mesmo tempo, somos desafiados a permanecer fiéis até o fim, mesmo quando o caminho se torna árduo, quando as forças parecem se esgotar e quando as promessas de Deus parecem distantes. A fidelidade que Deus nos pede não é apenas uma resistência passiva diante das adversidades, mas uma decisão diária de permanecer no amor, na obediência, na confiança. É uma fidelidade que se manifesta nas pequenas coisas: nas palavras de encorajamento, na disposição em servir, no perdão oferecido, na generosidade partilhada, no tempo dedicado à oração, no cuidado com os irmãos, no testemunho silencioso e perseverante. Ser fiel até o fim é mais do que suportar as provações; é viver com a certeza de que estamos caminhando para algo maior — a coroa da justiça prometida pelo nosso Senhor.

Lembro-me com carinho da minha chegada à Igreja Batista do Morumbi. Eu estava cheia de expectativas e de vontade de pertencer a esse lugar. Queria me envolver, fazer parte de algo. Foi quando conheci o ministério de dança, que mais tarde passou a se chamar “Expressão de Adoração”. A princípio, achei que seria apenas um lugar onde ensaiávamos coreografias para apresentações na igreja. Mas logo percebi que havia muito mais ali. Durante os encontros, além de dançarmos, nós líamos a Palavra juntas, compartilhávamos nossas lutas e vitórias, e orávamos umas pelas outras. Esses momentos foram fundamentais para o meu crescimento espiritual. Foi ali que compreendi, de forma viva, o que é ser Igreja: não é ocupar um lugar em um culto, mas habitar a comunhão. É alegrar-se com quem se alegra, chorar com quem chora, orar em unidade, caminhar juntas, mesmo que em ritmos diferentes. Aquela experiência me marcou para sempre, pois foi nesse ambiente de entrega e amor mútuo que experimentei, talvez pela primeira vez, o verdadeiro pertencimento ao corpo de Cristo.

A Bíblia nos mostra que é exatamente assim que o Senhor deseja que vivamos como Igreja: como um corpo unido e vivo. Como está escrito em Efésios 4.16: “Dele todo o corpo, ajustado e unido pelo auxílio de todas as juntas, cresce e edifica-se a si mesmo em amor, na medida em que cada parte realiza a sua função.”

Esse versículo expressa com precisão o que vivi naquele tempo - e o que busco viver e promover hoje com as crianças e famílias do Morumbi Kids - ministério infantil da Igreja Batista do Morumbi. Quando cada parte do corpo cumpre sua função, com amor, o crescimento acontece. É nesse ambiente de cuidado mútuo e propósito

compartilhado que nos tornamos Igreja de verdade.

Hoje, aquele ministério já não existe mais. As pessoas seguiram caminhos distintos, as reuniões cessaram... mas algo permanece: a comunhão. As orações continuam, mesmo que silenciosas ou à distância. Continuamos ligadas por algo que não depende da estrutura ou do tempo: estamos unidas pela fé em Jesus. E sabemos que estaremos juntas até o fim, até que Ele venha. Essa é a beleza de ser Igreja — os vínculos que nascem em Cristo são eternos.

Essa vivência me ajuda a compreender com mais profundidade o que Paulo expressa em sua carta a Timóteo. Quando ele diz que combateu o bom combate, terminou a corrida e guardou a fé, não está se vangloriando de sua força, mas reconhecendo a graça que o sustentou até o fim. Ele tinha consciência de que a jornada da fé é longa, cheia de obstáculos, mas que é possível atravessá-la em fidelidade quando estamos enraizados na Palavra e cercados por irmãos de fé. E, ao final, o que nos aguarda é a coroa da justiça — não como um troféu conquistado, mas como uma herança recebida das mãos do justo Juiz.

É esse sentimento de pertencimento, vivenciado com tanta intensidade naquele tempo, que hoje procuro transmitir às crianças do Morumbi Kids e às suas famílias. Meu desejo é que cada uma delas — típicas e atípicas — se sintam vistas, amadas e acolhidas. Que saibam, desde cedo, o que é fazer parte da Igreja de Cristo: ser abraçado como se é, ser valorizado, ser cuidado. Porque isso é ser Igreja: olhar nos olhos, dar as mãos, caminhar juntos, aprender uns com os outros, carregar as cargas e celebrar cada conquista. Meu coração se alegra ao ver o Senhor me usando para, de alguma forma, ser canal do mesmo amor

que um dia me alcançou. Que esse legado de comunhão, cuidado e fidelidade continue a crescer em cada geração, até o dia em que estaremos todos juntos, face a face com Aquele que é o motivo de tudo — Jesus Cristo, o cabeça da Igreja.

Ser Igreja e ser fiel até o fim não é um chamado solitário. Não fomos feitos para caminhar sozinhos. Deus nos coloca em comunidade para que possamos ser suporte uns para os outros, carregar os fardos uns dos outros, chorar com os que choram, alegrar-nos com os que se alegram, ensinar, corrigir, exortar e consolar. Precisamos uns dos outros. Precisamos ser Igreja juntos, porque juntos somos mais fortes. Quando um está fraco, o outro o ajuda a se levantar. Quando um tropeça, o outro o sustenta. Quando um se alegra, todos celebram. Quando um chora, todos choram juntos. Isso é ser Igreja: viver em amor, em unidade, em apoio mútuo.

Muitas vezes, ser Igreja e ser fiel é desafiador porque o mundo à nossa volta nos oferece atalhos, tenta nos seduzir com caminhos mais fáceis, convida-nos a abandonar valores eternos em troca de prazeres passageiros. Ser Igreja é nadar contra a maré. É dizer “não” ao egoísmo, ao orgulho, à injustiça, e dizer “sim” ao amor, à verdade e à santidade. É escolher perdoar quando fomos feridos, buscar reconciliação quando há conflito, permanecer quando seria mais simples desistir, continuar servindo quando ninguém parece notar nosso esforço. Ser fiel até o fim é, muitas vezes, caminhar no escuro, confiando na luz do Senhor; é perseverar mesmo sem ver o resultado imediato; é plantar sementes de fé que, muitas vezes, só outros colherão.

Mas não estamos sozinhos nesse chamado. O Senhor é quem nos sustenta. Ele nos prometeu renovar nossas forças, nos dar ânimo

novo, levantar nossa cabeça e nos lembrar de que não é em vão. Quando nos sentimos fracos, podemos nos apoiar em Sua força. Quando as dúvidas surgem, podemos olhar para a cruz e nos lembrar de que o preço foi pago, que o amor nos alcançou e que nada, absolutamente nada, poderá nos separar do amor de Deus que está em Cristo Jesus, nosso Senhor.

Portanto, não desanime. Mesmo que os dias sejam difíceis, mesmo que você sinta que não tem forças para continuar, mesmo que o mundo pareça opressor, permaneça fiel. Não porque a fidelidade seja fácil, mas porque o Senhor é digno. Ele nos chamou, nos escolheu, nos amou primeiro. E Ele nos assegurou com Sua própria Palavra: “Combati o bom combate, terminei a corrida, guardei a fé. Agora me está reservada a coroa da justiça” (2 Timóteo 4.7-8). Essa promessa é firme. Essa esperança jamais falha. O que hoje parece luta, amanhã será glória. O que hoje é lágrima, amanhã será sorriso. O que hoje é esforço, amanhã será descanso eterno na presença do Senhor.

Hoje, o Senhor te convida a renovar seu compromisso com Ele. Diga: “Senhor, ajuda-me a ser fiel até o fim. Não quero apenas começar bem a caminhada da fé; quero terminar bem. Quero ser Igreja, ser parte viva do Teu corpo, viver em amor, servir com alegria, perseverar na oração, suportar as provações com coragem. Quero ser fiel mesmo quando ninguém estiver vendo, mesmo quando tudo ao redor disser o contrário. Quero viver para Tua glória, Senhor, e confiar que a coroa da justiça me espera, porque o Senhor é fiel.”

Que o Senhor fortaleça seu coração, console suas dores e encha você de esperança renovada. Lembre-se: a fidelidade que Deus pede de nós é uma resposta ao amor infinito que Ele já nos deu.

Perguntas para reflexão

1. Em que momento da sua vida você mais sentiu o valor de pertencer à Igreja de Cristo?
2. Como você pode, hoje, ser um instrumento de comunhão e edificação na vida de alguém da sua comunidade?

Texto para memorização

“Dele todo o corpo, ajustado e unido pelo auxílio de todas as juntas, cresce e edifica-se a si mesmo em amor, na medida em que cada parte realiza a sua função.” Efésios 4.16

POSFÁCIO

A BORDO DA IGREJA VIVA

Carolina Vellaso

Há alguns anos, meu marido e eu tivemos a oportunidade de viajar ao Egito e a Israel com o grupo dos “mestres” da Igreja do Morumbi. Parte da viagem foi feita de ônibus pelo deserto, em direção ao Canal de Suez. Recordo-me de estar de pé às margens do canal, contemplando um imenso navio que deslizava lentamente diante de nós. Empilhados sobre ele estavam centenas de contêineres, grandes caixas de aço que transportam mercadorias do mundo inteiro. Eu nunca havia visto um navio tão carregado, tão de perto. Foi uma cena impressionante.

Uma igreja é como esse navio, carregada de “contêineres”. Cada igreja local, independentemente da denominação, é formada por eles. A Bíblia os chama de “vasos de barro” em 2 Coríntios 4:7. Esses vasos somos nós! Que nome humilde para descrever aquilo que pode, de fato, conter o próprio Deus! É claro que uma igreja pode ter recipientes vazios, que apenas ocupam espaço no “navio”. Mas espero que você não seja um deles, e sim alguém transformado por um encontro pessoal com o Cristo vivo, alguém que carrega dentro de si o poder do Espírito Santo. Esse poder — *dýnamis* (de onde vem “dinamite”), em Romanos 1:16 — é o que torna uma igreja verdadeiramente viva.

Um navio carregado de contêineres parte de um porto e segue rumo a um destino certo. Assim também a igreja, composta por pessoas em quem Deus habita, encontra-se em movimento, deixando o porto e avançando em direção a um destino eterno. Poderíamos cha-

má-lo de nosso “porto de entrada”. Em Hebreus 12:22, esse endereço permanente é descrito com três nomes: Monte Sião, a Nova Jerusalém, a cidade do Deus vivo. Você está a bordo desse navio? Não é por acaso que você tem em mãos um livro intitulado Igreja Viva. Não é accidental que você esteja exatamente onde está neste momento. Deus trabalhou intensamente para conduzi-lo até aqui. Uma corrente de eventos foi tecida para desenhar sua vida e situá-lo hoje na sua relação com Jesus Cristo. Eis apenas um breve resumo de algo que começou em 1925 — há cem anos —, quando você já estava na mente e no coração de Deus.

Em outubro de 1924, um casal recém-casado desembarcava de navio na Baía de Guanabara, no Rio de Janeiro. Eram David e Rosalee Appleby, missionários. Permaneceram um ano no Rio, dedicados ao estudo da língua portuguesa, e depois mudaram-se para Minas Gerais, onde iniciaram seu ministério. Um ano mais tarde, durante uma cirurgia, David faleceu. Nove horas após sua morte, no mesmo hospital, Rosalee deu à luz o filho do casal. Apesar da dor, não se deixou abalar em seu chamado missionário e permaneceu em Minas Gerais por quarenta anos, ensinando a Bíblia e disciplinando jovens para Cristo. Entre eles, estava um rapaz chamado Ary Velloso. Nascido e criado no interior, de família muito pobre — tão pobre que ele e os irmãos pediam uma bengala da padaria de presente de Natal — um pão quentinho era o suficiente para tornar o Natal especial para aqueles meninos.

Ary converteu-se aos dezoito anos e logo passou a auxiliar a missionária americana, Dona Rosalee, no trabalho com a juventude em Belo Horizonte. Quando estava em seus vinte e poucos anos, Dona Rosalee vendeu um anel, comprou-lhe uma passagem de avião

e o enviou para estudar no seminário em Dallas, Texas (ele nem sequer sabia inglês!). Aprendeu a língua durante os anos de formação, especializando-se em grego e preparando-se para o ministério. Ao graduar-se, em 1967, Ary conheceu um homem singular que transformou sua visão do que a igreja poderia ser e o levou a sonhar com o que viria a tornar-se a Igreja do Morumbi. Quem o ajudou a traduzir a formação teológica em sabedoria prática foi Ray Stedman, precursor do movimento Body Life nos anos 1960, em Palo Alto, Califórnia. Concluído esse período de mentoria, Ary retornou a São Paulo. Era julho de 1969.

Foi nesse ponto que eu, uma jovem americana, entrei na história. Estava em Bauru, participando da segunda equipe dos Vencedores por Cristo. Não falava português, havia fracassado em aprender uma segunda língua no colégio e tocava piano apenas “mais ou menos”. Diferente de Ary, nunca precisei pedir pão como presente de Natal, mas também conheci as limitações da escassez. E, como sabemos, nosso Deus é especialista em escolher o pequeno, o improvável, o que nada é (1 Coríntios 1:26). Ary e eu nos conhecemos, namoramos, ficamos noivos por telefone e nos casamos — tudo em 11 meses!

Sem alongar-me em mais detalhes (e são inúmeros), basta afirmar: Deus age de maneiras misteriosas. Mas há ainda algo essencial que você precisa saber para compreender por que existe uma igreja na Rua Carvalho de Freitas, por que você faz parte dela e está lendo este devocional.

Após o casamento, cogitamos mudar para Goiânia para plantar uma igreja. Certo dia, Ary subiu a Avenida Morumbi até um ponto de onde se via a cidade com clareza. Ali, em oração, buscava confirmação de Deus sobre Goiânia. Mas o Senhor deixou claro que não — o

chamado era permanecer em São Paulo e fundar ali uma igreja. Deus tinha planos para esta cidade, e nós deveríamos permanecer. Poucos anos depois, nascia a Igreja Batista do Morumbi. Com o tempo, à medida que seus membros se mudavam, a igreja gerou “igrejas filhas” em outras localidades. Todo trabalho começa pequeno, mas Deus dá o crescimento. Hoje, você faz parte desse fruto abundante.

A igreja do Morumbi que você frequenta hoje é resultado de sementes lançadas há décadas, por pessoas que se dispuseram a ser instrumentos de Deus. Elas foram fundamentais no projeto divino de ampliar Seu Reino, formando comunidades de fé e chamando pessoas, uma a uma, para Sua família. Você é uma dessas pessoas.

E volto à imagem do navio no canal... Você está realmente a bordo? É parte da igreja que caminha rumo à Cidade de Deus, habitada pelo Espírito de Cristo? Ou é apenas um recipiente vazio, ocupando espaço? Uma igreja viva só é verdadeiramente viva na medida em que seus membros estão cheios da vida de Cristo, portando em si o poder explosivo do evangelho. É isso que faz toda a diferença — na igreja e no mundo.

Minha oração por você é esta: “Por essa razão, ajoelho-me diante do Pai, do qual recebe o nome toda a família nos céus e na terra. Oro para que, com as suas gloriosas riquezas, ele os fortaleça no íntimo do seu ser com poder, por meio do seu Espírito, para que Cristo habite no coração de vocês mediante a fé; e oro para que, estando arraigados e alicerçados em amor, vocês possam, juntamente com todos os santos, compreender a largura, o comprimento, a altura e a profundidade, e conhecer o amor de Cristo, que excede todo o conhecimento, para que vocês sejam cheios de toda a plenitude de Deus.” (Efésios 3:14-19)

Este livro foi impresso em 2025 pela Log&Print Gráfica e Logística para a W4 Editora. As famílias tipográficas utilizadas são a PP Mori, Reckless, Tusker Grotesk e AquilineTwo. O papel do miolo é pólenavena 80g/m². O papel da capa é cartão 300g/m².